NATALIA SANTOS CICERI DE OLIVEIRA

REFERENCIAÇÃO MULTIMODAL: A CONSTRUÇÃO DE OBJETOS-DE-DISCURSO NO JORNAL IMPRESSO *FOLHA DE S. PAULO*

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
2015

NATALIA SANTOS CICERI DE OLIVEIRA

REFERENCIAÇÃO MULTIMODAL: A CONSTRUÇÃO DE OBJETOS-DE-DISCURSO NO JORNAL IMPRESSO *FOLHA DE S. PAULO*

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de concentração: Análise Linguística), junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Profa. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran (*in memoriam*)
Coorientador: Prof. Dr. Eduardo Penhavel de Souza

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
2015

Cíceri de Oliveira, N. S.
Referenciação multimodal : a construção de objetos-de-discurso no jornal impresso Folha de S. Paulo / Natalia Santos Ciceri de Oliveira. -- São José do Rio Preto, 2015
150 f. : il.

Orientador: Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran (in memoriam)
Coorientador: Eduardo Penhavel de Souza
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Análise linguística (Linguística) 3. Referência (Linguística) 4. Análise do discurso. 5. Modalidade (Linguistica) 6. Comunicação escrita. I. Oliveira, Natalia Santos Ciceri de. II. Jubran, Clélia Cândida Abreu Spinardi. III. Souza, Eduardo Penhavel de. IV. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. V. Título.

CDU – 41

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof. Dr. Eduardo Penhavel de Souza - Coorientador
Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo
Profa. Dra. Fernanda Corrêa Silveira Galli

Suplentes

Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva
Profa. Dra. Fabiana Cristina Komesu

A meus queridos e amados pais: Cleonice e Walter

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer em uma pequena folha de papel a todos aqueles que me apoiaram e que, direta ou indiretamente, contribuíram para o sucesso deste trabalho. Saibam que esta folha é pequena demais para a dimensão da minha gratidão.

Primeiramente e em especial, agradeço à minha querida orientadora, Profa. Dra. Clélia Jubran (*in memoriam*), que acreditou em minha proposta de trabalho e me orientou com extrema seriedade e compromisso. Agradeço pelas críticas, por ter ajudado no desenvolvimento da minha autonomia, pelos caminhos que me apontou com tanto brilhantismo. Clélia era mais do que orientadora, era conselheira, exemplo de idoneidade e profissionalismo.

Agradeço a meu coorientador, Prof. Dr. Eduardo Penhavel, que se dispôs a seguir com este trabalho e me auxiliou em sua finalização com muito cuidado e responsabilidade. Agradeço pela atenção, pelas palavras motivadoras, pela generosidade e por estar sempre disposto a me ajudar.

Agradeço ao Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo, à Profa. Dra. Anna Flora Brunelli e à Profa. Dra. Fernanda Corrêa Silveira Galli pela leitura cuidadosa e zelosa que fizeram deste trabalho, contribuindo com sugestões que aprofundaram de maneira significativa a pesquisa.

Agradeço aos professores das disciplinas que cursei, cujos ensinamentos me fizeram enxergar a linguagem de maneira mais complexa e aprofundada: Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho, Profa. Dra. Lília Santos Abreu-Tardelli, Profa. Dra. Clélia Jubran, Prof. Dr. Eduardo Penhavel, Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa. À Profa. Dra. Marize Dall'Aglio-Hattnher, pelo apoio no planejamento da pesquisa.

Agradeço a Capes pela bolsa de estudos fornecida durante parte do meu curso de mestrado.

Aos meus "irmãos acadêmicos" de longa data: Michel Fontes, Poliana Ganan e Ana Helena Fiamengui, todo meu carinho e amor!

Às amizades que fiz durante este processo, em especial às mais próximas: Andressa Santos e Letícia Borges, agradeço pelas risadas e por dividir comigo os momentos de angústia.

Aos amigos e companheiros de orientação, Plínio Volponi e Lívia Basseto Turra. Obrigada pelo apoio em um momento tão difícil para nós três. Foi muito bom dividir com vocês as experiências que vivemos com a Clélia.

E, por fim, agradeço à minha família por ter sido a base do meu amadurecimento pessoal e por ter dado as condições para que eu chegasse até aqui. Aos meus espelhos: Cleonice, Walter, Rosângela e Osnir, muito obrigada! Aos irmãos e amigos: Fernanda, José Antônio e Mayco, muito obrigada! Pelas alegrias e risos: Gabrieli e Gabriel, muito obrigada! Pelo amor, respeito, companheirismo e por respeitar as minhas decisões: Michel, muito obrigada!

Tudo é real porque tudo é inventado.
(João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o fenômeno da referenciação, tendo em vista a relação entre verbal e não verbal, no jornal impresso. Especificamente, examinamos como se dá a elaboração de objetos-de-discurso na articulação entre dois elementos constituintes das matérias do jornal *Folha de S. Paulo*: a(s) fotografia(s) e uma expressão nominal tipograficamente destacada na composição da matéria. A partir da caracterização desse processo, que chamamos de *(re)categorização mútua*, analisamos outros processos que lhe são auxiliares e que atuam na construção referencial. Para cumprir com nossos propósitos, realizamos um recorte temático, e passamos a focalizar a referência a objetos-de-discurso pertencentes à categoria *figura pública.* Para constituir o *corpus,* levamos em conta *composições* presentes na primeira página e em páginas internas do jornal. Demonstramos que analisar o fenômeno da referenciação no jornal impresso coloca em questão a constituição desse suporte, cuja dinâmica interfere diretamente no modo como a figura pública é representada. As análises são fundamentadas na Linguística Textual, de orientação sociocognitivo-interacional, que toma a referenciação como atividade discursiva, situada nas práticas sociais dos sujeitos e construída num contexto interacional específico (MONDADA; DUBOIS, 2003; KOCH, 2005), e na *Gramática do Design Visual* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), cuja proposta, aliada à Semiótica Social, apresenta um modelo de descrição de textos de modalidades diferentes. Trazemos, ainda, algumas considerações de autores da comunicação, visando discutir questões relativas ao jornal impresso, como a diagramação e a tipografia. Os resultados das análises mostram que verbal e não verbal, articulados pela diagramação do jornal, operam de maneira dinâmica na construção do referente.

Palavras-chave: Referenciação, multimodalidade, jornal impresso.

ABSTRACT

This research aims at analyzing the referencial process, considering the relation between verbal and nonverbal elements in the newspaper. Specifically, we examine the elaboration of referents in the articulation of two elements that constitute the features of *Folha de S. Paulo* newspaper: the picture(s) and a highlighted noun phrase in the composition. Based on the characterization of this process called mutual (re)categorization, auxiliary processes that works in the referential construction are considered. In order to achieve our goals it was made a thematic approach focusing reference to discourse objects belonging to the category of *public figure*. To constitute the corpus, it was considered compositions from the newspaper front page and inside pages. It was demonstrated that analyzing the newspaper referencing brings into question the constitution of this support, which dynamic interferes directly in the way public figure is represented. The theoretical underpinnings used in this study are from social-cognitive-interactionist Textual Linguistics, that takes the referenciation as discursive activity, situated in social practices of the subjects and built in an specific interactional context (MONDADA; DUBOIS, 2003; KOCH, 2005), and from *Grammar of Visual Design* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), which proposal, allied to Social Semiotics, present a description model of different modalities. Some considerations from authors of communication are also brought, in order to discuss issues related to the newspaper, as the layout and typography. The results point that verbal and nonverbal elements, articulated by the layout, work in a dynamic way in the referent construction.

Key words: Referenciation, multimodality, newspaper.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Funções da organização textual administrada pela diagramação, associadas às estratégias de gerenciamento da atenção mobilizada (HERNANDES, 2012) 72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto presente na 1ª página da *Folha de S. Paulo* – edição do dia 11 de julho de 2013 51

Figura 2 - Foto presente na 1ª página da *Folha de S. Paulo* – edição do dia 11 de julho de 2013 51

Figura 3 - Foto presente na 1ª página da *Folha de S. Paulo* – edição do dia 25 de junho de 2013 53

Figura 4 - Foto presente na 1ª página da *Folha de S. Paulo* – edição do dia 22 de julho de 2013 54

Figura 5 - As dimensões do espaço visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) 59

Figura 6 - Composição presente na 1ª página da *Folha de S. Paulo* – edição do dia 24 de novembro de 2013..... 61

Figura 7 - 1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 31 de maio de 2013 82

Figura 8 - Página presente no caderno Ilustrada, página E1, do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 21 de janeiro de 2013 84

Figura 9 - 1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 31 de maio de 2013 93

Figura 10 - Composição presente na 1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 31 de maio de 2013..... 96

Figura 11 - 1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 11 de julho de 2013..99

Figura 12 - Composição presente no caderno Ilustrada, página E1, do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 22 de julho de 2013..... 107

Figura 13 - Composição presente na 1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 11 de julho de 2013..... 114

Figura 14 - 1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 17 de janeiro de 2013..... 116

Figura 15 - Composição presente no caderno Cotidiano, página C4, do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 24 de novembro de 2013..... 121

Figura 16 - Composição presente no caderno Esporte, página B7, do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 25 de dezembro de 2013..... 130

Figura 17 - Composição presente no caderno Cotidiano, página C8, do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 17 de setembro de 2013..... 133

SUMÁRIO

Lista de quadros..... 8

Lista de figuras..... 9

INTRODUÇÃO..... 12

CAPÍTULO I – A questão da referência: aspectos teóricos..... 22

1.1 A referência nos estudos linguísticos..... 22

1.2 A Linguística Textual e a perspectiva sociocognitivo-interacional da referência..... 30

CAPÍTULO II – A elaboração da realidade e a fotografia..... 42

2.1 A questão da representação na fotografia..... 42

2.2 A Semiótica Social e a *Gramática do Design Visual* (GDV)..... 48

2.3 Compatibilidades entre a Teoria da referenciação e a GDV..... 63

CAPÍTULO III – Considerações acerca do jornalismo impresso..... 68

3.1 O jornal impresso e seus elementos constitutivos..... 68

3.1.1 A diagramação no jornal impresso..... 71

3.1.2 Recursos tipográficos no texto jornalístico..... 75

3.1.3 A fotografia no jornal impresso..... 78

CAPÍTULO IV – Procedimentos de análise e discussão dos resultados..... 87

4.1 Procedimentos de análise..... 87

4.2 O processo de referenciação multimodal no jornal impresso: a (re)categorização mútua..... 90

4.2.1 Caracterização do processo de (re)categorização mútua..... 90

4.2.2 Outros processos atuantes na construção referencial e que auxiliam a apreensão da (re)categorização mútua..... 111

4.2.2.1 A (re)categorização do referente por meio de predicações e outras porções textuais..... 111

4.2.2.2 A (re)categorização do referente por meio do discurso citado.....119

4.2.2.3 A (re)categorização do referente por meio de informações em destaque no corpo da matéria..... 129

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 143

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 146

INTRODUÇÃO

Os estudos iniciais sobre a referência no âmbito da Linguística Textual (LT) tiveram como foco a observação dos mecanismos de coesão referencial que, juntamente com a coesão sequencial, caracterizavam a tessitura do texto. Assim, os primeiros estudos sobre o assunto buscavam explicar os mecanismos de remissão textual realizada por meio de elementos de ordem gramatical ou de ordem lexical.

A observação desses recursos, no entanto, mostrou que o estudo da referência era bem mais complexo e envolvia outros fatores, como a inferência e o conhecimento partilhado, por exemplo, e que, para explicá-la, era preciso ultrapassar os limites dos elos coesivos. A temática da referência sofreu uma ampliação, dada a interferência da vertente sociocognitivo-interacional, e passou a ser tratada como um fenômeno, reconhecido como um dos principais objetos da LT: a referenciação.

Nessa ampliação, a ação de referir é mais do que um mecanismo de remissão textual ou uma atividade de etiquetagem do mundo, mas é um processo revelador do modo como os sujeitos arquitetam sua visão e criam suas versões a fim de cumprir um projeto de dizer. Tal abordagem está diretamente associada à adoção de uma perspectiva característica da Linguística Textual, de orientação sociocognitivo-interacional, que concebe a linguagem como uma atividade que proporciona a interação social.

Os elementos que compõem um texto são, nessa perspectiva, entendidos e tratados como processos que se constroem na relação entre os interlocutores, em práticas discursivas sócio-historicamente situadas. São, portanto, constructos, que se manifestam na materialidade textual, mas advêm dos conhecimentos partilhados entre os envolvidos na interação, de suas memórias e de suas concepções sobre o mundo.

Dessa forma, a referência, considerada pelas tendências correspondentistas como a relação especular entre as palavras e as coisas, sofre um deslocamento condizente com a visão procedural da orientação sociocognitivo-interacional, e passa a ser revisitada sob o postulado da referenciação, cuja defesa recai numa visão construtiva para a qual os referentes "não preexistem 'naturalmente' à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – dessa atividade" (APOTHÉLOZ; REICHER-BÉGUELIN, 1995, p. 228).

A partir desse tratamento mais ampliado, duas grandes tendências nos estudos sobre o assunto vêm se desenvolvendo. As preocupações da primeira tendência se concentram, sobretudo, em pesquisas acerca da função e do funcionamento das expressões nominais anafóricas no processamento textual. Traremos, mais adiante, uma revisão desses estudos. Já a segunda tendência, representada, principalmente, pelos estudos desenvolvidos pelo grupo Protexto[1], problematiza as questões apresentadas pela primeira tendência, na medida em que reconhece outros fatores envolvidos no processo de referenciação, reconhecidos por ultrapassar o universo das expressões nominais.

Como exemplo dessas pesquisas, e por tocar diretamente na temática do nosso trabalho, ou seja, a elaboração de objeto-de-discurso na relação entre verbal e não verbal, citamos aqui Custódio Filho (2011). O autor vai mostrar em sua tese como o objeto-de-discurso se (re)constrói, admitindo que recursos imagéticos podem operar da mesma maneira que as expressões referenciais operam no processo de referenciação. Para isso, o autor analisa a referência a um personagem da série *Lost* e explica a transformação que ele sofre no decorrer dos quatro primeiros episódios a partir de um jogo entre o verbal e o não verbal.

[1] O grupo Protexto é um grupo de pesquisa da Universidade Federal do Ceará coordenado pela professora Mônica Magalhães Cavalcante.

Importante lembrar que a relevância de se reconhecer outras semioses no processo de referenciação já vinha sendo apontada em trabalhos como os de Mondada (2005) no que ela chama de *abordagens plurais das práticas referenciais*. Num estudo sobre a construção referencial operada por meio da expressão "you see" em interações entre médicos numa sala de cirurgias, a autora destaca o papel de outras práticas além das verbais na gestão da referência:

> Estas práticas obrigam a Linguística a não se limitar a dar conta de atividades dos interlocutores que seriam exclusivamente verbais e, assim, relegar os outros processos ao domínio da cognição. Elas obrigam, ao contrário, a levar em consideração as situações – numerosas – em que a palavra está imbricada na ação não-verbal, na materialidade do contexto e na manipulação de objetos. Isto nos parece fundamental para uma reflexão sobre a produção da referência – que se faz por meio de *práticas sociais multimodais* e não somente linguísticas. (MONDADA, 2005, p. 15-16, grifo da autora)

Outros trabalhos, como os de Bentes e Rio (2005), reafirmam a relação entre referenciação e multimodalidade, destacando o caráter dinâmico da construção referencial, em que aspectos relativos ao espaço, ao contexto, ao conhecimento partilhado dos interlocutores são de extrema importância para o entendimento da referência. Elas analisam algumas estratégias de construção de referentes mobilizadas por jovens estudantes universitários em um contexto de entrevista semimonitorada.

As autoras mostram, a partir dos comentários que os universitários tecem sobre um episódio do programa *Brava Gente*, como suas práticas referenciais estão ligadas ao contexto mais imediato de interação, à maneira como os referentes são mostrados e introduzidos, e a certos recursos não-verbais, como os gestos que um dos integrantes utiliza no momento em que instaura a referência a um personagem, imitando a forma como esse personagem se movimenta no episódio. Além disso, a (re)construção da referência aos personagens, realizada pelos universitários, é ancorada em recursos audiovisuais, o que destaca a capacidade referencial de outros sistemas sígnicos.

A consideração de textos compostos por sistemas sígnicos diferentes tem sido uma preocupação no campo de estudo da Linguística Textual e tem movido alguns autores a buscarem reflexões de ordem teórico-metodológica que auxiliem em seu tratamento. Bentes, Ramos e Alves Filho (2010, p.390) referem-se à natureza multimodal dos textos como um dos objetos que desafiam os estudos do texto na atualidade.

Dessa maneira, a noção de texto tem sofrido uma ampliação necessária para as abordagens que consideram outros sistemas semióticos. Marcuschi (2008) salienta algumas implicações que emergem da definição de texto de Beaugrand (1997) como "um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais". Para o autor, dessa definição decorre uma riqueza de aspectos envolvidos na construção textual, dentre os quais o aspecto multimodal, visto que "o texto é construído numa orientação de multissistemas, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não-linguísticos no seu processamento" (MARCUSCHI, 2008, p.80).

Também Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 65), revisitando o conceito de texto elaborado por Koch (2009, p. 32-33)[2], propõem duas alterações, que contribuem para sua ampliação. Os autores consideram como *produção de linguagem* tanto as manifestações verbais quanto as manifestações não verbais e ainda suprimem referências ao que seja estritamente linguístico, o que resulta na seguinte concepção:

> A produção de linguagem [verbal e não-verbal] constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentido que se realiza, evidentemente, com base nos elementos ~~[linguísticos]~~ presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no

[2]Em Koch (2009, p.32-33) lê-se "Portanto, na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos. A produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base em elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução - e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal."

> momento da interação verbal. (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p.64)

Para Kress e Van Leuween (2006, p. 20), todo texto é por natureza multimodal, mesmo as manifestações consideradas puramente verbais. A fala não se manifesta apenas pelo modo verbal, mas se combina com outros modos como gestos, expressões faciais, postura; e a escrita, principalmente com as novas tecnologias, é produzida em tipos de letras diferentes, com recursos e instrumentos diferentes. Como é possível notar, a multimodalidade passa a ser considerada um aspecto constitutivo do texto, o que torna imprescindível a revisão de alguns fenômenos à luz desse reconhecimento.

Em nosso trabalho, examinamos o processo de referenciação, reconhecendo, pois, que outros sistemas sígnicos podem operar na elaboração de objetos-de-discurso. Assim, observando algumas matérias do jornal *Folha de S. Paulo*, percebemos que, de maneira recorrente, aparecem na primeira página ou nas páginas internas uma expressão nominal, tipograficamente destacada, e uma fotografia, que atuam de maneira articulada na construção de um objeto-de-discurso.

Isso nos levou a uma indagação e, consequentemente, à investigação do modo como se constrói a referenciação, levando em conta a relação entre o material verbal e o material não verbal que compõem textos noticiosos na *Folha de S. Paulo*. Mais especificamente, analisamos como se dá a articulação entre essa expressão nominal em destaque e o referente em foco na fotografia. Para isso, foi realizado um recorte temático e passamos a observar a construção de referentes que se encaixam na categoria *figura pública* - ou seja, celebridades, políticos, músicos, atletas, desportistas.

Como dito, fundamentamos nosso trabalho numa concepção construtiva do processo de referenciação para a qual os referentes são produtos culturais da atividade cognitiva e interativa dos sujeitos, ou seja, eles deixam de etiquetar os objetos-de-mundo,

numa relação direta entre linguagem e realidade, para se instituírem como objetos-de-discurso, entidades dinâmicas que tomam forma e se modificam no fazer discursivo. Não se trata, no entanto, de negar a realidade, mas admiti-la como versões resultantes dos conhecimentos que os sujeitos têm sobre o mundo, de suas expectativas em relação ao outro, de suas crenças, de suas experiências. Em contraponto a uma noção de representação como espelhamento, para a abordagem sociocognitivo-interacional, a função "representativa" da linguagem destaca a forma como os sujeitos operam na elaboração dos referentes, tendo em vista um projeto de dizer.

De maneira análoga entendem os autores que adotamos para a análise das fotografias. A *Gramática do Design Visual* – doravante GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) – é uma proposta alternativa que vem sendo utilizada em trabalhos, na área da Linguística e Linguística Aplicada, interessados na relação entre verbal e não verbal. Trata-se de um modelo de descrição para textos de natureza multimodal, com enfoque para os modos semióticos visuais. Tal perspectiva está aliada à Semiótica Social, cujas bases são lançadas em 1988 por Hodge e Kress no trabalho *Social Semiotic,* que tem como sustentação a concepção de linguagem de Halliday (1978), considerada a partir de seus aspectos comunicativos, funcionais e sociais.

Kress e van Leween (2006, p.7) dizem que a representação é um processo pelo qual os sujeitos constroem signos de acordo com seus interesses. A imagem e, para nós, de maneira mais específica, a fotografia, é também uma construção resultante de escolhas determinadas pela história cultural, social, psicológica e pelo contexto em que é produzida. Consideramos, assim, que as fotografias são produtos de escolhas que, articuladas ao verbal, operam na (re)construção do objeto-de-discurso.

Esse processo de referenciação multimodal é, a nosso ver, potencializado quando se leva em conta um suporte como o jornal impresso. As estratégias de diagramação

próprias desse meio, como a disposição das matérias na página do jornal, os recursos tipográficos, o uso da fotografia, privilegiam uma configuração visual que encaminha o leitor para diferentes movimentos de leitura e, consequentemente, para uma elaboração dinâmica do referente.

Para nós, a forma como se constitui a referência no jornal impresso é relativa à própria configuração desse suporte. Portanto, trazemos à discussão a necessidade de se analisar os fenômenos constitutivos do processamento do texto, levando-se em conta o suporte em que são veiculados. No capítulo de análise, veremos que o *layout* do jornal impresso atual é, em vários momentos, determinante para a (re)construção de objetos-de-discurso.

Na seleção de nosso *corpus*, tomamos como objetos de análise o que temos chamado de *composição*, ou seja, uma "unidade textual", que focaliza uma determinada figura pública, e que pode estar presente tanto na primeira página quanto em alguma página interna do jornal. Geralmente, essas composições são formadas por fotografia, título, legenda e corpo de um ou mais textos noticiosos[3].

Para a seleção dessas composições, partimos da primeira página, localizando *uma determinada* figura pública[4] e, depois, recortamos a composição interna para a qual essa chamada nos encaminhou. Assim, fazem parte das composições os materiais verbal e não verbal relativos a essa figura pública. A seleção a partir da fotografia da primeira página se justifica pela relevância que a imagem assume ao ser um recurso utilizado na

[3] Pelo foco de nossa pesquisa, não aprofundaremos questões teóricas relativas aos gêneros selecionados. Discutiremos brevemente que se trata de textos híbridos, que, pela própria configuração do jornal impresso, caracterizam-se por uma fusão de modos semióticos diferentes.

[4] Importante reforçar que a delimitação da composição foi realizada a partir da consideração da figura pública em foco na matéria. Isso porque, devido às estratégias de diagramação da página do jornal, percebemos que é comum uma composição estabelecer relações com outra(s) composição(ões) de temática(s) diferente(s), mas interligadas por estratégias de diagramação e/ou por relações intertextuais. Salientamos que não vamos abordar casos como esses. Deixamos isso como possibilidade de um desdobramento futuro deste trabalho.

diagramação para captar a atenção do leitor e fidelizar a leitura da matéria. É a partir dela que o leitor será encaminhado para o conteúdo verbal.

Assumindo, portanto, como princípio a existência de uma articulação entre verbal e não verbal na construção de referentes nas composições que selecionamos, nosso objetivo geral é mostrar **como** se dá essa articulação. Mais especificamente, nosso objetivo é discutir um aspecto particular dessa articulação entre verbal e não verbal, a saber, o processo aqui denominado de *(re)categorização mútua*.

Nesse sentido, este trabalho compreende dois objetivos específicos. O primeiro objetivo é, então, demonstrar a existência desse processo e o caracterizar detalhadamente. Como iremos esclarecer, a (re)categorização mútua consiste numa relação de ancoragem[5] recíproca entre a fotografia da figura pública em foco numa composição e uma expressão nominal tipograficamente destacada que apresenta uma descrição dessa figura pública. Trata-se de um processo em que verbal e não verbal convergem de maneira recíproca na elaboração do objeto-de-discurso.

O segundo objetivo (que complementa o primeiro) é, então, mostrar outros três processos observados no material verbal que atuam na construção referencial e que auxiliam a apreensão da (re)categorização mútua: a (re)categorização por meio de predicações, a (re)categorização por meio do discurso citado e a (re)categorização por meio de informações em destaque[6] no corpo da matéria. Esses processos somados ao dinâmico movimento que caracteriza a leitura do jornal evidenciam a complexidade e a relevância de se analisar a referenciação nesse suporte, levando-se em conta sua natureza multimodal.

---

[5] O termo *ancoragem*, neste trabalho, tem uma acepção que busca recuperar a relação entre um termo (re)categorizador e sua(s) âncora(s), não de maneira sequencial, mas de maneira dinâmica e característica da natureza multimodal das composições que são parte de nosso *corpus*. Explicamos no capítulo III, no tópico 3.1.3, em que essa acepção se difere da clássica relação de *ancoragem* defendida por Barthes (1982).

[6] Referimo-nos aqui a informações presentes em subtítulo, intertítulo e olho da matéria. Esses trechos aparecem em relevo no corpo do texto e ressaltam informações que saltam aos olhos do leitor.

Nossos textos foram coletados do acervo digital do jornal *Folha de S. Paulo*, durante o ano de 2013. São, pois, reproduções do jornal impresso, guardando suas características e organização originais. A escolha da *Folha de S. Paulo* justificou-se por ser um dos maiores jornais impressos de circulação do Brasil, segundo a Associação Nacional de Jornais.

Buscando atender nosso primeiro objetivo, ou seja, o de demonstrar e explicar o processo de (re)categorização mútua, nos limitamos a observar composições presentes na primeira página ou na página interna que apresentaram a relação entre uma expressão nominal em destaque e uma fotografia ilustrando uma figura pública.

Para desenvolver a análise aqui proposta, organizamos esta dissertação em mais quatro partes, além desta introdução e das considerações finais. No capítulo 1, apresentamos uma revisão dos estudos sobre referenciação. Esse capítulo está dividido em duas seções: na seção 1.1, trazemos algumas abordagens da referência nos estudos linguísticos, buscando orientar o texto para a seção 1.2, em que discutimos e defendemos a perspectiva sociocognitivo-interacional para o tratamento da referência.

De maneira paralela, no capítulo 2, tratamos de alguns estudos sobre a fotografia, buscando complementar o embasamento sobre a multimodalidade. Na seção 2.1, discutimos brevemente os diferentes posicionamentos epistemológicos adotados acerca da noção de representação na fotografia, nos séculos XIX e XX, a fim de esclarecer a noção de representação adotada neste trabalho. Na seção 2.2, apresentamos os recursos descritos pela *Gramática do Design Visual* (ou GDV) para a análise de imagens, dirigindo o texto para o tópico 2.3, em que amarramos os dois primeiros capítulos, tratando dos pontos de convergência entre a Teoria da referenciação e a GDV.

No capítulo 3, apresentamos algumas considerações acerca do jornalismo impresso, tendo em vista que as particularidades da referenciação multimodal aqui

estudadas estão diretamente ligadas a características do jornal, como a diagramação, a tipografia, etc. Na seção 3.1, tratamos dos elementos constituintes do texto jornalístico impresso, organizando-os em três subseções que abrangem: na subseção 3.1.1, questões referentes à diagramação; em 3.1.2, algumas observações sobre tipografia; e, em 3.1.3, uma breve discussão sobre a função da fotografia no jornal impresso.

Por último, no capítulo 4, mostramos, na seção 4.1, os procedimentos que nortearam nossas análises e damos sequência com a apresentação dos resultados, na seção 4.2. Em 4.2.1, caracterizamos o processo observado na articulação multimodal, chamado por nós de *(re)categorização mútua*. Em seguida, na seção 4.2.2, abordamos outros processos que contribuem para a (re)categorização mútua. A esse respeito, discutimos três questões: em 4.2.2.1, abordamos a (re)categorização do referente por meio de predicações; em 4.2.2.2, tratamos da (re)categorização do referente por meio do discurso citado; em 4.2.2.3, analisamos a (re)categorização do referente por meio das informações em destaque no corpo da matéria.

Assim sendo, damos continuidade a este texto com o capítulo sobre referencia(ção). Como já dito, após situar o assunto no âmbito dos estudos linguísticos, defendemos uma abordagem sociocognitivo-interacional da referência. Será visto que nossa proposta se enquadra no que vem sendo chamada de *segunda tendência nos estudos da referenciação*, caracterizada, principalmente, por adotar uma perspectiva mais ampla sobre o fenômeno, já que admite a integração de outros elementos na (re)construção de objeto-de-discurso, além dos sintagmas nominais.

CAPÍTULO I – A construção da referência: aspectos teóricos

Neste capítulo, versamos sobre a questão da referência nos estudos linguísticos. Primeiramente, no tópico 1.1, discutimos algumas abordagens linguísticas que tratam/trataram sobre a referência, a fim de contextualizar e justificar, no tópico 1.2, a adoção da abordagem sociocognitivo-interacional do fenômeno. Veremos que, com essa abordagem, a referência passa a ser tratada como um processo dinâmico e complexo. Esse tratamento amplia a concepção do fenômeno, tornando possível a admissão de uma diversidade de fatores envolvidos na atividade de referir, tal como a multimodalidade.

1.1 A referência nos estudos linguísticos

Diferentes áreas do conhecimento se ocuparam e ainda se ocupam do estudo sobre a referência. O modo como referenciamos o mundo é algo que atrai, por exemplo, o pesquisador da linguagem porque o leva a compreender relações muito caras à investigação científica, algumas como a relação entre linguagem e mundo, a relação entre linguagem e pensamento, e a relação entre linguagem e sujeito.

Por essas temáticas, a questão da referência esteve ligada à lógica e à filosofia, cujas reflexões estão no cerne das discussões sobre o assunto no século XX. Dentre elas, as tendências correspondentistas do tratamento da referência admitem como pressuposto básico a relação direta entre as palavras e as coisas. Nessa perspectiva, as palavras descrevem como são as coisas do mundo. O sujeito e a enunciação são postos de lado, interessando apenas o paralelismo entre a estrutura lógico-semântica da linguagem e a estrutura dos fatos.

No âmbito da Linguística, a importância atribuída à temática da referência dependeu do recorte que as diferentes perspectivas teóricas apresentaram de seus objetos de estudo. Inicialmente, a abordagem saussuriana, buscando instaurar a autonomia da Linguística no campo científico, determinou como objeto a língua, entendendo-a como um sistema de relações autônomo e independente do sujeito e do contexto.

Assim recortada, a língua foi subordinada a um tratamento metodológico que a unificou e a homogeneizou, tornando possível sua formalização. Dessa maneira, tudo o que estivesse fora da rede de propriedades formais era considerado marginal. A língua deveria ser descrita a partir de relações internas, abstraída da fala e de qualquer manifestação heterogênea, variável e, portanto, assistemática.

Nesse quadro, a questão da referência foi relegada a um plano secundário. A reformulação do conceito de signo composto por duas faces deixa isso claro. Para Saussure:

> O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chama-la "material", é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 2006, p. 80)

Tanto imagem acústica quanto conceito, ou seja, *significante* e *significado*, são, para o autor, noções abstratas, de caráter psíquico, sem qualquer relação com a realidade (SAUSSURE, 2006, p. 83). Cardoso (2003, p. 9) explica que desde os estoicos o signo era uma entidade constituída de três elementos: significado, palavra e referente; para o estruturalismo, no entanto, o signo passa a ser constituído de uma relação binária arbitrária. O referente, exterior ao signo, não é considerado e não deve ser confundido com o significado (noção abstrata), ou seja, os conceitos. Isso se deve ao fato de a língua

ter sido tomada como um sistema de valores, de maneira que a significação deveria se esgotar nas relações diferenciais entre um conceito e uma imagem acústica:

> A mais radical expressão da extradição do referente no projeto saussuriano acha-se na concepção de língua como um sistema de *valores puros, relacionais, diferenciais* [...]. O que vale para a concepção de língua enquanto sistema de valores é a grade de relações internas, diferenciadas, colocada pela língua enquanto sistema sincrônico. As relações paradigmáticas, assim como as relações sintagmáticas, da forma como Saussure as concebe, devem exaurir a significação dos signos. (CARDOSO, 2003, p.18 *grifos da autora*)

Por essa concepção, o signo significa por si só, sem qualquer influência do sujeito que o utiliza e do mundo denotado por ele. É, todavia, com a semântica da enunciação, inaugurada por Benveniste, que a questão da referência começa a ser revista, retomando seu espaço. Embora não negue os princípios estruturalistas, Benveniste aponta a incoerência que cai Saussure quando este autor estabelece que a união de um significante a um significado é arbitrária e, por isso, sem nenhuma ligação com a realidade. Em "Natureza do signo linguístico" (BENVENISTE, 1995, p. 54), o autor contesta a definição saussuriana, que contraditoriamente acaba por considerar o referente/a realidade na designação do conceito. Para ele, a defesa de Saussure sobre a arbitrariedade entre a ideia "soeur" e o significante *s-ö-r* só é possível porque "inconscientemente" pensa-se na realidade da noção.

Esse raciocínio leva Benveniste a postular uma relação *necessária* (e não arbitrária) entre significante e significado, já que, segundo ele, essas duas faces do signo são evocadas mutuamente. O que para o autor é arbitrária é a relação entre o signo e o objeto material que ele designa. Cardoso (2003, p.73-74) explica que, mesmo sendo arbitrária, essa relação considerada por Benveniste destaca a capacidade que a língua, enquanto funcionamento, tem de representar e produzir mensagem:

> [...] é nessa relação entre o signo e o objeto, arbitrária no caso dos signos linguísticos, que o signo retém do objeto a formação do conceito, que, distinto do objeto, não é senão um exemplar deste. Garante-se, desse modo, o processo de representação da linguagem. Na base das funções conceptuais, abstratas, próprias do ser humano, reside a capacidade representativa de essência simbólica. A transformação simbólica dos elementos da realidade ou da experiência em conceitos é o processo pelo qual se cumpre o poder racionalizante do espírito humano. O pensamento é, para Benveniste, o poder de construir representações das coisas e operar sobre essas representações (CARDOSO, 2003, p. 73).

Para admitir a relação entre signo e realidade Benveniste, em "Semiologia da língua" (1989), diferencia dois níveis de significação: o nível *semiótico* e o nível *semântico*. Para ele, a noção de signo linguístico, tal como instituída por Saussure, corresponde ao nível semiótico[7], que compreende apenas as relações distintivas internas ao sistema. Assim, a relação entre signo e referente estaria presente no nível semântico, o nível do funcionamento da língua, que, manifestada pela enunciação, tem por função produzir sentido e referenciar uma dada situação:

> Com o semântico entramos no modo específico de significância que é engendrado pelo DISCURSO. Os problemas que aqui se colocam são função da língua como produtora de mensagens. Ora, a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz sentido, é, ao contrário, o sentido (o "intencionado"), concebido globalmente, que se realiza e se divide em "signos" particulares, que são as PALAVRAS. Em segundo lugar, o semântico toma necessariamente a seu encargo o conjunto dos referentes, enquanto que o semiótico é, por princípio, separado e independente de toda referência. A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso (BENVENISTE, 1989, p. 65-66).

No texto "O aparelho formal da enunciação" (1989), o autor propõe a análise teórica dos índices formais da língua, tais como os índices de pessoa, os índices de ostensão e as formas temporais, e recoloca a questão da referência, vista como parte integrante da enunciação.

[7] A noção de "modo semiótico" adotada neste trabalho não condiz com a noção de "nível semiótico" de Benveniste. Entendemos como modos semióticos as diferentes possibilidades de constituição de sentido que emergem do uso da linguagem, como palavras, imagens, gestos, formas, etc.

A referência como parte integrante da enunciação situa o locutor no discurso, e o referente é preenchido apenas em circunstâncias concretas de uso. Isso parece conferir um certo dinamismo à referência na medida em que, ao situá-la na enunciação, os referentes não podem ser previstos ou fixados. No entanto, embora Benveniste inclua esse mecanismo no quadro do funcionamento da língua, ele é visto como interno à enunciação, ou seja, trata-se de uma referência "do aqui e agora", de uma referência a uma situação específica e aos sujeitos que participam dessa situação. Assim, por reconhecê-la no âmbito de um acontecimento individual e a partir de um tratamento de base estruturalista, a teoria de Benveniste impossibilita que a referência seja tomada como *processo*.

Blikstein (1990) rediscute o elemento extralinguístico, defendendo sua recuperação pela Linguística. Para ele, a referência pode ser explicada, admitindo-se que o universo e o nosso pensamento, antes mesmo da própria linguagem, começam a se organizar na percepção/cognição. Ao tentar explicar o enigma de Kaspar Hauser[8], o autor destaca a importância de primeiramente se perguntar como percebemos as coisas, a realidade e o mundo, a partir de nossa experiência perceptivo-cognitiva, para depois compreender como expressamos essa percepção por meio da linguagem. Segundo ele, o elemento "extralinguístico", *situado na dimensão cognitiva*, está na base da produção de sentido:

> [...] o fato de o referente ser extralinguístico não significa que deva ficar fora da linguística; ele simplesmente está situado *atrás* ou *antes* da linguagem como um evento cognitivo, produto de nossa percepção. [...] Mas a maioria dos linguistas parece não querer levar em conta o *referente* na explicação dos mecanismos de produção de significado. E a consequência mais danosa causada pelo descarte do *referente* foi expulsar a dimensão perceptivo-cognitiva do aparelho teórico da linguística e da semiologia, como se a percepção/cognição fosse apenas pertinente à psicologia, à filosofia ou à antropologia. A linguística deveria, a meu

[8] No início do século XIX, na Alemanha, Kaspar Hauser, ainda criança, teria sido abandonado e passado sua vida aprisionado sem contato com humanos, o que impossibilitou o desenvolvimento de sua competência linguística. No livro, *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade* (1990), Isidoro Blinkstein recupera a dramática história desse jovem, reproduzida no filme de Werner Herzog, para revisar e discutir o problema da relação entre língua, pensamento, conhecimento e realidade.

> ver, voltar mais a sua atenção para a natureza da experiência perceptivo-cognitiva e procurar detectar a função e o papel desta na configuração do "real" bem como na arquitetura conceitual de nosso pensamento. Seria na percepção, portanto antes mesmo da própria linguagem, que se desenhariam as raízes da significação (BLIKSTEIN, 1990, p.39, *grifos do autor*).

Na verdade, nossa cognição afigura a realidade e a transforma em referente; nas palavras do autor, o referente nada mais é do que a realidade fabricada. Todavia, reconhecer a percepção/cognição como elemento transformador da realidade ainda não é tudo; para Blikstein, é necessário compreender os mecanismos que transformam a realidade em referente.

O autor retoma o modelo proposto por Chomsky e afirma que nele é possível localizar tais elementos. Blikstein (1990, p. 50-51) explica que para o gerativismo "o estímulo físico transforma-se em percepção, depois de interpretado por processos mentais [...] nossa percepção não é 'ingênua' ou 'pura' mas está condicionada a um sistema de crenças e estratégias perceptuais". No entanto, o problema da proposta de Chomsky é explicar esse sistema a partir da hipótese do inatismo[9] e, para Blikstein, ao contrário, a percepção que temos do mundo depende muito mais da *práxis*. No caso de Kaspar Hauser, por exemplo, a cognição (inata) e certo domínio de linguagem não foram suficientes para que o rapaz pudesse compreender o mundo; o que lhe faltaram foram o contato e a prática social:

> Kaspar Hauser esteve isolado de qualquer contexto ou prática social; pois bem, o que podemos verificar na sua experiência é que, a despeito da ação da linguagem (adquirida na fase adulta) ou de uma eventual organização mental inata, Kaspar Hauser não consegue captar o mundo como o faz a sociedade que o cerca. Fica evidente então que o seu sistema perceptual está desaparelhado de uma *prática social*. E é nessa *prática social* ou *práxis* que residiria o mecanismo gerador do

[9] Para a abordagem gerativista (CHOMSKY, 1998, p. 20-21), a aquisição da linguagem e a produção de estratégias perceptuais dependem de um mecanismo inato. No caso da linguagem, esse mecanismo é chamado de Gramática Universal, que seria seu estado puro, composto por princípios gerais, determinados biologicamente e transmitidos geneticamente. Isso comprovaria a competência inata do ser humano para o domínio da linguagem.

> sistema perceptual que, a seu turno, vai "fabricar" o referente (BLIKSTEIN, 1990, p. 52-53, *grifos do autor*).

Kaspar Hauser era incapaz de significar e compreender o mundo que o cercava, já que acionar apenas sua capacidade inata não o levava a "agir adequadamente". A percepção/cognição de que trata Blikstein (1990) é, pois, "moldada" por aspectos sociais e culturais. Nesse sentido, a relação linguagem-mundo ganha nova forma, agora mediada pela cognição socialmente situada.

É, pois, no sociocognitivismo que a Linguística atual tem buscado a concepção de cognição como fenômeno social e cultural. Ao contrário das teorias clássicas sobre a cognição, o quadro do sociocognitivismo questiona a separação entre fenômenos mentais e fenômenos sociais propondo um tratamento diferenciado à compreensão do processamento cognitivo.

Reconhece-se, nesse tratamento, um tripé sobre o qual se assenta toda explicação sobre o trabalho intelectivo e sobre os processos de construção do conhecimento: o social, a cognição e a interação. Koch e Cunha-Lima (2007, p. 280) explicam que existe entre o que está fora e dentro da mente uma inter-relação complexa, constituída na/pela interação.

A própria teoria da enunciação, como proposta por Benveniste, bem como toda a tradição pragmática representaram um grande passo para os estudos linguísticos ao possibilitar outras abordagens e focalizar o que antes era considerado periférico. Como já visto na sucinta exposição que fizemos sobre Benveniste, esses estudos entendiam a língua como ação e abriram espaço para o tratamento de fenômenos em situações de uso. Alguns deles colocaram a interação como eixo das atividades linguísticas, no entanto, a noção de interação sustentada por algumas dessas teorias parece ficar restrita à análise de fatores relativos a trocas sequentes e independentes entre os interlocutores.

Koch e Cunha-Lima (2007) vão dizer que pouco se considera, por exemplo, sobre o conhecimento partilhado pelos participantes durante a interação. O processamento

cognitivo, os conhecimentos e as escolhas dos participantes estão sempre latentes e são desenvolvidos/acionados na medida em que o jogo interacional se configura. As autoras lembram que utilizar a linguagem não é uma atividade individual e isolada, e explicam que:

> para decidir por uma determinada formulação linguística, o falante prevê e conta com conhecimentos prévios do ouvinte, com suas reações e habilidades. O falante não constrói o seu "projeto de dizer" sem projetar sua audiência e sem que cada decisão seja influenciada por essa projeção (KOCH; CUNHA-LIMA, 2007, p. 281).

Koch (2009, p.31-32) vai explicar que as estratégias de construção do conhecimento são desenvolvidas nos/pelos eventos linguísticos, nas/pelas ações conjuntas. Segundo a autora, as ações verbais são sempre construídas a partir de um engajamento com o outro. Mesmo na atividade de escrita, em que o interlocutor não está *fisicamente* presente, o produtor do texto projeta seu público em suas decisões e essa interação, apesar de indireta, influencia em suas escolhas.

Isso leva a autora a reconhecer que a linguagem, sendo uma ação compartilhada, é responsável pela mediação entre o sujeito e o mundo. Tal mediação é concebida na/pela interação (síncrona ou assíncrona) que dá forma à realidade – "fabricada" e não retratada - e constrói as referências. Nesse sentido, os objetos abordados pela perspectiva sociocognitivo-interacional são tratados como fenômenos linguísticos sócio-historicamente construídos e constantemente atualizados no curso da interação, o que orienta o olhar para o movimento, para a dinâmica da linguagem. Focalizam-se, portanto, os *processos*.

Nesse contexto, os estudos sobre a referência ganham nova forma. O fenômeno passa a ser entendido como um processo dinâmico no qual estão envolvidos fatores de

ordem cognitiva, social e interativa. No tópico que segue, abordamos esse *processo* conforme vem sendo teorizado pela Linguística Textual.

1.2 A Linguística Textual e a perspectiva sociocognitivo-interacional da referência

Os estudos iniciais sobre a referência no âmbito da Linguística Textual (ou LT) tiveram como base a obra *Cohesion in English* (1976), de Halliday e Hasan. Koch (2009, p. 36) explica que, para Halliday, a coesão lexical envolve dois mecanismos: a reiteração e a colocação. A atividade de reiteração seria realizada por meio da referência, da substituição e da elipse; e a atividade de colocação englobaria a coesão lexical e a conexão. No entanto, observando que muitos dos critérios que definiam esses processos se sobrepunham, passou-se a reconhecer, na LT, dois grandes grupos de recursos coesivos: a coesão referencial e a coesão sequencial.

Como dissemos, os primeiros estudos sobre coesão referencial na LT buscavam explicar os mecanismos de remissão textual, por meio de elementos de ordem gramatical, como os pronomes, ou de ordem lexical. Contudo, os estudos sobre referenciação passaram a mostrar que o fenômeno era bem mais complexo e envolvia fatores que ultrapassam os limites dos elos coesivos. Isso alçou a temática da referenciação à condição de um dos principais objetos da Linguística Textual.

Atualmente, vêm sendo reconhecidas duas grandes tendências nos estudos sobre o assunto. Neste tópico, trazemos, primeiramente, uma breve apresentação dos fundamentos que embasam essas tendências. Em seguida, caracterizamos as preocupações da primeira tendência, cujas reflexões teóricas se concentram, sobretudo, em pesquisas acerca da função e do funcionamento das expressões nominais anafóricas no processamento textual. Por fim, trataremos das ampliações e revisões propostas pela nova agenda de estudos sobre referenciação.

Os principais artigos lembrados como base para a Teoria da referenciação foram escritos por Lorenza Mondada e Danièle Dubois, “Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação” (2003), e por Denis Apothéloz e Marie-José Reichler-Béguelin, “Construção da referência e estratégias de designação” (1995). A perspectiva desenvolvida nesses textos propõe um deslocamento da abordagem objetiva da referência, pela qual a língua se ajusta aos objetos-de-mundo que ela designa, para a abordagem da referência como processo.

Tal deslocamento resulta em pelo menos três consequências que podem ser resumidas nas seguintes preocupações teóricas: (1) buscar compreender os processos de discretização da língua e do mundo, em vez de questionar a relação de correspondência entre essas duas instâncias; (2) desconstruir o pressuposto de que exista uma estabilidade na relação entre as palavras e as coisas, e propor que as “discordâncias” advindas dos conflitos de correspondência não sejam consideradas erros, mas próprias da instabilidade constitutiva das categorias cognitivas e linguísticas, e do modo como são estabilizadas; (3) deslocar a atenção “do problema das entidades da língua, do mundo ou da cognição para a análise dos processos que a constituem.” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 19-20).

Pretende-se com isso mostrar que a atividade de referir é dinâmica e instável, ou seja, os referentes são construções que se desenrolam nas práticas discursivas, numa relação indireta entre a língua e o mundo. Postula-se, dessa maneira, uma instabilidade constitutiva do real e, portanto, do próprio processo de referir. Mondada e Dubois (2003) mostram que as designações são variáveis porque dependem do contexto em que ocorrem e, por isso, se adaptam a ele, já que nosso sistema cognitivo se flexibiliza, dados os diferentes pontos de vista que podemos assumir sobre o mundo, implicando distintas categorizações. Elas reconhecem que “a instabilidade caracteriza o modo normal e rotineiro de entender, descrever, compreender o mundo – e lança, assim, a desconfiança

sobre toda descrição única, universal e atemporal do mundo." (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 28).

Admitindo isso, Koch e Marcuschi (2006, p. 381) explicam que:

> nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Nosso cérebro não é uma "polaroide semântica". Ele reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. E essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. [...] a reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua.

Nota-se que a instabilidade é intrínseca ao processo de referenciação, mas, ao mesmo tempo, as reelaborações que fazemos do mundo sofrem restrições culturais, sociais, históricas e linguísticas. Logo, a referência não se dá de maneira indiscriminada e desordenada; na realidade, na medida em que o referente vai se constituindo e se modificando no processamento textual, as pressões de ordem cognitiva, interacional e linguística conferem a ele uma estabilidade relativa. O resultado são versões provisórias que os sujeitos criam a partir de elaborações e reelaborações do mundo que o cerca.

Dizer que as seleções vão se constituindo no processamento textual não significa, no entanto, que as modificações sofridas pelos referentes ao longo da interação sejam lineares e sequenciais. Veremos, em outros estudos e em nossa análise, que o processo de construção de um referente é mais complexo e ultrapassa os limites da cadeia referencial e das operações de introdução e de retomadas correferenciais.

Essa complexidade já vinha sendo mostrada nas pesquisas sobre o funcionamento das expressões nominais - pesquisas que caracterizam uma primeira tendência dos estudos sobre referenciação. Jubran (2003, p. 95) explica, a partir de Koch e Marcuschi (2000) e Koch (1999), que, ao se admitir a anáfora como a relação entre dois elementos textuais, ampliando sua função tradicional de retomada pronominal de um antecedente

lexical colocado no texto, abre-se espaço para os estudos de outras configurações anafóricas, que compreendem, além do pronome, o sintagma nominal como elemento linguístico envolvido nas estratégias de referenciação textual.

Dessa maneira, passou-se a considerar duas estratégias principais de referenciação: o uso de pronomes e o uso de expressões nominais. Para nossa pesquisa, interessa rever a segunda estratégia, já que as expressões nominais operam, com mais frequência, categorizações e recategorizações de referentes.

Como vimos, o produtor de um texto realiza escolhas de acordo com seus propósitos comunicativos e de acordo com o modo como interage sociocognitivamente com o mundo e com o outro. Baseando-se nisso, ele categoriza o referente a partir da ativação de conhecimentos partilhados socioculturalmente, ou seja, o sujeito avalia e predica atributos ao referente, levando em conta seu projeto de dizer, o que determinará a ativação e categorização desse referente no processamento textual. Os estudos que caracterizam a primeira tendência mostram que essa construção não se mantém estática, visto que o processo de referenciação é dinâmico, o que resulta em alterações e em reavaliações do referente. As alterações e a forma como são marcadas na progressão textual determinam sua recategorização.

As contribuições iniciais acerca do processo de recategorização referencial são, principalmente, de Apotheloz e Reichler-Béguelin (1995). Para eles, esse processo aponta a necessidade que os interlocutores sentem de adequar discursivamente a referência:

> De maneira geral, a cada momento do discurso, o locutor dispõe, para designar um objeto dado, de uma série não-fechada de expressões linguísticas utilizáveis em condições referenciais iguais. Não apenas este locutor tem o direto de selecionar aquilo que acha mais apto a permitir a identificação do referente, mas ele pode, por recategorizações, para acrescentar ou suprimir, modular a expressão referencial em função das intenções do momento; estas podem ser de natureza

> argumentativa, social, estético-conotativa, etc. (APOTHELOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 242).

Essas construções e reconstruções, manifestadas pelas escolhas linguísticas, estão relacionadas com a memória discursiva dos sujeitos (KOCH, 2009, p. 59), que elaboram um modelo mental do referente e os atualiza na/pela interação de acordo com propósitos específicos. Segundo Koch (2009, p. 62), isso se realiza por meio de três operações básicas: a construção/ativação do referente, introduzido por uma expressão linguística que o torna saliente no texto; a reconstrução/reativação, em que uma forma referencial reintroduz o referente, mantendo-o em foco; a desfocalização/desativação, em que o objeto-de-discurso sai de foco, já que ocorre a introdução de um novo referente.

Considerando a forma como um objeto-de-discurso pode ser introduzido no texto, a autora reconhece dois tipos de processos de construção/ativação: o referente pode ser introduzido de maneira ancorada, quando um novo objeto-de-discurso é ativado, "sob o modo do dado, em virtude de algum tipo de associação com elementos presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo", ou pode ser introduzido de maneira não-ancorada, "quando um objeto de discurso *totalmente novo* é introduzido no texto". (KOCH, 2009, p. 64 – grifos nossos).

Lembramos que chamar uma ativação de não-ancorada significa destacar o primeiro aparecimento do referente no texto, sem que seja possível estabelecer relações com elementos cotextuais precedentes, o que não significa "ignorar que as representações de um grupo social têm uma estabilidade bastante grande e que nem tudo é construído a cada momento a partir de um zero cognitivo." (MARCUSCHI, 2002, p.5). Na verdade, o sujeito marca/introduz textualmente a ativação do referente a partir das informações presentes em sua memória discursiva.

Na ativação não-ancorada de objeto-de-discurso é comum o uso de descrições nominais, que se manifestam linguisticamente por expressões nominais definidas ou indefinidas, e se caracterizam por "operar uma seleção, dentre as diversas propriedades de um referente – reais, co(n)textualmente determinadas ou intencionalmente atribuídas pelo interlocutor -, daquela ou daquelas que, em dada situação de interação, são relevantes para os propósitos do locutor." (KOCH, 2009, p. 68).

No transcorrer do discurso, as escolhas de outras descrições referentes ao mesmo objeto realizam modificações, que podem acrescentar ou suprimir algumas propriedades, ou, ainda, homologar as transformações pelas quais ele passa, o que caracteriza o processo de recategorização. Em outras palavras, a recategorização compreende, de acordo com os estudos que marcam a primeira tendência, a passagem da introdução do objeto-de-discurso para sua reativação no processamento textual, como apontadas por Koch (2009), em que outras expressões referenciais mantêm-no em foco, com a função de recategorizá-lo, adicionando ou suprimindo novos aspectos e propriedades.

Na ativação ancorada de objeto-de-discurso, Koch (2009, p. 64-66) reconhece as nominalizações, as anáforas associativas e as anáforas indiretas, como estratégias de progressão referencial. Diferentemente das descrições, as formas nominalizadas condensam um conteúdo proposicional presente no cotexto. Sendo, portanto, uma atividade de condensação, às nominalizações é atribuída a função cognitivo-discursiva de encapsular informações precedentes, transformando-as em objetos-de-discurso.

A autora admite a nominalização como forma de ativação ancorada por entender que, por meio dessa estratégia, há a instauração de um novo objeto-de-discurso, que surge como já conhecido. O mesmo ocorre com as anáforas associativas e as anáforas indiretas. Nesses casos, as relações anafóricas se realizam por meio de associação ou inferenciação. Koch (2009, p. 65) explica que as anáforas associativas exploram relações metonímicas,

como as noções de parte pelo todo ou ingrediência; já as anáforas indiretas compreendem relações que se constroem por meio de inferências que emergem do cotexto e do contexto sociocognitivo.

Segundo Marcuschi (2005), o estudo das anáforas indiretas representou um grande avanço para a noção de anáfora, antes restrita ao campo dos pronomes e da correferencialidade. Para ele, as anáforas indiretas revelam a natureza multilinear da progressão referencial, além de destacar a importância de considerar fatores de ordem cognitiva, como as estratégias inferenciais, na análise desses fenômenos (MARCUSCHI, 2005, p.54). Outro avanço para a noção de anáfora é o reconhecimento das nominalizações, que estabelecem relações entre as expressões referenciais e um segmento textual, abrindo espaço para a observação de novas configurações anafóricas.

Conceber a referência como uma atividade discursiva e criativa como demonstram as estratégias brevemente descritas acima é de extrema importância e um grande avanço na explicação dos fenômenos envolvidos no processo de referenciação. Esses avanços não são excluídos das preocupações apresentadas pela nova agenda de estudos sobre o assunto, que pode ser considerada uma continuidade da primeira tendência. No entanto, essas estratégias demonstram que as pesquisas estiveram, em sua quase maioria, centralizadas nas discussões acerca do funcionamento das expressões nominais e dos mecanismos envolvidos no processo de menção referencial, reforçando, como afirma Custódio Filho (2011, p. 139), "uma teoria da onipresença do sintagma nominal" e de seu funcionamento na progressão textual.

Buscando ultrapassar esses limites, algumas pesquisas têm caracterizado uma segunda tendência nos estudos sobre referenciação. Essa nova agenda também tem se preocupado em verter um tratamento sociocognitivo-discursivo para as relações entre as expressões referenciais, mas se caracteriza, principalmente, pelo reconhecimento de

aspectos mais amplos envolvidos na elaboração dos referentes, ou seja, levam-se em conta, nesses estudos, fenômenos que ultrapassam o universo das expressões referenciais.

Os trabalhos dessa segunda tendência mostram, de maneira mais reforçada, que o fenômeno da referenciação é um processo não-linear, considerando que a (re)construção do objeto-de-discurso não é resultado da soma sucessiva de traços atribuídos ao referente na progressão textual, mas das "idas e vindas" que caracterizam a leitura e o processo de interpretação. Custódio Filho (2011) e Custódio Filho e Silva (2013), com bases nos trabalhos de Lima (2007; 2009) e Leite (2007a; 2007b) consideram que a recategorização, muitas vezes, se estabelece a partir de diversos elementos cotextuais e não necessariamente obedecem à linearidade manifestada pela ligação anafórica. Para exemplificar, os autores retiram de Leite (2007a, p. 189) a seguinte nota jornalística:

(1) pôr-do-sol

> O romance de Luana Piovani e Ricardinho Mansur – que começou cercado de flashes há quase dois anos – terminou discretamente, sem alardes nem fotos, em Paris. A decisão partiu do jogador de polo, que foi até a França – onde a atriz passa temporada de estudos – para finalizar a história. O motivo nenhum dos dois comenta. De lá, Ricardinho seguiu para Aspen, nos Estados Unidos, para esquiar com amigos. Já Luana preferiu ir até a Espanha... para dar aquela arejada. (*Época*, 21/02/2005.)

Com base nas análises de Leite, os autores mostram que o título "pôr-do-sol" gera uma certa estranheza, pois, mais do que revelar sua função de condensar as informações contidas no texto, ele parece cumprir um papel argumentativo. Leite (2007) vai tratar esse título em termos de recategorização metafórica de "fim de romance", a partir do princípio de que esse objeto-de-discurso é construído na relação entre diferentes partes do texto. A estratégia de recategorização, nesse caso, não se limita à relação entre um termo recategorizador e um termo recategorizado; assim, Custódio Filho e Silva explicam que:

> tal análise só é possível em virtude de se observarem algumas expressões da superfície linguística e os campos conceituais por ela ativados. As características "desaparecimento lento no horizonte" e "ausência de luz", atribuídas a pôr-do-sol, são ativadas pelos elementos "terminou discretamente" e "sem alardes nem fotos", estes últimos associados ao fim do romance noticiado. Ou seja, há um objeto de discurso sendo elaborado em torno da ideia de "fim" (de um romance, já que esse é o tópico discursivo do texto); tal fim pode ser caracterizado, em virtude das pistas linguísticas, como um "pôr-do-sol". [...] (CUSTÓDIO FILHO; SILVA, 2013, p. 69-70)

Os autores alertam que a recategorização, nesse caso, deve ser entendida como um fenômeno mais amplo do que a relação entre anáfora e um antecedente. Ao contrário do que vinha sendo mostrado nos estudos da primeira tendência, o termo recategorizado, nesse exemplo, aparece no início do texto e não na operação de modificação de um objeto-de-discurso anteriormente introduzido. A metáfora só é entendida via a recategorização de "fim de romance" por "pôr-do-sol", que se efetiva no retorno ao título, após a leitura do texto todo.

Isso leva os autores a reconhecerem que os limites entre introdução de um referente (entendida como a primeira manifestação formal de um referente no cotexto) e recategorização não são determinados, já que consideram que uma primeira menção ao referente pode vir marcadamente categorizada, indicando propósitos argumentativos do enunciador, que poderão ser confirmados com a leitura do texto. Isso já era considerado na primeira tendência, no entanto, no caso em análise, é necessário um esforço do leitor para reconhecer o referente, na medida em que, após o término da leitura do texto, ele precisa retornar à expressão introdutória e recategorizá-la, ou seja, o processo de recategorização aqui se realiza na não-linearidade que caracteriza a própria leitura. Nesse sentido, eles reconhecem a natureza recategorizadora de certas expressões introdutórias.

Em nosso *corpus*, há casos de expressões nominais introdutórias que revelam a avaliação do enunciador de maneira muito clara, ou seja, a introdução não só ativa um referente, mas já marca as propriedades e os aspectos mais relevantes na referência à

figura pública. Essa categorização, apresentada na expressão introdutória, vai sendo manifestada na não-linearidade do processo de recategorização acionado, muitas vezes, não apenas por relações anafóricas, mas por movimentos dinâmicos de leitura, dada a própria formatação do texto na página do jornal.

Também como um jogo de perspectivas, observamos em nosso corpus que o objeto-de-discurso pode ser (re)elaborado por meio do discurso citado, em citações diretas e indiretas. A presença de outras vozes cumpre com a função de apresentar diferentes versões acerca de um objeto-de-discurso que são, muitas vezes, distanciadas das versões apresentadas pelo enunciador do texto.

A admissão da atuação de outras porções textuais no processo de (re)construção de um objeto-de-discurso abre espaço para a consideração de outras unidades de análise (para além das expressões nominais constituintes de cadeias referenciais), como a relevância das modificações resultantes de predicações. No exemplo (1), vimos que as características atribuídas ao pôr-do-sol são ativadas pela construção "terminou discretamente, sem alardes, nem fotos" relativa ao sujeito "O romance de Luana Piovani e Ricardinho Mensur". Nesse caso, é a predicação que opera uma modificação no referente "romance" destacando seu final e caracterizando-o como discreto. Essa categorização, por sua vez, será metaforizada pelo título "pôr-do-sol", como já foi discutido.

Amplia-se, com isso, as possibilidades de relações entre partes cotextuais na (re)construção de objeto-de-discurso. Veremos em nossas análises que a consideração da predicação e de outras porções textuais são fundamentais para a apreensão do que chamamos de *(re)categorização mútua*[10].

[10] Essas questões são abordadas mais detalhadamente no capítulo 4.

Essas ampliações de que tratamos brevemente foram, em sua maioria, desenvolvidas por pesquisadores do grupo Protexto, da Universidade Federal do Ceará. Afinada a essas propostas, a tese de Valdinar Custódio Filho, de 2011, já citada neste texto, é a que toca mais diretamente em nosso tema: o processo de referenciação na relação entre verbal e não verbal. Reconhecendo que o processamento textual pode contemplar o não verbal, o autor lança novo olhar para o processo de referenciação, admitindo para isso que "os recursos imagéticos de um texto podem ocupar o mesmo papel que o normalmente imputado às expressões referenciais, de maneira que eles também seriam responsáveis pela instauração de um referente, bem como por eventuais recategorizações desse referente." (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 18).

Essa hipótese parte da defesa de que seja possível ocorrer (re)categorização sem que, para isso, haja menção a uma expressão referencial. Tal ideia também é defendida por Cavalcante (2011, p. 65-66), que, com o exemplo abaixo, mostra como o referente "entrevista de emprego" é acionado, sem que haja a menção explícita de uma expressão nominal.

(2) Antes de começarmos, por favor, me diga uma coisa, o que o senhor fazia no emprego anterior?
— Eu era funcionário público!
— OK! O senhor pode contar até dez?
— É claro! Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e ás.
(*50 piadas*, de Donald Buchweitz.)

Cavalcante (2011) explica que a expressão "antes de começarmos", a pergunta "o que o senhor fazia no emprego anterior?", o tratamento respeitoso instaurado entre os interlocutores são fatores que se conjugam na referência (cognitiva) ao ritual comunicativo *entrevista de emprego*. Assim, segundo a autora, o referente *entrevista de emprego* é instaurado sem menção referencial explícita.

Também a recategorização do referente *funcionário público* não se realiza por meio de uma expressão nominal, mas pela insinuação, presente no segmento "É claro! Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e ás", de que, em vez de trabalhar, a pessoa em questão passava a maior parte do tempo jogando baralho. A imagem de preguiçoso, negligente associada ao funcionário público não está explícita, mas é instaurada na conjunção entre as marcas linguísticas e nossas crenças sobre como se comporta um funcionário público em seu trabalho.

Custódio Filho (2011) toma essa possibilidade, ou seja, a de haver (re)construção de referentes sem menção a uma expressão nominal, para admitir que o não verbal possa operar da mesma maneira que o verbal no processo de construção de objeto-de-discurso. Assumindo, pois, essa mesma posição, inserimos nossa pesquisa no âmbito da segunda tendência dos estudos sobre referenciação, na medida em que nossa proposta ultrapassa os limites da expressão referencial, embora destaquemos que não descartamos seu levantamento, pelo contrário, discutimos, com este trabalho, o processo de referenciação na relação entre uma expressão nominal e a fotografia na página do jornal.

Neste trabalho, abordamos o não verbal a partir dos elementos que o compõem e mostramos que a fotografia resulta de escolhas que, em conjunção com o verbal, moldam o objeto-de-discurso, por isso consideramos relevante mostrar o modo como ela é "elaborada" e como elabora e reelabora o real.

Assim, passamos ao desenvolvimento do segundo capítulo, em que, após rever alguns posicionamentos com relação à noção de representação na fotografia, apresentamos uma breve revisão da *Gramática do Design Visual*, justificando e apontando o recorte que fizemos dela. Por fim, tratamos de apresentar o que, a nosso ver, nos autoriza estabelecer compatibilidades entre a Teoria da referenciação e a GDV.

CAPÍTULO II - A elaboração da realidade e a fotografia

No capítulo anterior, discutimos como diferentes abordagens tratam ou trataram a questão da referência. Voltamos a nossa atenção para a atividade de referir realizada por um sujeito por intermédio da língua. No entanto, não só por meio da língua somos capazes de *criar* representações do mundo; os sistemas sígnicos não verbais também são referenciais. Assim, na seção 2.1, trazemos algumas abordagens que tratam do estudo da fotografia, buscando compreender como elas explicam a relação entre a imagem fotográfica e o mundo. Em seguida, na seção 2.2, revisamos o aparato teórico-metodológico que adotamos para realizar as análises das fotografias e, por fim, na seção 2.3, atamos os dois primeiros capítulos deste texto, com o objetivo de justificar a adoção da GDV.

2.1 A questão da representação na fotografia

Para entender um pouco mais sobre a questão da representação na fotografia é necessário retomar o contexto em que ela surge e o papel que assume naquele momento. Vale lembrar também que a imagem fotográfica é o resultado de uma técnica caracterizada pela herança pictórica renascentista, cujos ideais de equilíbrio e simetria ditavam a produção da imagem para um ponto de fuga único, o que determinou uma perspectiva central e unilocular, da qual é herdeira a câmera fotográfica. Tal ponto de vista ficou conhecido como *perspectiva artificialis,* que dotava a imagem de imparcialidade, neutralizando qualquer indício de manipulação humana. Isso assegurava o efeito mimético e tornava possível representar num plano bidimensional uma realidade tridimensional.

A fotografia em seu surgimento, no início do século XIX, teve o papel social de registrar os avanços da classe burguesa em ascensão e o desenvolvimento industrial, assumindo, nesse contexto, um caráter representacional, na medida em que funcionava como um instrumento de valorização e afirmação da burguesia.

Assim, a crença de que a fotografia seria a materialização do real pautou os discursos sobre fotografia nesse século. Philippe Dubois apresenta, no primeiro capítulo do livro *O acto fotográfico* (1992), um panorama histórico sobre a relação entre fotografia e realidade, abordando três posições epistemológicas dominantes nos séculos XIX e XX. O autor explica que nos primeiros trabalhos acerca do realismo da imagem fotográfica, ela foi concebida como espelho do real. Esses estudos basearam-se no discurso da *mimese* pautado pela vinculação direta entre a fotografia e seu referente externo.

Segundo o autor, a imagem era vista como produzida de forma mecânica e automática, sem qualquer interferência de seu produtor, daí seu caráter natural, transparente e absoluto com relação à realidade. Isso fica evidente nas comparações realizadas entre a pintura de retratos e a fotografia, na coocorrência dessas técnicas, durante o século XIX. Dubois (1992, p.26) explica que se separavam claramente a função da pintura, como manifestação artística e de um imaginário, da função da fotografia, documental e referencial:

> Nesta perspectiva, a fotografia seria o resultado objetivo da neutralidade duma máquina, enquanto a pintura seria o produto subjectivo da sensibilidade de um artista e do seu talento. Queira-o o pintor ou não, a pintura passa inevitavelmente por uma individualidade. Por "objetivo" ou "realista" que se queira, o sujeito pintar faz a imagem passar por uma visão, uma interpretação, uma maneira, uma estruturação, uma presença humana que marcará sempre o quadro. Ao contrário, a fotografia, por aquilo que realiza o próprio aparecimento da sua imagem, opera na ausência do sujeito. Deduziu-se que a fotografia não interpreta, não seleciona, não hierarquiza.

No entanto, mesmo para se conseguir o efeito de realidade é preciso que o fotógrafo domine algumas técnicas. Essa tomada de consciência mais crítica em relação à concepção especular da imagem fotográfica só aparece quase um século depois. Dubois (1992, p.32) assinala que a abordagem especular não é de toda abandonada, mas um olhar mais apurado é vertido às técnicas fotográficas e a seus efeitos perceptivos. Para os autores que questionam a visão realista, a fotografia era resultado de um ângulo de vista pré-determinado, da distância entre esse ângulo e o objeto, do enquadramento escolhido, da transformação de uma realidade tridimensional em uma representação bidimensional da película, além do congelamento do tempo e do espaço, que fazem da fotografia uma representação apenas visual e não olfativa ou táctil, por exemplo. Dessa maneira, a fotografia deixa de ser vista como imitação, e passa a ser vista como transformação do real.

Nessa linha, Pierre Boudieu (1965, p.108-109 apud Dubois, 1992, p.34) aponta o caráter arbitrário, convencional e elaborado da captura do real:

> [...] a fotografia fixa um aspecto do real que não é mais que o resultado de uma seleção arbitrária e, assim, de uma transcrição: de entre todas as qualidades do objeto, só são retidas as qualidades visuais que se dão no instante, e a partir dum ponto de vista único; estas são transcritas a preto e branco, geralmente reduzidas e projetadas no plano. Dito de outro modo, *a fotografia é um sistema convencional* que exprime o espaço segundo as leis da perspectiva (melhor, duma perspectiva) e os volumes e as cores por meio de graduações do preto e branco. Se a fotografia é considerada como um registro perfeitamente realista e objetivo do mundo visível, é porque lhe associou (desde a origem) *usos sociais* tidos como "realistas" e "objetivos". (*grifos do autor*)

Esse segundo momento deixa claro que a fotografia não é uma verdade absoluta, mas é resultado de um fazer. Dá-se o que Dubois (1992) chama de deslocamento da ancoragem da fotografia na realidade para sua ancoragem na própria mensagem. A crença na objetividade da fotografia, como alerta Pierre Boudieu, esteve associada aos usos de

que dela foram feitos em sua origem e não em uma capacidade que a fotografia poderia ter de espelhar objetivamente o real.

Para Machado (1984), a crença da fotografia como espelho do real é resultado da perpetuação da tradição pictórica renascentista. No entanto, ele destaca que "[a] fotografia não pode ser registro puro e simples de uma imanência do objeto: como produto humano, ela cria também com esses dados luminosos uma realidade que não existe fora dela, nem antes dela, mas precisamente *nela"* (MACHADO, 1984, p.40). Diante da câmera, o real é transfigurado, pois a câmera nunca assume uma atitude passiva diante de seu objeto. Por isso, mais importante do que inquirir sobre o que está representado em uma fotografia, Machado (1984) aponta a necessidade de se perguntar por que as coisas estão representadas de determinada maneira.

O autor discute os fatores que influenciam o modo como um objeto é representado pela fotografia, buscando destacar que mesmo para se conseguir o efeito de transparência, que leva à impressão de realidade, é preciso que o fotógrafo saiba dominar algumas técnicas. Dentre elas, o enquadramento é uma escolha significativa na medida em que é o primeiro fator que demonstra a seleção de um campo significante ao mesmo tempo em que censura a área adjacente ao quadro. Segundo o autor, "o quadro da câmera é uma espécie de tesoura que recorta aquilo que deve ser valorizado, que separa o que é importante para os interesses da enunciação do que é acessório, que estabelece logo de início uma primeira organização das coisas visíveis." (MACHADO, 1984, p. 76).

Além do enquadramento, o autor aponta três processos de refração que colocam em questão a visão de que a realidade possa ser retratada descomprometidamente pela câmera fotográfica: o foco, a composição da cena e as condições de iluminação. Machado (1984) explica que o foco garante o que em fotografia dá-se o nome de *profundidade de campo*, a zona de nitidez selecionada da cena, deixando borrado o que é periférico a essa

zona, ou seja, o desfocado. Dessa maneira, o fotógrafo precisa privilegiar um plano específico e essa não é, segundo o autor, uma escolha aleatória.

De igual importância é a composição do quadro ou da cena. A composição da cena diz respeito aos motivos, aos objetos que a preenchem. O autor aponta que para que se consiga um efeito visual mais realista é preciso preencher o quadro de maneira controlada, articulando os motivos aos três planos da composição, de modo que essa distribuição não pareça fragmentária ou represente uma incoerência entre frente e fundo da fotografia (MACHADO, 1984, p.120 – 122). Quanto mais coerente for essa articulação, maior será a possibilidade de ocorrer o que o autor chama de *transferência de subjetividade*, ou seja, a possibilidade de o espectador ignorar seu lugar e se colocar no lugar daquele que enuncia a representação, vendo a cena como se fosse este, o que, mais uma vez, intensifica a ilusão de realidade.

Todos esses fatores dependem das condições de iluminação, que funciona assim como o foco, colocando à vista aquilo que é mais importante e significativo. O que é possível notar nas descrições dos elementos anteriores é que não há escolhas descomprometidas no processo de produção fotográfica, mesmo quando o propósito é parecer isento e imparcial.

Quanto ao terceiro posicionamento epistemológico relativo ao realismo e ao valor documental da fotografia, Dubois (1992) vai dizer que esse momento retorna ao primeiro, porém "sem a obsessão do ilusionismo mimético." (DUBOIS, 1992, p.47). Retomando a classificação triádica que a semiótica americana de Ch. S. Peirce atribui ao signo, Dubois define a concepção de fotografia desse posicionamento como *índice*, que, segundo ele, recoloca, de maneira positiva e crítica, a questão do realismo. Nesse sentido, ela seria primeiramente "vestígio de *um* real" – determinando uma representação por contiguidade entre o signo e seu referente, para depois tornar-se ícone e semelhante a seu referente, e,

então, adquirir sentido como símbolo. Esse terceiro momento recoloca o referente externo, admitindo a imagem fotográfica como inseparável dele, não como a própria realidade, mas como um *atestado,* um *testemunho* dela.

Por essas três posturas, percebe-se a complexidade que está em torno da natureza referencial da imagem fotográfica. Ao mesmo tempo em que ela não pode ser definida pela própria realidade, o que seria ilusório, se coloca o problema da clássica afirmação de Barthes (1984, p.119) de que o referente da fotografia não é metafórico, ou seja, para uma fotografia existir é preciso que algo seja colocado diante das lentes:

> É-me necessário, primeiramente, conceber bem, e portanto, se possível, explicar bem, em que é que o referente da fotografia não é o mesmo que o dos outros sistemas de representação. Chamo "referente fotográfico" não à coisa *facultativamente real* a que reenvia uma imagem ou um signo mas à coisa *necessariamente real* que foi colocada perante a objetiva, sem o que não haveria fotografia. A pintura pode simular a realidade sem a ter visto [...]. Pelo contrário, na fotografia jamais posso negar que a coisa esteve lá. (*grifos do autor*)

Esse intrigante problema colocado por Barthes (1984) é tratado por nós a partir da adoção de uma perspectiva construtiva de referência. A fotografia (e incluam-se aí outros signos não-verbais) pode referenciar o mundo e, por isso mesmo, estabelece com ele uma relação estreita, não de correspondência, mas uma relação construtiva na qual há sujeitos envolvidos numa atividade de produção de sentidos, que não pode ser analisada alheia a aspectos de natureza social, cultural e interacional.

Assim, mostramos como se dá a elaboração dinâmica do referente na relação entre o material verbal e o material não verbal, considerando que essa elaboração não depende diretamente da relação do referente com a realidade, mas é resultado do modo como ele é elaborado na fotografia e do modo como ele vai tomando forma, juntamente com o material verbal, no fluxo discursivo.

Nos tópicos seguintes, apresentamos a revisão da *Gramática do Design Visual* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), uma proposta alternativa que vem sendo utilizada em trabalhos, na área da Linguística e da Linguística Aplicada, interessados em questões relativas à conjugação entre verbal e não verbal. Trata-se de um modelo de descrição que busca apreender os significados presentes nos modos semióticos visuais[11]. Na seção que segue, situamos a *Gramática do Design Visual* no quadro teórico mais amplo da Semiótica Social, a fim de apresentar uma revisão da obra e levantar as categorias que adotaremos para a análise das fotografias e de outros aspectos multimodais. Buscaremos encaminhar nossas discussões para um recorte que consideramos adequado à execução deste trabalho.

2.2 A Semiótica Social e a *Gramática do Design Visual*

No livro *Grammar of Visual Design*, de Kress e van Leeuwen, publicado em 1996, é apresentado um modelo de descrição que busca apreender os significados presentes nos modos semióticos visuais. Para os autores, interessa descrever como os elementos que compõem uma imagem se combinam formando um todo significativo. Esse modelo de análise foi criado a partir dos pressupostos da Semiótica Social lançados em 1988, por Hodge e Kress, com a publicação do livro *Social Semiotics*.

Van Leeuwen (2005, p. xi) explica que a Semiótica Social se desenvolveu a partir de questionamentos à Escola de Paris, que estendeu, com Barthes, as ideias de Saussure para a moda e a fotografia. Buscando ultrapassar os limites da estrutura e do sistema e influenciada por concepções da Linguística Sistêmico Funcional, a Semiótica Social desloca o foco do signo, como abstração, para o modo como os sujeitos utilizam o signo

[11] Embora tenhamos selecionado a GDV como principal base teórica para as análises das fotografias e de outros elementos, outros trabalhos trazem contribuições relevantes sobre o assunto, como Cagnin (1975), Dondis (2007), Jullier e Marie (2009).

na busca de produzir e interpretar um evento comunicativo. Entende que todo evento comunicativo é multimodal e, por isso, objetiva compreender como os recursos multimodais se integram nos usos sociais que são feitos deles.

Destacamos disso dois princípios básicos dessa abordagem: a consideração do social na compreensão da linguagem e de sua estruturação, a partir do entendimento de que o signo não existe antes ou fora das relações sociais; e o reconhecimento de que todo evento comunicativo seja multimodal, daí o estudo articulado dos modos semióticos (sonoro, visual, gestual, etc). Guiada por esses princípios, a Semiótica Social define-se como um campo de investigações de textos multimodais, no qual se insere o modelo de descrição da *Gramática do Design Visual*.

Consideramos importante situar a GDV nesse quadro, pois, embora ela parta do princípio de que os textos sejam multimodais, é seu objetivo descrever os recursos semióticos utilizados nos modos visuais e, por isso, as análises que apresenta são, em grande parte, realizadas focalizando o não verbal.

Como já dito, a GDV é baseada no modelo da Gramática Sistêmico Funcional e, assim como Halliday, seus autores reconhecem que qualquer modo semiótico em uso cumpre simultaneamente três funções principais. Partem, portanto, das noções *metafunção ideacional, metafunção interpessoal* e *metafunção textual*, e propõem a terminologia *metafunção representacional*[12]*, metafunção interacional* e *metafunção composicional*.

Trazemos, a seguir, uma breve exposição desses recursos, exemplificando com algumas fotografias recortadas da primeira página da *Folha de S. Paulo*[13]. As fotos serão

[12] Importante retomar que os autores entendem "representação" como criação socioculturalmente determinada; contrária, pois, à ideia de espelho da realidade.
[13] Aproveitamos as fotos da *Folha de S. Paulo*, porque esse é o jornal de onde coletamos nosso *corpus.*

acompanhadas por algumas observações não aprofundadas neste momento. Dando sequência a essa exposição, justificamos o recorte que faremos do modelo.

A metafunção representacional indica a relação entre os participantes que compõem uma estrutura visual. Os participantes podem ser interativos ou representados. Os interativos são aqueles que estão envolvidos na comunicação, seus produtores, espectadores e os seres representados, quando em interação com os dois primeiros, e são analisados segundo as categorias descritas na metafunção interacional. A metafunção representacional considera os participantes representados, que podem ser pessoas, objetos e lugares ilustrados pela imagem (KRESS; VAN LEUWEEN, 2006, p. 46). Dependendo da interação entre eles, são configurados dois tipos de estruturas ou padrões visuais de representação: o narrativo e o conceitual.

O padrão narrativo se caracteriza pelas ações, atitudes do(s) participante(s), sendo, portanto, dinâmico. O dinamismo é indicado pela interação entre os participantes, cuja realização se dá por meio de vetores, como olhares, gestos, apontamentos com as mãos, etc. A imagem pode ser transacional se os vetores indicarem que um processo de ação se dá entre os participantes e, nesse caso, um será Ator e o outro será Meta. Caso a imagem seja composta por apenas um participante, o Ator, ela será considerada não transacional, pois não há Metas presentes.

No caso da fotografia seguinte, temos um exemplo do padrão narrativo transacional, em que o participante central, o goleiro do time de futebol Atlético Mineiro, seria a *Meta* e seus companheiros os *Atores*, que se direcionam até ele para comemorarem um pênalti defendido. Notam-se como vetores as direções dos braços e dos olhares voltadas para o goleiro, que corresponde à ação do grupo.



Figura 1 - Foto presente na 1ª página da *Folha de S. Paulo* – edição do dia 11 de julho de 2013

Os participantes serão Reator ou Fenômeno quando a relação entre eles configurar um processo de reação, em vez de uma ação, o que configura um padrão narrativo reacional. São casos em que o vetor conduz o olhar de um participante para um objeto ou outro participante, que configura um Fenômeno. Em outras palavras, há um acontecimento em torno do participante Fenômeno observado por outro participante, que expressa uma reação. O Fenômeno pode, ainda, não vir representado na imagem, ou seja, pode estar fora da estrutura visual. Na fotografia, esse último caso é chamado de extraquadro, em que é representado na imagem apenas o contracampo do fenômeno, como ilustra a foto a seguir, na qual os prefeitos gritam em protesto ao discurso da presidente Dilma no encontro de municípios em Brasília.



Figura 2 - Foto presente na 1ª página da *Folha de S. Paulo* – edição do dia 11 de julho de 2013

Há ainda outros dois processos na estrutura narrativa apontados pelos autores, mas que não nos interessam neste trabalho. São os processos mentais e verbais. São

recorrentes em histórias em quadrinhos, pela presença de balões, contendo pensamentos ou falas dos personagens.

Além da representação narrativa, a metafunção representacional pode ser também conceitual. Diferentemente, pois, da primeira, os padrões conceituais não são dinâmicos, não apresentam vetores, e os participantes, nesse caso, são representados de maneira genérica. As estruturas conceituais "representam os participantes em termos de sua essência mais ou menos generalizada, instável e infinita, em termos de classe, ou estrutura, ou significados" (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.79).

O padrão conceitual pode ser classificacional quando os participantes são dispostos na imagem demonstrando que pertencem a uma mesma categoria ou classe, no entanto, a relação entre eles é hierárquica, de modo que os participantes podem ser Superordenado(s) ou Subordinado(s) ao outro (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.79). O processo conceitual também pode ser analítico e, nesse caso, os participantes são descritos numa relação parte-todo, ou seja, os participantes podem corresponder ao todo, sendo Portador, ou corresponder à parte, sendo Atributo(s) Possessivo(s) (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 87).

No caso a seguir, notamos um padrão conceitual classificacional, que demonstra, de maneira mais genérica, a presença de políticos reunidos para discutir questões referentes aos protestos ocorridos no primeiro semestre de 2013. Embora seja possível perceber certa interação entre os participantes, pode-se dizer que temos, nesta fotografia, participantes dispostos como pertencentes a uma mesma categoria ou classe[14].

[14] A noção de classe aqui pode ser entendida como agrupamento genérico de participantes/elementos representados como sendo de uma mesma espécie ou tipo. No caso do exemplo, poder-se-ia dizer que os participantes estão agrupados como representantes da classe dos políticos.



Figura 3 - Foto presente na 1ª página da *Folha de S. Paulo* – edição do dia 25 de junho de 2013

Além de classificacionais e analíticos, os processos conceituais podem ser Simbólicos, cujos participantes são *Portador* ou *Atributos Simbólicos*. O processo conceitual simbólico pode ser simbólico-sugestivo ou simbólico-atributivo. No primeiro caso, há apenas a presença de um portador, que representa um conceito que lhe é próprio/inerente; já no segundo há a presença de atributos simbólicos que atribuem significados ao portador. Esse padrão parece ser mais comum em imagens presentes em propagandas, já que essas imagens demonstram mais claramente suas estratégias composicionais, ou seja, na propaganda, parece que a manipulação do que será representado é mais evidente do que na fotografia de jornal que, embora possa manipular o modo de captação de um momento, é menos comum que se elabore a cena retratada.

A fotografia seguinte foi tirada em um ensaio fotográfico realizado pela cantora Anitta num hotel, no bairro do Brooklyn, em São Paulo, durante preparação para shows na cidade[15]. Nota-se que há uma cena pré-elaborada a ser fotografada. Nesse caso, pode-se dizer que temos um exemplo de um processo conceitual simbólico. A cantora figura como símbolo da sensualidade característica do ritmo que canta e da mulher funkeira.

[15] Informação retirada do site da *Folhapress.*



Figura 4 - Foto presente na 1ª página da *Folha de S. Paulo* – edição do dia 22 de julho de 2013

É importante destacar que essa fotografia poderia ser analisada também à luz da metafunção interacional. Tal metafunção se caracteriza pela relação entre os participantes interativos, ou seja, os produtores, os seres representados e os espectadores da imagem. Os significados interativos emergem de relações de Contato, da Distância Social e da Atitude estabelecidos entre esses participantes; e podem representar envolvimento, distanciamento ou, ainda, relações de poder entre eles.

O contato é possível pela presença de vetores que conectam os participantes representados com o espectador; por exemplo, na fotografia da cantora Anitta, há vetores que ligam seu olhar ao olhar do leitor do jornal. Segundo os autores (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 118-119), esse contato pode se dar por relação de demanda ou de oferta. No primeiro caso, espera-se algo do espectador, como se este fosse convidado a compartilhar com o participante representado alguma situação. Esse convite pode vir expresso por gestos (mãos que apontam diretamente para o espectador, por exemplo) ou expressões faciais (beijos ou sorriso direcionados ao espectador). Na segunda relação, que é o caso da fotografia da cantora Anitta, o participante é apenas contemplado, a interação é menor, por se tratar, na maioria das vezes, de seres não-humanos que assumem um papel mais informativo, embora os vetores estejam direcionados ao espectador.

A distância social e a atitude representam o que, em fotografia, é chamado de definição do ponto de vista, que se dá a partir do enquadramento e da tomada do ângulo. O enquadramento representa a distância social (*social distance*) que é estabelecida entre os participantes interativos. Carvalho (2010, p. 268) resume as possibilidades de enquadramento apresentadas pelos autores e explica que ele pode ser configurado de três maneiras:

> em plano fechado (*close shot,* quando a imagem mostra a cabeça e os ombros do participante representado), plano médio (*medium shot*, quando a imagem retrata o participante representado dos joelhos para cima) e, plano aberto (*long shot,* o representado é mostrado de corpo inteiro e o cenário é também visualizado).

Quanto mais aberto o plano de representação do participante, maior é o distanciamento estabelecido entre este e o espectador. Da mesma forma, o plano fechado representa relações de intimidade e proximidade.

A Atitude reflete as escolhas do produtor e está vinculada à seleção do ângulo de tomada, no caso da fotografia. Segundo Carvalho (2010, p. 269) esse "sistema de perspectiva [...] pode realizar atitudes (*atttitudes*) mais ou menos subjetivas quanto à apresentação dos participantes representados." Para Kress e van Leeuwen (2006), tais escolhas são socialmente determinadas e não partem de seleções individuais.

Os ângulos podem ser horizontais ou verticais (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 134). Nos primeiros a tomada pode ser frontal e, nesse caso, o plano da imagem coincide com o plano do fotógrafo; ou pode ser oblíquo, em que não há coincidência entre os planos. Os autores explicam que o ângulo frontal estabelece relação de envolvimento entre os participantes, enquanto o ângulo oblíquo estabelece uma relação de distanciamento entre eles (KRESS; VAN LEE UWEN, 2006, p. 136).

Já os ângulos verticais expressam relações de poder entre os participantes interativos. O ângulo vertical pode ser elevado, o que diminui o tamanho do participante

representado e atribui poder e superioridade ao espectador; pode tomar o "nível dos olhos", em que a relação é de igualdade, não havendo diferenças de poder entre eles; e pode ser baixo, atribuindo poder ao participante representado, que aparece numa posição superior ao espectador. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.140).

Essas duas categorias, enquadramento e ângulo, podem ser consideradas as mais importantes na análise da fotografia, pois definem a perspectiva adotada pelo sujeito no modo como o referente é captado, por isso apresentamos aqui algumas considerações de outros autores, buscando complementar as colocações da GDV.

Cagnin (1975, p. 88-89), analisando os elementos constitutivos das histórias em quadrinhos, aborda quatro diferentes pontos de vista ou posições que o observador pode adotar na apresentação de objetos/personagens em uma HQ e, que podem ser perfeitamente aplicados na fotografia: (i). *de frente*, posição mais comum, que destaca a figura temática; (ii). *de trás*, posição que revela três situações diferentes: a figura de costas, normalmente em primeiro plano, encaminha o olhar para a figura temática; a figura de costas oculta a identidade de uma personagem para obter suspense e mistério; e na distribuição agradável de um grupo de personagens para evitar monotonia; (iii). *de cima*, em que a figura central aparece apequenada numa relação de subordinação; (iv). *de baixo*, em que se dá o inverso da posição anterior.

Além dessas posições, o autor apresenta também nove diferentes planos que traduzem a distância entre o observador e os objetos, cenas e personagens observados (CAGNIN, 1975, p. 89-93): (i). O *plano em grande detalhe ou pormenor:* abrange parte do rosto ou detalhe de um objeto, destacando o rosto do personagem; (ii). O *primeiro plano* que inclui a cabeça até os ombros; (iii). O *plano médio ou aproximado,* que apresenta uma figura até o meio do peito ou até a cintura, o que mostra a fisionomia de maneira mais detalhada para permitir, segundo o autor, uma melhor percepção das

expressões faciais; (iv). O *plano americano,* que mostra a figura até os joelhos; (v). O *plano de conjunto,* que abrande as figuras de corpo inteiro, mas com cenário mínimo; (vi). O *plano geral ou panorâmico,* que engloba não só as personagens, mas também o cenário; (vii). O *plano em perspectiva,* que revela um conjunto de planos em profundidade; (viii). O *plano plongé,* que focaliza a personagem de cima, dando a impressão de esmagamento da personagem; (ix). O *plano contre-plongé,* que focaliza a personagem de baixo, engrandecendo-a.

Também, Jullier e Marie (2009, p. 24), discutindo algumas ferramentas para análise do cinema, explicam que o plano demarca aproximação ou recuo com relação a alguém ou a alguma coisa. Os autores discutem três tipos de planos que, segundo eles, podem acentuar a unidade do sujeito representado e sua ligação com o ambiente. O *plano médio* apresenta o sujeito em sua unidade, de corpo inteiro ou quase inteiro, com o mínimo de espaço em cima ou embaixo do personagem retratado. A *unidade do sujeito* pode ser rompida com o *close-up*, correspondente ao que Cagnin (1975) chama de plano em grande detalhe. O *close-up* isola uma das partes do sujeito, e a câmera realiza um movimento que aproxima o observador do personagem, sugerindo um adentramento em sua intimidade. O terceiro plano é o *plano geral*, que insere o sujeito em seu ambiente e revela a relação entre eles. Como é possível notar, as escolhas de enquadramento e ângulo de tomada não são aleatórias, pelo contrário, elas definem a proximidade e a relação do espectador com o objeto representado, além de revelar a perspectiva adotada pelo sujeito na captação do objeto.[16]

Retomando a fotografia da cantora Anitta à luz da metafunção interacional, podemos dizer que o contato social é dado por uma relação de oferta. A cantora se posiciona para ser contemplada pelo espectador, sem grande envolvimento com ele.

[16] Sobre a abordagem dos planos na linguagem cinematográfica, sugerimos também a leitura de Rodrigues (2007).

Apesar de seu sensualismo, o plano aberto e a tomada frontal parecem "neutralizar" a representação da cantora, no sentido de que não estabelece uma relação tão íntima com o leitor.

Por fim, a metafunção composicional diz respeito "à composição do todo, ao modo como os elementos representacionais e interativos se relacionam entre si, ao modo como eles se integram em um todo significativo" (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.181). Essa metafunção não se aplica apenas à análise das estruturas pictóricas, mas explica a configuração do que os autores chamam de *layout*, ou seja, a composição entre verbal e não verbal. Ela é organizada a partir de três sistemas que se inter-relacionam: o valor informacional, a saliência e a moldura.

O valor informacional é atribuído ao modo como os elementos vêm dispostos ou localizados na composição ou imagem. Segundo os autores (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 179-201) a relação Dado-Novo representa os elementos posicionados à esquerda ou à direita. O Dado, à esquerda, seria uma informação apresentada como se fosse conhecida, consensual, e o Novo, à direita, seria uma informação apresentada como novidade e, por isso, geradora de polêmica e discussão. Além desse posicionamento horizontal, podemos considerar os elementos posicionados verticalmente pela relação Ideal-Real[17]. A informação tida como ideal, posicionada na parte superior de uma composição, seria uma informação tida como idealizada e de prestígio; já a informação real, posicionada na parte inferior, seria uma informação de caráter prático. Há ainda a relação Centro-Margem, cuja função, segundo os autores, é a de posicionar os elementos

[17]As noções de "ideal" e de "real" podem ser relacionadas a informações mais abstratas e mais concretas, respectivamente, distribuídas na verticalidade de uma composição. Os autores explicam que a seção superior tende a realizar um apelo emotivo e mostrar ao leitor algo que "poderia ser", já a parte inferior tende a mostrar uma informação mais prática, que deveria ser entendida como "o que é".

de modo que aqueles que estão no Centro representem uma informação mais importante, "central", e aqueles que estão à Margem, uma informação secundária.[18]

A interação desses recursos resulta em uma composição espacial que pode ser representada da seguinte maneira:

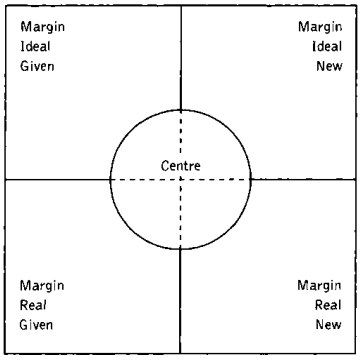


Figura 5 - As dimensões do espaço visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 197)

Os autores explicam que, para que uma composição seja considerada em uma das relações explicitadas anteriormente ou, ainda, na integração entre elas, deve estar evidente o uso significativo desses recursos. Para um elemento apresentado como Centro, por exemplo, ou seja, como uma informação principal, haverá elementos à margem apresentados como dependentes e auxiliares. Se esses elementos são muito semelhantes entre si, não há, por exemplo, nenhum sentido estabelecer entre eles uma relação entre Dado e Novo ou entre Ideal e Real, o que significa que essas e outras categorias dependem sempre do contexto em que são usadas, ou seja, as relações descritas anteriormente não configuram regras, mas possibilidades de organização.

A saliência (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 201-203) determina o grau de importância que é atribuído aos elementos que constituem uma imagem ou composição. Em determinado contexto, embora a relação Dado-Novo, por exemplo, pareça destacar a

[18] Embora essas sejam generalizações, os autores reconhecem que essas leituras podem ser refutadas por um leitor particular, visto que é possível a atribuição de outros valores a essas configurações. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 181).

informação à direita, já que ela é considerada geradora de discussão, alguns recursos podem colocar em destaque a informação dada. A saliência resulta da interação de vários fatores como plano, tamanho relativo, perspectiva, contrastes de tonalidade ou cor, diferenças de brilho, jogo de luz, além de fatores culturais específicos, como o aparecimento de uma figura humana conhecida. Os autores explicam que esses aspectos servem para chamar a atenção do leitor, indicando o que é mais importante na representação visual. Para Carvalho (2008, p. 226), isso também cria a trajetória de leitura esperada, já que estabelece uma organização hierárquica entre esses elementos.

Já a Moldura (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 203-204) determina a conexão ou desconexão entre os elementos presentes na estrutura visual. Ela é caracterizada pela presença de vetores, espaços em branco, continuidade ou descontinuidade de brilho e cor, contrastes, que determinam as marcas da moldura, ou seja, o contorno dos elementos. Os autores explicam que, quanto menos emoldurados estão os elementos, maior é a integração entre eles. Esse conceito é utilizado também na análise da relação multimodal entre verbal e não verbal, que podem ocupar espaços diferentes no *layout* de uma composição, ou ocuparem o mesmo espaço, sendo apresentados de maneira mais integrada.

Vejamos como alguns desses recursos poderiam ser exemplificados na seguinte composição:



Figura 6 – Composição presente na 1ª página da *Folha de S. Paulo* – edição do dia 24 de novembro de 2013

Temos nas fotografias, respectivamente, as imagens da ex-mulher e da então mulher do fiscal Luís Alexandre, envolvido no esquema de corrupção do Imposto Sobre Serviços (ISS), no município de São Paulo. As fotografias são separadas por uma linha vertical, que determina uma desconexão entre os "elementos/participantes" presentes na composição visual. Essa moldura salienta a relação dado-novo reiterada, principalmente, pelas expressões nominais presentes nas legendas: "Vanessa Alcântara, a ex de Luís Alexandre", referente à foto do lado esquerdo; e "A atual namorada do fiscal, Nagila Coelho", referente à foto posicionada do lado direito. Essa disposição, não aleatória, coloca a então namorada do fiscal como informação nova, enquanto a ex-mulher, principal testemunha do escândalo e, por isso, já conhecida publicamente, como informação dada.

Dado o recorte que fazemos em nossa análise, não chegamos a utilizar todos os conceitos descritos anteriormente. Dos recursos descritos até aqui, observamos, principalmente, aqueles que estão relacionados de maneira mais direta à técnica da composição fotográfica: a *distância social*, que determina os enquadramentos (planos) possíveis; *a atitude*, relacionada à seleção dos ângulos de tomada; e *o valor*

informacional, determinado pela localização dos elementos na fotografia. Além desses recursos, consideramos também determinadas relações entre os "participantes" a partir da consideração da presença de *vetores*, que conferem uma certa movimentação para a imagem e nos ajudam a reforçar algumas observações levantadas sobre outros recursos, como, por exemplo, o *contato* estabelecido entre o participante representado e o leitor.

Além do *valor informacional,* as noções de *saliência* e *moldura* também são adotadas na explicação de algumas estratégias de composição da fotografia e também na relação entre verbal e não verbal. Em nosso *corpus* notamos, em alguns casos, como a sobreposição do verbal ao não verbal nas composições pode ser considerada um recurso que potencializa a referência e a imagem que se cria do referente em pauta. Além disso, esse recurso destaca uma trajetória de leitura mais dinâmica, que auxilia no processo de construção do objeto-de-discurso em foco.

Na revisão que trouxemos sobre a segunda tendência nos estudos sobre referenciação, vimos que os autores têm admitido a construção da referência com base em diferentes porções cotextuais e não apenas na relação linear entre as expressões nominais que compõem uma cadeia referencial. Isso se deve à própria atividade de leitura e interpretação, que não é linear, e, por isso, tem exigido uma competência leitora mais "dinâmica", devido a uma série de recursos aplicados aos textos escritos, principalmente aos textos midiáticos. Kress e van Leeuwen (2006, p. 178) explicam que os textos escritos que compõem as páginas de jornal, as capas de revistas, sites, por exemplo, fazem parte de uma composição visual maior, que, caracterizada pela multimodalidade, encaminha o leitor para uma trajetória de leitura diferenciada, requisitando dele estratégias que exigem movimentos além dos "tradicionais caminhos de cima para baixo e da esquerda para a direita", próprios da leitura linear. Como discutiremos no próximo capítulo, essa

dinamicidade também é resultado da preocupação comercial do jornalismo impresso, que busca organizar seus textos de maneira cada vez mais atraente.

Revistos os quadros teóricos que embasam nossa pesquisa, abordamos no próximo tópico, o que, a nosso ver, nos autoriza operar com a Teoria da Referenciação e a *Gramática do Design Visual*.

2.3 Compatibilidades entre a Teoria da referenciação e a GDV

Para estabelecer as relações entre a Teoria da referenciação e a GDV, esclarecemos o que essas abordagens entendem por "representação". Vimos, no capítulo I, que a concepção procedural da Linguística Textual, influenciada principalmente pela pragmática e pelo sociocognitivismo, conduz esse quadro teórico ao interesse pela investigação de fenômenos envolvidos no processamento textual. *Grosso modo*, cabe explicar e descrever o funcionamento dos fenômenos que tornam o texto um todo significativo, levando em conta os processos cognitivos ativados em sua produção e recepção, os conhecimentos partilhados pelos interlocutores, as negociações dos sujeitos em interação, as condições sócio-históricas em que o texto foi produzido.

A referência passa a ser tratada de maneira dinâmica e entendida como uma atividade discursiva, ou seja, os referentes, vistos como constructos sócio-históricos resultantes de práticas simbólicas, são constantemente atualizados na interação. Como já dito, tal visão é contrária à ideia de que as palavras espelham as coisas, como se pudessem substituí-las. Na verdade, a Teoria da referenciação entende que "os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo" (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17). Mondada (2001) explica que, nessa perspectiva, os referentes são produtos da atividade cognitiva e interacional dos

sujeitos e se constituem como *objetos-de-discurso* e não como objetos-de-mundo. Trata-se de:

> entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objetos de discurso que não preexistem a ele e que não têm estrutura fixa, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva. Dito de outra forma, o objeto de discurso não remete a uma verbalização de um objeto autônomo e externo às práticas linguageiras; ele não é um referente que teria sido codificado linguisticamente. (MONDADA, 2001, p. 9).

Disso podemos extrair o princípio mais caro a essa teoria: o mundo é *construído* pelos sujeitos em suas atividades cognitivas e interativas. Da mesma maneira, os autores da GDV entendem que toda e qualquer "representação" é resultado de uma construção. As imagens, para eles, são mensagens estruturadas, no sentido de que não podem ser vistas como fieis à realidade. Dessa forma, o signo não é uma entidade pré-existente, mas constituído pelo sujeito. Salientamos, novamente, que nenhuma das propostas nega o real, afinal, as representações são ancoradas no mundo e resultam das escolhas que os sujeitos fazem ao elaborarem discursivamente suas versões. Na verdade, o que se tem nas duas perspectivas é uma concepção intersubjetiva e construtiva de representação.

Além disso, é possível concluir, assim como para a Teoria da referenciação, que para a GDV tais construções se dão na/pela interação. Kress e van Leuween (2006, p. 45) reconhecem que as estruturas pictóricas "estão imbricadas com os interesses das instituições sociais dentro das quais as figuras são produzidas, circulam e são lidas". Dessa maneira, entendem o modo visual como fruto de escolhas culturalmente determinadas, utilizadas com finalidades específicas. Os signos visuais, portanto, não são arbitrários, mas são produzidos a fim de atenderem a um propósito comunicativo.

São, pois, esses dois princípios que a nosso ver autorizam estabelecer uma convergência teórica entre a Teoria da referenciação e a GDV, ou seja, em ambas temos

a defesa de que as representações são versões criadas por sujeitos sócio-historicamente situados, a fim de cumprir objetivos comunicativos específicos. No entanto, como aponta Custódio Filho (2011), alguns problemas têm sido colocados na adoção da GDV para o tratamento de fenômenos dinâmicos, como o da referenciação.

Como herança da Linguística Sistêmico Funcional (LSF), de Halliday[19], a gramática guia-se por princípios funcionalistas. Desenvolve-se, a partir disso, um modelo de descrição para o visual baseado no modelo da LSF, admitindo-se três metafunções: a metafunção representacional, a metafunção interativa e a metafunção composicional. Tal herança gera a crítica de que a GDV é uma gramática modular com categorias discretas de descrição, o que seria incompatível com a visão processual e dinâmica da Linguística Textual.

Buscamos em Neves (2006) a concepção que o funcionalismo tem de gramática para discutir essa questão e para explicar como os autores da GDV concebem o modelo que desenvolvem. Primeiramente, a autora salienta que a preocupação de Halliday, autor da LSF, "é com a 'análise do discurso', ou 'linguística de texto'", por isso focaliza o discurso e o uso que é feito dele, destacando a necessidade de se abordar a linguagem como um processo (NEVES, 2006, p. 31). Neves explica que, para o autor, "uma teoria sistêmica é uma teoria de significado como escolha, pela qual a língua, ou qualquer outro sistema semiótico, é interpretada como rede de opções" (NEVES, 2006, p. 34) e não como um inventário fechado de estruturas prontas. Isso amplia a concepção de gramática, que passa a levar em conta a pluralidade funcional constitutiva do discurso.

[19]Segundo Neves (2006), Halliday explica a organização da linguagem a partir de dois tipos de significado, o ideal e o interpessoal, que, por sua vez, se estruturam textualmente. Daí o autor considerar três metafunções principais da linguagem: a metafunção ideacional, a metafunção interpessoal e a metafunção textual.

A partir disso, os autores da GDV chamam seu modelo de "gramática" do visual buscando dar destaque às regularidades culturalmente construídas. Não se trata, portanto, de ditar regras de composição, mas apontar aspectos descritos a partir dos usos que se fazem dessas imagens em contextos de uso específicos.

A leitura da GDV como um modelo "em blocos" pode ser, na verdade, resultado de sua composição teórica e organização metodológica. Como toda teoria que queira se sustentar, a apresentação de conceitos e categorias são de extrema importância e, no caso da GDV, percebe-se a intenção didática de elaborar um livro de referências e de consultas para facilitar o tratamento do não verbal. Entendemos e admitimos que isso a torna pouco dinâmica, mas não inoperável, por isso apresentamos no tópico anterior uma proposta de recorte na consideração de algumas categorias para a análise das fotografias que compõem o nosso *corpus*.

Consideramos a adoção de uma metodologia específica no tratamento do não verbal de fundamental importância. Lembramos que verbal e não verbal são sistemas sígnicos diferentes e, portanto, se constituem por estratégias e recursos específicos, por isso julgamos que a adoção de categorias que explicitem essas estratégias e recursos específicos da composição fotográfica, em nosso caso, seja necessária para a compreensão de como se dá a representação por meio desse modo semiótico.

Além disso, justificamos a adoção, em nosso trabalho, de algumas categorias da GDV, principalmente, para não comprometer a análise com interpretações demasiadamente subjetivas, já que, ao filtrarmos a análise da fotografia com um aparato teórico, poderemos validar melhor nossas interpretações.

Até aqui, apresentamos os fundamentos que embasam este trabalho. Revisamos os estudos sobre referenciação, enfocando a perspectiva sociocognitivo-interacional. Buscamos justificar a importância da adoção de um aparato teórico que nos auxilie na

análise do material não verbal, e que seja compatível com os princípios defendidos pela Teoria da referenciação, a fim de conferir coerência ao tratamento metodológico que dispensamos a nosso *corpus*.

No próximo capítulo, tratamos das questões relativas ao jornal impresso. Veremos que, atualmente, o jornal é um suporte potencializador da multimodalidade, e, por isso, muitos de seus elementos constitutivos interferem no processo de (re)construção de objeto-de-discurso quando observado na articulação entre verbal e não verbal.

CAPÍTULO III - Considerações acerca do jornalismo impresso

Neste capítulo, tratamos de algumas questões sobre os elementos compositivos do jornal impresso atual, a fim de discutir a relevância da organização material desse suporte para a abordagem das composições do nosso *corpus*. Levantamos aspectos que, a nosso ver, interferem na construção da referência, como a diagramação, a tipografia e a fotografia jornalística.

3.1 O jornal impresso e seus elementos constituintes

Tendo como objetivo investigar o fenômeno da referenciação na articulação entre verbal e não verbal, no jornal impresso, selecionamos algumas composições presentes na primeira página e em páginas internas do jornal. Dado o recorte temático que realizamos, nosso trabalho demonstra como se dá o processo de (re)construção da imagem da figura pública, no jornal Folha de S. Paulo. Para nós, a representação da figura pública envolve uma elaboração discursiva associada a estratégias de diagramação do jornal, a recursos tipográficos, ao uso da fotografia, ou seja, ao tratamento do material verbal e não verbal nesse suporte.

Como dito na introdução deste trabalho, levantamos a relevância de se discutir o fenômeno da referenciação levando-se em conta o suporte em que as composições selecionadas se veiculam, já que o *layout* do jornal impresso atual influencia diretamente na forma como o objeto-de-discurso é (re)elaborado.

Em *Análise de textos de comunicação* (2013), Maingueneau (p. 81) destaca a importância de se reservar um lugar "ao modo de *manifestação material* dos discursos, ao seu *suporte*, bem como ao seu *modo de difusão*: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador, etc.". O autor alerta para o fato de que o "mídium

não é um simples ‘meio’ de transmissão do discurso, mas que ele impõe coerções sobre seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer.” Nas palavras do autor, o suporte nunca é *acessório* e todo meio pelo qual se materializam os textos é orientador dos usos que fazemos deles.

Da mesma forma, Marcuschi (2008, p. 174 - 175) apresenta algumas considerações acerca desse assunto. O autor aponta que o suporte é o que garante a circulação do gênero na sociedade e, por ter um formato específico e convencionalizado, contribui para a constituição do gênero, muitas vezes, até determinando-o. Assim, o suporte não pode ser concebido como um meio neutro e a análise de qualquer gênero não deve ser realizada indiferentemente a ele.

O que parece convergir nas postulações de Marcuschi e Maingueneau é uma preocupação relativa à não neutralidade do meio material pelo qual os textos são veiculados. Em nosso trabalho, por exemplo, percebemos que o jornal impresso é um suporte que potencializa a multimodalidade. Em outras palavras, o manejo da diagramação, os recursos tipográficos, o uso de imagens e as constantes modificações e atualizações por que passa transformam os textos suportados. Como veremos, o ponto central de nosso trabalho, que envolve a análise de uma expressão nominal tipograficamente destacada e sua relação com a fotografia, está diretamente vinculado ao estilo de diagramação e tipografia do jornal.

É, por exemplo, na diagramação do jornal que se decidem questões relativas à necessidade ou não de uma ilustração acompanhar uma notícia ou uma reportagem, à posição que os materiais verbal e não verbal vão assumir na página; ou seja, a organização do suporte determina, nesse caso, a organização dos elementos que o compõem. Trata-se, portanto, de um suporte estruturado de maneira convencional, a partir da articulação entre diferentes sistemas sígnicos.

Daí Hernandes (2012, p. 183) explicar que o jornal impresso tem "uma forma de textualização baseada no manejo do espaço". Os materiais verbal e não verbal são hierarquizados na página do jornal, de modo a garantir a impressão de unidade e de equilíbrio entre as informações, o que assegura o laço com o público e, consequentemente, o consumo.

A esse respeito, Charaudeau (2006, p. 58-59) vai dizer que a finalidade do discurso midiático é ambígua, já que ao mesmo tempo em que deve assegurar a função de informar, fornecendo um serviço em favor da cidadania, também se caracteriza por uma lógica comercial, que vai buscar captar a maior parte de público possível:

> O imperativo de captação a [a mídia] obriga a recorrer à sedução, o que nem sempre atende à exigência de credibilidade que lhe cabe na função de "serviço ao cidadão" – sem mencionar que a informação, pelo fato de referir-se aos acontecimentos do espaço público político e civil, nem sempre estará isenta de posições ideológicas. (CHARAUDEAU, 2006, p. 59).

A sedução e a captação, às quais se refere o autor, começam na primeira página do jornal, que se caracteriza por essa dupla funcionalidade comunicativa. Ao mesmo tempo em que recorta os acontecimentos apresentados como principais, com o objetivo de informar o leitor, o produtor deve se preocupar com a organização dessas informações, utilizando-se de estratégias que atraiam a atenção para o que é dito.

Para Hernandes (2012, p. 85-86), há dois procedimentos básicos relacionados com a forma como o jornal conquista a atenção do leitor: (i) a valorização ou desvalorização de uma notícia, dadas as posições e espaços que ela ocupa em uma página; e (ii) o estabelecimento de um ritmo textual que assegura uma leitura rápida, eficiente e de fácil compreensão.

Tais procedimentos são assegurados pela diagramação e outros fatores que se associam a ela, como a tipografia e o uso de imagens. Tratamos dessas questões nos tópicos que seguem.

3.1.1 A diagramação no jornal impresso

Apresentamos, neste tópico, algumas questões sobre diagramação a partir de uma pesquisa de Hernandes (2012), em que o autor investiga a forma de textualização do jornalismo impresso, utilizando como objetos a revista *Veja* e o jornal *Folha de S. Paulo*. Além de o autor trabalhar com a *Folha de S. Paulo,* de onde coletamos os textos do nosso *corpus*, as conclusões que apresenta acerca da diagramação desses veículos corroboram as teses dos autores da *Gramática do Design Visual*, modelo que adotamos para a análise das fotografias, principalmente no que diz respeito ao modo de composição de textos multimodais e à distribuição dos materiais verbal e não verbal no *layout,* conforme mostramos no capítulo anterior quando tratamos das noções de valor informacional, saliência e moldura.

As análises de Hernandes buscam mostrar de que maneira funciona o gerenciamento do nível de atenção do leitor, por meio do exame da administração de elementos no suporte impresso. O autor define diagramação como a organização gráfica e plástica das unidades noticiosas, e explica que ela sempre está associada a um projeto gráfico, responsável por estabelecer, por exemplo, o número de colunas em cada página, tipos de letras, o posicionamento de fotos e outros elementos.

Embora haja certa rigidez no projeto gráfico, cada edição apresenta uma diagramação específica que varia de acordo com o modo de organização do material noticioso que chega às redações a cada dia. No entanto, mesmo sendo dinâmica, Hernandes (2012, p. 186) explica que a diagramação revela certas regularidades de

organização que, por sua vez, demonstram como as edições valorizam e diferenciam as unidades noticiosas, direcionando a percepção do leitor para aquelas de maior importância.

Hernandes (2012) aponta cinco funções principais de organização textual administrada pela diagramação, associando-as a algumas estratégias de gerenciamento do nível de atenção. Reproduzimos abaixo o quadro apresentado pelo autor:

<table>
<tr><th>Funções da organização textual</th><th>Estratégia de gerenciamento da atenção mobilizada</th></tr>
<tr><td>Criar iscas para o olhar. Concebe espacialmente uma unidade noticiosa para que tenha pontos de atração de curiosidade, de ordem gráfica, como um título com o corpo de letra maior em relação a outro, uma foto cuja cor crie contraste com o fundo branco, entre outras possibilidades.</td><td>Estratégia de arrebatamento – As iscas estão relacionadas à criação de descontinuidades do plano de expressão com a função de obter o primeiro engajamento perceptivo do leitor. São, portanto, estratégias de ordem sensível.</td></tr>
<tr><td>Fazer crer em uma fácil legibilidade, o que significa passar a sensação ao leitor de que ele pode ter acesso rápido a tudo o que interessa saber (o que é “importante”) na edição inteira. Em outras palavras, o leitor pode transitar facilmente pela publicação e parar somente onde achar necessário.</td><td rowspan="3">Estratégia de sustentação – Há aqui uma mobilização mais passional do leitor. Ele é persuadido, inicialmente, pela forma de apresentação do jornal, de que pode se informar de maneira rápida e eficiente. [...] (Vale lembrar ainda que a “passionalização” do leitor é função principalmente dos conteúdos. Ou seja, é preciso leitura, passagem do sensível ao inteligível. Nesse sentido, a função da diagramação é a de permitir que a impotência desses conteúdos se torne visualmente evidente e chamativa por meio da ocupação espacial. O espaço é manipulado para se obter maior ou menor nível de atenção e a correspondente tensão do leitor.)</td></tr>
<tr><td>Instaurar uma comunicação de valores instantânea. O enunciatário consegue identificar, por causa da ocupação espacial, entre outros procedimentos, o tipo de valorização de uma unidade noticiosa. [...]</td></tr>
<tr><td>Buscar construir uma publicação atraente, bonita, completa, que alie a beleza ao caráter prático exigido pelo leitor. A diagramação deve manejar, assim, um ritmo, dosando, por exemplo, notas com grandes matérias. Nos textos mais longos, divide o material para não cansar o leitor.</td></tr>
<tr><td>Criar um sentido de identidade ao material, na repetição de determinados padrões, o que facilita cada vez mais a obtenção da informação buscada pelo enunciatário. Em outras palavras, se o leitor precisa ver a cotação da bolsa, com o tempo saberá rapidamente como conseguir essa informação por conhecer o lugar onde é colocada. A identidade visual, com o tempo, também gera sentido de familiaridade.</td><td>Estratégia de fidelização – Nasce do contato rotineiro com diferentes edições e da satisfação de saber obter o que se quer com facilidade. Pressupõe contatos anteriores bem-sucedidos. Essa familiaridade em relação ao suporte gráfico-plástico é produto do uso contínuo das mesmas famílias de letras, certos modos de ocupação de espaços e divisões, maneiras rotineiras de valorizar ou desvalorizar conteúdos que criam um</td></tr>
</table>

	código comum entre enunciador e enunciatário.

Quadro 1 – Funções da organização textual administrada pela diagramação, associadas às estratégias de gerenciamento da atenção mobilizada (HERNANDES, 2012, p.187)

Como é possível notar, a diagramação da página orienta a leitura por meio da organização hierárquica das unidades noticiosas, numa ordem que propicia o reconhecimento daquilo que o jornal mostra como mais relevante. O uso de elementos como fotografias, tipos de letras, caixa alta, serve como guia, "fisgando" a atenção e a curiosidade do leitor, que sai com a sensação de que está satisfatoriamente informado.

Essas funções da organização textual apontadas pelo autor não se cumprem apenas na primeira página do jornal, no entanto, é na primeira página que se tem uma maior concorrência das unidades noticiosas. Evidentemente que, se consideramos a relação entre verbal e não verbal, a presença da fotografia é indispensável na seleção que fizemos dos textos e, sendo um elemento que funciona como uma "isca", ela é um ponto de atração patente na página do jornal, e que conduz a leitura para uma notícia relevante, em concorrência com outras. Por isso defendemos, dentro do recorte temático realizado nesta pesquisa, que a fotografia (re)ativa a referência ao objeto *figura pública.*

Além das questões apontadas no quadro, Hernandes (2012) trata também da manipulação do espaço na comparação entre os blocos de manchetes. Ele descreve quatro "leis" de diagramação na distribuição desses blocos (HERNANDES, 2012, p. 191): (i) primeira lei: "o valor de uma unidade noticiosa é proporcional ao espaço a ela concedido", ou seja, quanto maior é a área ocupada, maior é o potencial de atenção; (ii) segunda lei: "tudo o que estiver na parte de cima tem mais valor do que na parte de baixo", segundo ele, essa lei vale também para os componentes de um bloco; (iii) terceira lei: "a máxima valorização espacial de uma revista ou diário acontece na capa ou na primeira página"; (iv) quarta lei: "o início de uma unidade noticiosa é o espaço mais valorizado".

Segundo o autor, essas posições privilegiam um maior potencial de atenção e estão baseadas em uma maneira ocidental de ler um texto. Diferentes formas de diagramar publicações geram, portanto, diferentes efeitos. Tais possibilidades de diagramação permitem que o leitor seja responsável por administrar as notícias, o que pode gerar inúmeros movimentos de leitura. Hernandes (2012, p.197) diz que, na *Folha de S. Paulo,* "espera-se que o leitor tome conhecimento do resumo e da hierarquização das principais notícias por meio da primeira página e, depois, graças à divisão e à ordem dos cadernos, decida o que quer ver."

Dada a seleção que realizamos, as composições que compõem o nosso *corpus* seguem, mais ou menos, um padrão similar de diagramação. Na primeira página, tem-se uma fotografia, que ilustra uma figura pública, acompanhada de uma legenda, posicionada abaixo da fotografia ou sobreposta a ela e que pode conter um título em caixa alta. A fotografia e a legenda podem, ainda, vir acompanhadas de um resumo noticioso, com títulos e subtítulos em destaque. Essa composição concorre com outras na primeira página do jornal, sendo a fotografia e os títulos em destaque responsáveis por dirigir a atenção do leitor para as chamadas principais. Na página interna, geralmente há um espaço maior dedicado à composição que também vem formada por fotografia(s), títulos e subtítulos em destaque.

Em nossas análises, tocamos em questões relativas aos movimentos de leitura e à forma como a diagramação atua na atração do leitor. Vemos que a organização da página e a manipulação do material verbal e não verbal guiam a sua atenção. No caso do recorte temático realizado nesta pesquisa, percebemos que a fotografia e outros recursos, presentes no *layout* a ser impresso, atuam na forma como o objeto-de-discurso é dinamicamente elaborado no jornal e apreendido pelo leitor.

Passamos, agora, ao tratamento da tipografia. Trazemos algumas breves considerações, abordando esse recurso como uma estratégia que enriquece as atribuições de propriedades conferidas a um referente.

3.1.2 Recursos tipográficos no texto jornalístico impresso

Assim como alguns recursos sobre os quais temos discutido até aqui, a tipografia é uma forma de manifestação plástica do verbal a serviço da atração do leitor. Segundo Hernandes (2012, p.207), esse recurso "diz respeito às letras, aos tipos gráficos e às suas possibilidades de concretização, como cores, texturas, tamanhos que geram títulos, matérias, legendas."

Segundo o autor, todo tipo de letra tem um sentido plástico. Em seus usos mais comuns, isso pode não ficar tão evidente, mas não se pode negar que os caracteres tipográficos de textos jornalísticos e publicitários são manejados a fim de cumprir algum propósito específico. Hernandes diz que os tipos gráficos representariam uma espécie de simulacro de um tom de voz, ou seja, o tamanho e o formato das letras simulariam sonoridades.

Dessa maneira, o tamanho estaria relacionado com a altura da voz, o que significa dizer que tamanhos maiores simulam exaltação e, consequentemente, atribuem à notícia mais valor. Do mesmo modo, o formato, com traços mais finos ou mais grossos, com inclinação ou sem inclinação, com ou sem serifa, representaria "um tom de voz mais sério ou mais leve, mais elegante ou mais austero".

Van Leeuwen (2006, p. 144) define a tipografia como um modo semiótico. Segundo ele, a "nova escrita", caracterizada por técnicas, ganha formas inovadoras e responsáveis por uma comunicação visual. Assim, a palavra adquire um sentido a mais

que advém da impressão visual atribuída a ela, ou seja, ao ganhar valor, ela também pode ser vista como uma imagem.

O autor alerta que a tipografia não pode ser considerada de maneira isolada dos outros modos semióticos com os quais ela coocorre. Nos *designers* atuais, a tipografia é integrada com outros meios semióticos de expressão, como cores, texturas, movimentos, tornando-se, também, multimodal.

Baseando-se em tipos de fontes, Van Leeuwen (2006) descreve um conjunto de categorias que, segundo ele, não são definitivas, mas podem ser uma proposta de abordagem para um tema ainda pouco tratado pela semiótica. São sete as categorias que ele lista: peso, expansão, inclinação, curvatura, conectividade, orientação e regularidade.

O "peso", categoria que utilizamos em nossas análises, diz respeito à diferença entre tipos de letras em negrito e sem negrito, ou versões de um tipo de letra que se mostram mais ou menos saliente, como a diferença entre Arial e **Arial Black**. A "expansão" está relacionada ao espaço que um tipo de letra pode ocupar, por ser mais condensada ou de largura maior, por exemplo, Arial narrow e Arial. A "inclinação" refere-se à diferença entre letras "cursivas", que representariam um tipo mais natural, e letras verticais, mais mecânico, como em *Lucida Calligraphy* e Lucida Bright.

A "curvatura" define a angularidade do tipo gráfico, ou seja, se é mais ou menos arredondado, o que mostra a diferença entre Century Gothic e BANKGOTHIC LT BT. A "conectividade" está relacionada ao grau de conexão das letras, se elas estão ligadas ou desconectadas umas das outras, como em *Lucida Handwritting* e Lucida Console. A "orientação" é relativa à direção das letras: se são achatadas, tem uma direção horizontal, se são alongadas, apresentam direção vertical, tais como **Wide Latin** e Onyx. E, por fim, a "regularidade" concerne aos contrastes entre fontes que apresentam

formas mais regulares, e outras, formas mais aleatórias, como podemos ver em Times New Roman e Ravie.

Van Leeuwen (2006) alerta que, em cada uma dessas categorias, não temos sempre tipos gráficos opostos, mas tipos em *continuum*. Além disso, o autor tenta descrever possibilidades de significações metafóricas que cada fonte pode representar em determinados contextos.

Romero (2012, p. 51) explica que o novo projeto gráfico do jornal *Folha de S. Paulo*, realizado em 2010, criou uma nova letra de tamanho 10% maior que as letras do projeto de 2006. O autor explica que, segundo o jornal, esse tamanho deixaria a leitura mais fácil, dando uma melhor visualização dos textos. Assim, a plasticidade confere dinamismo à leitura, facilitando o acesso às informações mais salientes, além de garantir um aspecto mais agradável ao texto.

Além disso, na *Folha de S. Paulo*, a tipografia confere identidade para o jornal e uniformidade para os cadernos. Seu tratamento plástico parece, mais uma vez, uma estratégia utilizada para chamar atenção do leitor para o mais relevante e, portanto, está relacionada ao recurso da saliência, apresentado no capítulo anterior.

Observamos em nossas análises como esse tratamento plástico dado à tipografia pode interferir na (re)elaboração da referência. Em conjunção com a distribuição do material não verbal, a tipografia auxilia no destaque dado às informações que "saltam aos olhos" e que vão construir uma primeira "versão" do referente por meio do processo de (re)categorização mútua.

Como veremos, essa primeira "versão" constrói-se numa articulação multimodal, resultante da conjunção dos elementos que constituem o jornal impresso. Mostramos até aqui alguns aspectos referentes à diagramação e à tipografia. Na seção que segue, tratamos de algumas funções desempenhadas pela fotografia no jornal impresso, e

apresentamos um exemplo de composição com a finalidade de ilustrar alguns dos aspectos que discutimos até aqui.

3.1.3 A fotografia no jornal impresso

Como dito no capítulo II, a fotografia surge no início do século XIX com a função de registrar o desenvolvimento industrial e a ascensão da burguesia. Nesse período, ela era vista como registro documental e referencial, daí o reforço da crença na objetividade da imagem fotográfica, livre da interferência e da manipulação do sujeito. Na imprensa, a fotografia aparece apenas no final do século XIX, na Alemanha; e, no Brasil, em meados do século XX. Seu uso é resultado do desenvolvimento das tecnologias gráficas e da necessidade do jornal se adequar a um público leitor cada vez mais exigente.

Dessa maneira, duas funções principais prevalecem no uso da fotografia no jornalismo impresso até hoje: a de assegurar a objetividade e a de captar o leitor. Charaudeau (2006, p. 55), ao discutir sobre os efeitos de verdade que o discurso informativo pode produzir no receptor, aponta a fotografia como um meio discursivo empregado para provar a autenticidade ou a verossimilhança dos fatos.

A fotografia funcionaria como uma prova concreta, confirmando a veracidade de uma informação. Para o autor, a imagem se presta a um efeito de designação, ou melhor, de presentificação, que assegura o efeito de transparência do discurso midiático:

> Nas mídias, o meio mais eficaz de designação é a imagem que, no imaginário social, participa da ilusão de *verismo*, fazendo com que se tome aquilo que representa o objeto (o "representamen") pelo próprio objeto; isso ocorre particularmente com a foto de imprensa ou com a imagem televisiva, principalmente quando esta se reveste dos atrativos da transmissão direta. Nesse sentido, certos ruídos ouvidos pelo rádio funcionam como autenticação do acontecimento (gritos, rumores de multidão, estalos de arma de fogo, barulhos de trens em movimento etc., para autenticar o que se passa no local)." (CHARAUDEAU, 2006, p. 89)

Como dissemos no início deste capítulo, o uso da fotografia está associado às contradições que caracterizam o discurso midiático, ou seja, ao mesmo tempo em que ela é informação, autenticação e prova, é também uma estratégia de captação do leitor, a partir do despertar de suas emoções por meio da encenação do discurso de informação.

A captação do leitor é assegurada pelo modo como o discurso se organiza na página do jornal, ou seja, quanto mais atraente ele se mostra, maior será o interesse do leitor. É, pois, em grande parte, por meio da diagramação que o leitor é fisgado para a leitura. Hernandes (2012, p. 213) explica que cada vez mais se aposta no uso da fotografia para obter laços com os leitores, visto que ela deve garantir e fomentar sua curiosidade. E, como vimos, a fotografia é uma das principais iscas para atrair o olhar para uma unidade noticiosa, é por meio dela que o leitor será encaminhado para a parte verbal, que, por sua vez, deverá compor com a foto um conjunto coeso e coerente (HERNANDES, 2012, p. 214).

No sentido inverso, sobre a relação do verbal com a fotografia de imprensa, Barthes (1982, p.32) explica que toda imagem é polissêmica, sendo a função da mensagem linguística guiar a interpretação que se faz dela. A essa função, o autor dá o nome de *ancoragem*:

> o texto dirige o leitor entre os significados da imagem, faz-lhe evitar uns e receber outros; através de um *dispatching* muitas vezes subtil, ele teleguia-o para um sentido antecipadamente escolhido. Em todos estes casos de ancoragem a linguagem tem, evidentemente, uma função de elucidação, mas esta elucidação é selectiva; trata-se de uma metalinguagem aplicada não à totalidade da mensagem icónica, mas somente a alguns de seus signos; o texto é verdadeiramente o direito de olhar do criador (e, logo, da sociedade) sobre a imagem: a ancoragem é um controlo, ela detém uma responsabilidade, face ao poder projectivo das figuras, sobre o uso da mensagem; em relação à liberdade dos significados da imagem, o texto tem um valor *repressivo,* e compreende-se que seja ao seu nível que se insvestem sobretudo a moral e a ideologia de uma sociedade. (BARTHES, 1982, p. 33 – *grifos do autor*)

Percebe-se que para Barthes o visual está submetido ao verbal e depende dele para fazer sentido. Reconhecemos que o verbal pode direcionar a construção de sentido do visual, mas defendemos que, no processo de construção de objetos-de-discurso, verbal e não verbal operam de maneira conjunta, sem submissão de um modo em relação ao outro. Quando tratamos de construção referencial, os sistemas sígnicos não verbais podem operar tanto quanto o verbal na ativação ou manutenção de objeto-de-discurso. Assim, o verbal não tem vantagens em relação ao não verbal, ambos podem (re)categorizar o referente por meio de estratégias diferentes, que, somadas, fazem emergir a versão que se pretende construir.

Dessa maneira, neste trabalho, a ideia de conjunção/articulação não deve se confundir com a ideia de reforço. Para nós, o objeto-de-discurso emerge da articulação entre verbal e não verbal, e não do reforço que o não verbal possa oferecer ao verbal. Não subordinamos a fotografia ao texto verbal, como se a imagem fosse acessória e dependesse da escrita para construir a referência. Buscaremos mostrar, diferentemente, que verbal e não verbal, no jornal, estão articulados em função de um projeto de dizer.

Entendemos que, nas composições que coletamos, a fotografia não é mera ilustração do material verbal, mas funciona como informação de grande eficácia para o texto jornalístico impresso, já que traz à visão do leitor uma evidência do que é escrito e assegura a leitura.

Assim, buscamos uma leitura dessa relação em que um modo não seja privilegiado em detrimento do outro. No processo de referenciação à figura pública, vamos ver que a articulação entre fotografia e expressão nominal mostra uma relação de ancoragem mútua, de onde emerge a construção do referente. Utilizamos, pois, o termo *ancoragem* para explicar o processo de (re)categorização mútua numa acepção diferente da utilizada por Barthes. Com esse termo, queremos recuperar a relação entre um termo

(re)categorizador e sua(s) âncora(s), não de maneira sequencial, mas de maneira dinâmica e característica da natureza multimodal das composições que são parte do nosso *corpus*.

No capítulo de análise, tratamos desse e de outros processos concernentes à construção de objeto-de-discurso no que chamamos de articulação multimodal. Como já dissemos, não somos contrários à ideia de que o verbal direciona a leitura que se realiza do não verbal, como reconhece Barthes (1982), mas o que vemos nessa relação é uma "via de mão-dupla". No caso da referenciação, notamos que a fotografia funciona como uma âncora para a (re)categorização verbal, que, por sua vez, atribui propriedades ao referente acionado pela imagem.

Para finalizar este capítulo, apresentamos, a seguir, algumas questões sobre diagramação a partir de dois exemplos de composição: uma presente na primeira página da *Folha de S. Paulo* do dia 18 de março de 2013 e outra presente na página interna do dia 21 de janeiro de 2013. Em nossas análises, essas composições são retomadas para discutirmos a construção referencial em torno do papa Francisco e da atriz Marília Pêra. No momento, utilizamos essas composições para ilustrar algumas questões referentes ao que discutimos sobre diagramação.

Conforme explicamos, focalizamos nas composições uma figura pública determinada e fazem parte delas os materiais verbal e não verbal relativos a essa figura pública. No exemplo que segue, a composição da primeira página é formada por fotografia, legenda e um texto posicionado ao lado esquerdo da foto. Todos esses materiais tratam de assuntos relativos ao papa Francisco:

FOLHA DE S.PAULO

Desde 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 93 • SEGUNDA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 2013 • Nº 30.665 EDIÇÃO SP/DF ★ CONCLUÍDA ÀS 23H59 ★ R$ 3,00

ENTREVISTA DA 2ª
ROBERTO ROMANO

Por ser jesuíta, papa Francisco pode dialogar com a ciência

Por ser oriundo da Companhia de Jesus, o papa Francisco tem capacidade para dialogar com o mundo científico, tecnológico e político e lidar com os desafios da modernidade, afirma Roberto Romano, professor de ética e filosofia na Unicamp. "É uma ordem que cultiva a ciência e a técnica", disse.

Mas, para arejar a igreja, o pontífice terá de enfrentar a Cúria. Entrevista da 2ª A15

VALDO CRUZ

Economia fez Dilma ceder aos pedidos políticos

Algo saiu dos trilhos no governo Dilma Rousseff. Estivesse tudo como planejado, a presidente não teria de sucumbir tão cedo ao apetite de seus aliados, mais de um ano antes da eleição.

A resposta está nos resultados decepcionantes da economia. Há quem preveja riscos em 2014. Opinião A2

O jornalista VALDO CRUZ passa a escrever às segundas-feiras a coluna "Brasília".

Fundos reduzem aplicação para atrair iniciantes

Com a queda dos juros ao seu nível mais baixo, fundos de renda fixa e DI já competem pelo pequeno investidor, que busca alternativa à caderneta de poupança.

Para atraí-lo, reduzem o valor inicial da aplicação — em alguns casos, de R$ 5.000 para R$ 50. Em 2012, quintuplicou o número de fundos com redução. Folhainvest B1

Europa teme que corrida a bancos no Chipre se espalhe para outros países

Mundo A14

EDITORIAIS Opinião A2

Leia **"Enchente de prejuízos"**, acerca de inação diante das chuvas em São Paulo, e **"Ensinar direito"**, sobre qualidade dos cursos jurídicos no país.



» PAPA STAR Entre seguranças, Francisco saúda fiéis, que chegaram a beijar seu rosto, após missa no Vaticano; no 1º Ângelus, ele tratou do perdão Mundo A9

Promessas de Haddad já somam R$ 13,9 bilhões

Das 13 medidas do prefeito de SP, 5 são de difícil execução em um só mandato

As 13 medidas anunciadas pelo prefeito Fernando Haddad (PT) em 77 dias de gestão custarão pelo menos R$ 13,9 bilhões para ser colocadas em prática — o valor equivale a um terço do Orçamento da capital paulista.

Os planos incluem construir hospitais, dar apoio financeiro a empresários que fizerem creches e renovar semáforos. No "promessômetro" de Haddad, 5 dos 13 projetos são de difícil conclusão em um só mandato.

Para custear todas essas iniciativas, a prefeitura paulistana pretende usar, além de recursos do seu próprio caixa, verbas dos governos estadual, federal e de empresas, por meio de parcerias público-privadas.

Há pouca folga nas finanças municipais. Em janeiro, Haddad congelou R$ 5,2 bilhões do Orçamento deste ano. Há três semanas, mandou seus secretários cortarem 20% das despesas, revendo contratos. Cotidiano C6



Croqui de look da Colci

ILUSTRADA
SP Fashion Week, que começa hoje, aposta em clima de Hollywood E1

ESPORTE
São Paulo vence e se mantém líder; Palmeiras empata com lanterna D1 e D2

TEC
Com doença rara, ilustrador de games desenha com os olhos F1



» POR ÁGUA ABAIXO Resgate em rua alagada de Camburi (São Sebastião); chuva no litoral norte derrubou barreiras e causou enchentes que afetaram mais de 600 pessoas Cotidiano C1

COC vendeu R$ 14 milhões a secretaria na gestão Chalita

O grupo educacional COC vendeu R$ 14 milhões em softwares à Fundação para o Desenvolvimento da Educação quando o deputado Gabriel Chalita (PMDB-SP) era secretário estadual da área (2002-06). Após 2006, o grupo não vendeu mais à FDE.

Chalita diz que a FDE é independente da secretaria e que os contratos foram aprovados pelo Tribunal de Contas. O COC também nega irregularidades. Poder A4

FALE COM A FOLHA
Veja como evitar em contato com o serviço ao assinante, as editorias e a ombudsman fale.folha.com.br

ATMOSFERA Cotidiano C2
Chove na capital paulista
Mínima 19ºC Máxima 29ºC

315.933 exemplares
impressos + digitais

RODÍZIO Cotidiano C2
Não devem circular carros com placas cujo final seja: 1 ou 2

Faça Pós-Graduação na UNIP – a maior Universidade do Brasil, segundo o censo oficial do MEC.

• Excelência no ensino
• Conceito positivo no ENADE – MEC
• Parcerias universitárias em todos os continentes do mundo

A UNIP é top no mercado de trabalho, de acordo com o Ranking Universitário Folha 2012.

UNIP UNIVERSIDADE PAULISTA

ESPECIALIZAÇÃO • MBA • CAPACITAÇÃO | PRESENCIAIS • SEMIPRESENCIAIS • A DISTÂNCIA | www.unip.br

Figura 7 – 1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* - edição do dia 18 de março de 2013

No tocante à diagramação dessa página, observamos, conforme vimos em Hernandes (2012), a função desempenhada pelas fotografias e pelos títulos em maior destaque, ou seja, atrair a atenção do leitor, que, a partir da hierarquização desses elementos, vai dar continuidade a sua leitura. Nesse caso, considerando as "leis" de diagramação na organização dos blocos de manchetes, apresentadas pelo autor, e a noção de valor informacional de Kress e van Leeuwen (2006), podemos afirmar que a unidade noticiosa em maior destaque e, portanto, de maior relevância é a que ilustra o papa Francisco, visto que ela se posiciona na parte superior da página, ocupando um espaço significativo. A fotografia, a legenda e o texto que se posicionam ao lado esquerdo da foto ocupam quase a metade da página do jornal, o que mostra o prestígio com que é apresentada essa manchete.

Entretanto, não podemos deixar de destacar a imagem do croqui, que chama a atenção para a leitura da "Ilustrada", o título com maior peso, fonte maior e negrito, na chamada sobre as promessas do prefeito Haddad, e a manchete, com foto, sobre as chuvas no litoral norte. As demais chamadas, que ocupam menor espaço, se organizam em torno dessas outras, cumprindo a função de informar de maneira rápida e eficiente, e levando o leitor à impressão de que, na primeira página, é possível ter acesso às informações de toda a edição.

O tratamento tipográfico relacionado, principalmente, ao peso das letras e ao destaque em cores das manchetes de menor relevância também cumpre a função de atrair a atenção do leitor, iscando-o para essas manchetes. Além disso, esse tratamento tipográfico sugere uma leitura mais agradável. Nota-se que a diagramação não só organiza os elementos na página do jornal, mas também determina a postura do leitor em relação a esses elementos, orientando-o durante a leitura.

Nas composições de página interna, é comum que a matéria ganhe um espaço maior, chegando a ocupar uma página inteira, como vemos a seguir:



Figura 8 – Página presente no caderno Ilustrada, página E1, do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 21 de janeiro de 2013

No caso dessa página, a fotografia posicionada na parte superior ganha bastante destaque, tanto por seu tamanho quanto pela posição que assume. O título da matéria "uma senhora atriz" vem sobreposto a ela, com uma tipografia trabalhada para chamar a atenção. Essa sobreposição e as letras em branco, com o modificador emoldurado na mesma cor de outros elementos do texto, iscam a atenção do leitor. Percebe-se que os recursos tipográficos atribuem valor às palavras, auxiliando a relação de ancoragem entre verbal e não verbal.

O subtítulo em destaque "À beira de completar 70 anos, Marília Pêra faz um balanço de sua carreira e fala sobre seus papéis recentes no teatro e na TV", amplia as informações sobre a atriz e começa a direcionar a leitura da matéria para a temática dos papéis que Marília Pêra viveu. As fotos menores também ganham saliência e vêm ligadas com as informações da retrospectiva, em ordem cronológica, organizadas por uma linha da mesma cor que emoldura o título da matéria, o que garante a coesão desses elementos. Além disso, as citações presentes nos olhos[20], na parte inferior do texto, posicionados ao lado esquerdo e direito, trazem mais informações em destaque. Todos esses recursos articulados vão adiantando o que o leitor encontrará no corpo da matéria.

A diagramação dessas páginas mostra que a fotografia e elementos destacados pela tipografia, pelas cores, pela posição, pela distribuição, pelo relevo, são recursos que tornam as composições que coletamos unidades textuais coesas. Esses elementos são responsáveis por direcionar o leitor para o corpo da matéria, que vai retomar e ampliar as informações apresentadas em saliência.

No próximo capítulo, mostramos como esses recursos operam na referenciação à figura pública. Já dissemos que estudar esse processo no jornal impresso nos leva a

[20] O olho é uma parte do texto que destaca uma informação considerada relevante, geralmente aparece em quebra de colunas e é mais comum em entrevistas. Esse trecho pode trazer um recorte, uma paráfrase ou uma citação de alguma parte do material escrito.

assumir a relação entre o material verbal e o material não verbal de maneira mais complexa, principalmente porque consideramos esse suporte potencializador da multimodalidade e é dessa maneira, ou seja, admitindo a multimodalidade como constitutiva das composições coletadas, que analisamos o processo de referenciação nesse tipo de co(n)texto.

Assim, daremos sequência explicitando melhor como operamos com os recursos verbais e não verbais que destacamos até aqui. Na sequência, trazemos as explicações referentes aos procedimentos adotados para a realização das análises e apresentamos e discutimos os resultados obtidos.

CAPÍTULO IV – Procedimentos de análise e discussão dos resultados

Neste capítulo, explicamos como procedemos com a análise do *corpus* coletado e quais os resultados que obtivemos. Na seção 4.1, veremos que cada modo semiótico foi tratado a partir de um aparato teórico-metodológico diferente, mas que se complementaram. Realizamos um recorte da GDV que nos auxiliou no levantamento de recursos próprios da elaboração fotográfica e na observação de como esses recursos são articulados ao material verbal no processo de referenciação.

Nessa articulação, observamos a recorrência do que denominamos *(re)categorização mútua*. Abordamos esse processo na seção 4.2, apresentando sua caracterização na subseção 4.2.1 e, posteriormente, na subseção 4.2.2, tratando de outros processos que atuam na referenciação e auxiliam a (re)categorização mútua: o processo de (re)categorização por meio de predicações, por meio do discurso citado e por meio de informações em destaque no corpo da matéria.

4.1 Procedimentos de análise

Como explicamos na introdução, nosso *corpus* foi coletado a partir do acervo digital da *Folha de S. Paulo*. As páginas reproduzidas neste capítulo guardam as mesmas características do jornal impresso. Por conta do tamanho reduzido, realizamos a transcrição dos textos escritos, quando curtos; ou reproduzimos as informações em alguns quadros, sublinhando os elementos que enfocamos na análise.

A delimitação de nosso objeto de estudo resultou de uma observação prévia do jornal com foco na relação entre verbal e não verbal na construção de objetos-de-discurso. Para viabilizar metodologicamente a pesquisa, estabelecemos um recorte temático, selecionando a construção de objetos-de-discurso pertencentes à categoria *figura pública.*

Consideramos como *figuras públicas* celebridades, desportistas, artistas, músicos, políticos, ou seja, personalidades conhecidas pelo público em geral e que estiveram envolvidas em assuntos de interesse público tratados com certa relevância pelo jornal e, por isso, noticiados na primeira página. A partir desse recorte temático, selecionamos em torno de 50 composições envolvendo figuras públicas, extraídas do jornal no decorrer do ano de 2013.

Da observação desse conjunto de composições, percebemos, com certa regularidade, a presença de uma correlação entre uma expressão nominal tipograficamente destacada categorizando a figura pública e a(s) fotografia(s) focalizando essa figura. De maneira mais específica, delimitamos, então, nossas análises a esse processo, que denominamos *(re)categorização mútua*. Percebemos a ocorrência desse processo em, pelo menos, 24 composições, das quais selecionamos 10 para discussão neste trabalho.

A escolha do período para levantamento das composições (ano de 2013) se justifica por ter sido suficiente para a observação e seleção de dados. Como o foco de nosso trabalho é um fenômeno textual, que está relacionado com as estratégias atuais de diagramação do jornal, optou-se por um período simultâneo ao da pesquisa.

Levando em conta os objetivos que temos, analisamos as composições selecionadas a partir de algumas etapas subsidiadas pelo aparato teórico-metodológico revisto em nossa fundamentação. Defendemos que a construção do objeto-de-discurso se dá na conjugação, ou melhor, na articulação estabelecida entre verbal e não verbal, respeitando suas especificidades. Sendo assim, partimos da materialidade de cada modo semiótico, levantando os recursos relacionados à construção da "representação" da figura pública no jornal. Analisamos também recursos relativos, como explicamos, à diagramação do jornal, tais como a tipografia e a organização do material verbal e do

material não verbal na composição da página, sempre que esses recursos interferiram na construção do referente.

Nossa investigação foi realizada considerando duas etapas principais, que não seguem, necessariamente, a ordem seguinte, já que nossas interpretações priorizaram a articulação desses recursos:

- descrição e análise da fotografia a partir dos recursos mais diretamente relacionados com a composição fotográfica, descritos pela GDV: a distância social, a atitude, o valor informacional. Também foram consideradas as relações estabelecidas pelos vetores, sempre que nos auxiliaram na explicação de algum outro recurso, como o contato social. Além disso, utilizamos as noções de saliência e moldura para explicar os destaques que são dados à imagem da figura pública em análise. Tais recursos não foram observados em todos os textos, visto que a ocorrência de um ou outro, ou melhor, seu potencial semiótico depende de propósitos comunicativos. O que percebemos foi uma recorrência no uso dessas categorias, por isso partimos dessa seleção, no entanto, consideramos que a elaboração da fotografia é dinâmica e não descartamos outras categorias;
- levantamento e análise das expressões nominais, escolhas lexicais e outras porções textuais, envolvidas no processo de referenciação à figura pública; consideramos os processos abordados pela primeira tendência e pela segunda tendência, que caracterizam os estudos sobre referenciação, enfocando os processos de categorização e recategorização de objetos-de-discurso e a atribuição de propriedades e características aos referentes.

Do levantamento desses dados, observamos que o objeto-de-discurso emerge da articulação entre fotografia e expressão nominal, num processo que denominamos de *(re)categorização mútua*. Dessa maneira, partimos da relação entre a fotografia e expressão nominal em destaque para, em seguida, explicarmos outros processos.

Assim, agrupamos os dados de acordo com os processos observados no material de análise: a (re)categorização mútua, a (re)categorização por meio de predicações, a (re)categorização por meio do discurso citado e a (re)categorização por meio de informações em destaque no corpo da matéria. Esses três últimos processos ocorrem em partes do material verbal, atuando na referenciação à figura pública e, a nosso ver, auxiliando a relação de ancoragem entre verbal e não verbal, na medida em que ajudam a esclarecer e reforçam a (re)categorização mútua. Selecionamos esses processos para análise porque aparecem com regularidade nas composições de nosso *corpus*, cumprindo a função de auxiliar o processo que estamos focalizando neste trabalho. Na seção que segue mostramos como isso ocorre.

4.2 Processo de referenciação multimodal no jornal impresso: a (re)categorização mútua

Passamos, agora, à apresentação das nossas análises. Na próxima seção, caracterizamos o processo de (re)categorização mútua.

4.2.1 Caracterização do processo de (re)categorização mútua

Durante nossa análise inicial de matérias do jornal para investigação da relação entre verbal e não verbal, pudemos observar, como explicamos anteriormente, a existência de um processo recorrente: a presença de uma relação entre a fotografia de uma

figura pública e uma expressão nominal (referente a essa figura) destacada com recursos tipográficos, como caixa alta, peso, cores. Na verdade, essa é uma estratégia de diagramação do jornal que aparece com bastante frequência em chamadas e notícias de temáticas variadas. No caso do recorte temático que realizamos, a expressão destacada é uma expressão nominal que apresenta uma descrição da figura pública em foco na composição e, quando articuladas na diagramação, a expressão nominal e a fotografia operam uma primeira categorização do referente.

Chamamos, então, de *(re)categorização mútua* o processo de ancoragem entre fotografia e a expressão nominal em destaque, presentes na primeira página e/ou na página interna. Essa ancoragem se consolida por meio de uma vinculação referencial entre a categorização visual, ou seja, a forma como a figura pública é representada na fotografia, e a (re)categorização verbal, realizada por meio da expressão nominal.

Notamos que essa expressão nominal normalmente ganha um tratamento especial, além do destaque tipográfico. A forma como é elaborada causa, na maioria das vezes, um certo estranhamento, visto que parece intencionalmente "pouco explicada". Em outras palavras, a expressão nominal em destaque é elaborada a fim de levar o leitor a "decifrá-la", recorrendo a outros elementos e informações presentes na composição. Nesse caminho de leitura, os materiais verbal e não verbal se ancoram e convergem mutuamente na construção da referência.

Reconhecemos que, no estabelecimento dessa relação de ancoragem, são acionados diversos tipos de conhecimentos e processos cognitivos, envolvidos na própria atividade de leitura, que são determinantes para a construção referencial, contudo, procuramos focalizar, em nossas análises, como recursos não verbais, próprios do processo de elaboração fotográfica, e recursos verbais, envolvidos no processo de referenciação, são articulados na (re)categorização de objetos-de-discurso.

Observamos que os recursos de elaboração da fotografia revelam uma categorização do referente que é (re)categorizada pela expressão nominal e vice-versa, de modo que uma expressão nominal em destaque (re)categoriza a elaboração visual do referente ao mesmo tempo em que essa elaboração visual "esclarece" a atribuição verbal, numa relação de ancoragem recíproca. É, pois, essa relação de ancoragem de "mão dupla" que chamamos de *(re)categorização mútua*.

Analisamos a seguir exemplos de casos encontrados na primeira página do jornal e em páginas internas. Notamos que a expressão nominal em destaque, nas composições de primeira página, aparece, com mais frequência, no título da legenda que acompanha a foto. Ela vem destacada em azul e em caixa alta, como podemos observar nas composições presentes na capa do dia 31 de maio de 2013. Nessa página, temos duas ocorrências: na parte de cima, a que ilustra o governador Geraldo Alckmin e, na parte de baixo, a que ilustra o goleiro Vitor do time Atlético-MG:



Figura 9 - 1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 31 de maio de 2013

Como é possível notar, as duas composições apresentam uma distribuição semelhante dos materiais verbal e não verbal. Abaixo da fotografia, que ilustra a figura pública, vemos uma legenda acompanhada por um título em caixa alta e em azul.

Como vimos nos capítulos teóricos, o uso da fotografia, por si só, já é uma estratégia que opera na tentativa de atrair o leitor para as duas composições que aparecem nessa página, destacando a importância que elas têm em relação às demais. Além disso, segundo as leis de diagramação (HERNANDES, 2012) e a noção de valor informacional (KREES; VAN LEEUWEN, 2006), a composição que ilustra o governador Geraldo Alckmin vem posicionada na parte superior da página, o que lhe confere ainda mais prestígio e relevância. Entendemos que essas fotografias operam uma ativação dos referentes e, de maneira articulada com o material verbal, acionam uma imagem reveladora de determinado ponto de vista.

Na composição superior, o espaço ocupado pela fotografia, bem como o título da legenda em caixa alta e destacado em azul guiam o olhar do leitor para o que parece mais saliente na composição. Segundo a GDV, temos, na fotografia, uma representação conceitual classificacional, ou seja, os participantes que se encontram na imagem estão dispostos de maneira paralela, de modo a afigurar-se como uma mesma classe.

Como se nota, a imagem ilustra Geraldo Alckmin posando para a foto com *drag queens*. E, embora a sua figura não ocupe um primeiro plano, o ângulo de tomada é frontal em relação a ela, o que gera uma impressão de estreitamento da disposição dos participantes em sua direção. Além disso, ele é, naturalmente, uma figura mais saliente por representar uma figura pública.

Abaixo da fotografia, temos a seguinte legenda “>>DRAG KING O governador Geraldo Alckmin em visita à Feira da Diversidade, um dos eventos que antecedem a Parada Gay de São Paulo, no domingo; o pastor e deputado Marco Feliciano aceitou convite e vai ao festival Mix Brasil Cotidiano C6”. A escolha lexical “drag king”, destacada em caixa alta e em azul, (re)categoriza esse referente e sua introdução é sustentada pelo modo como ele vem representado na fotografia. O referente, representado

visualmente, funciona como uma âncora que esclarece a atribuição "drag king" ao mesmo tempo em que é recategorizado por ela.

Em outros termos, diríamos que a expressão nominal em destaque determina o modo como o referente é elaborado visualmente, bem como essa elaboração fotográfica autoriza a atribuição verbal. Observando a foto em si, seria possível depreender a figura do governador como participante de um evento *gay*. Porém, a categorização *rei dos drags*, embora pudesse até ser depreendida pela fotografia, é certamente uma caracterização bastante particular e dependente da expressão nominal "drag king". No sentido inverso, a expressão "drag king" desvinculada da fotografia seria, de certo modo, um tanto imprecisa em termos de sua referência, sendo, portanto, dependente da fotografia. Em outras palavras, ao observar a fotografia, para chegar mais precisamente à ideia de *rei dos drags*, o leitor precisa da expressão "drag king" e, ao mesmo tempo, ao ler tal expressão, para conseguir interpretá-la, o leitor precisa da fotografia.

É esse processo de contribuição de mão dupla na construção referencial que constitui o que chamamos de *(re)categorização mútua*. Diríamos que a fotografia ancora a (re)categorização feita pela expressão nominal e vice-versa e que ambas (fotografia e expressão nominal), conjuntamente, (re)categorizam o referente *governador*.

Tem-se, no título da legenda, a criação de um neologismo a partir do termo *dragqueen*, que sofre, com a substituição de *queen* por *king*, uma mudança de gênero, restringindo a remissão à figura do governador. Notamos que, ao enquadrar os participantes dessa fotografia como pertencentes a uma mesma classe, essa representação visual chama a atenção para a participação do governador num evento de público *gay,* mostrando que ele não se constrange em participar e ser visto com esse público.

Mesmo parecendo estar numa posição desconfortável, sem abraçar ou se integrar de maneira mais íntima aos outros participantes da fotografia, a posição de destaque é

confirmada, ainda, pela ausência de uma representação visual associada a Marco Feliciano, outro referente instaurado pela legenda "o pastor e deputado Marco Feliciano aceitou convite e vai ao festival Mix Brasil". Colocam-se em confronto dois comportamentos diferentes, destacando a posição do governador, o que explica, mais uma vez, a atribuição *king* à sua figura.

Vemos que a expressão "drag king" recategoriza o referente acionado por meio da fotografia, e se sustenta pelo modo como ele é representado nela. Dessa maneira, o visual ancora a atribuição verbal ao mesmo tempo em que é ancorado por ela. Assim, a atribuição de propriedades conferida por meio da expressão nominal pode ser explicada pautando-se em recursos não-verbais, do mesmo modo que a expressão verbal ancora a atribuição visual de propriedades ao referente.

Ainda nessa primeira página, há outro caso ilustrativo do processo de (re)categorização mútua. A seguir apresentamos um recorte da composição que ilustra o goleiro Vitor:



Figura 10 – Composição presente na 1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 31 de maio de 2013

Como vimos na página do jornal, essa composição entra em concorrência com a composição que analisamos anteriormente. Por estar posicionada na parte inferior da página, ela é apresentada como sendo de menor prestígio em relação à composição que ilustra Geraldo Alckmin. No entanto, por ser composta por uma fotografia, ela ganha relevância na página do jornal e deverá chamar a atenção do leitor.

De maneira análoga à composição que analisamos, essa fotografia capta o referente de modo a autorizar a atribuição verbal presente no título da legenda e, como dissemos, essa atribuição (re)categoriza o objeto-de-discurso *figura pública*. A fotografia configura-se como uma representação narrativa que confere dinamismo e movimento ao participante representado (KRESS; VAN LEUWEEN, 2006). A posição desajeitada e de esforço em que o goleiro se encontra, a sua movimentação em direção à bola bem como a movimentação da bola em sua direção, ou melhor, em direção ao gol (não enquadrado) coloca em foco a defesa, realizada com o pé esquerdo do goleiro.

O congelamento desse ato a partir de um ângulo frontal e enquadramento em plano médio também acaba por privilegiar a ação. Além disso, percebe-se que o fundo da fotografia aparece desfocado, colocando em evidência a figura de Vitor e, principalmente, o modo como ele realiza a defesa. Essa configuração visual autoriza a (re)categorização verbal "pé salvador", presente no título da legenda ">>PÉ SALVADOR Herói da noite, Vitor defende pênalti aos 48 minutos do 2º tempo, evita derrota para o Tijuana, do México, e leva o Atlético-MG à semifinal da Libertadores Esporte D3". De maneira recíproca, essa atribuição verbal recategoriza a configuração visual, enfocando também o modo como ocorreu a defesa. Temos, assim, mais um caso de (re)categorização mútua.

Importante notar que mesmo que a expressão nominal "pé salvador" esteja mais diretamente ligada com o modo como o goleiro defendeu o gol, não podemos negar que ela incide sobre a referência à figura pública. Nesse caso, é por meio de uma associação

metonímica que se atribui a propriedade de “salvador” não exatamente ao pé do goleiro, mas ao próprio goleiro. Isso é ratificado com a expressão nominal que se segue ao título da legenda e faz referência a Vitor, homologando a expressão “pé salvador” e, consequentemente, recategorizando o objeto-de-discurso em foco: a expressão “herói da noite”, assim como “salvador”, coloca a figura pública em destaque e atribui a ela notabilidade. Além desses dados, retomaremos esse caso e destacaremos mais adiante a importância das predicações presentes nessa legenda. Elas também operam na referenciação a essa figura pública e auxiliam, na medida que ratificam, o processo de (re)categorização mútua.

Há outra composição de primeira página em nosso *corpus* que focaliza a figura de Vitor e que ilustra mais um caso desse processo. A seguir, apresentamos a página em que ela é veiculada:



FOLHA DE S.PAULO

Desde 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 93 • QUINTA-FEIRA, 11 DE JULHO DE 2013 • Nº 30.780 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA À 0H46 • R$ 3,00

Eleitor vai cobrar caro do Congresso, diz Mercadante

Auxiliar mais próximo de Dilma, ministro da Educação afirma que Legislativo sofrerá 'renovação forte' se não ouvir as ruas

Articulador mais próximo da presidente Dilma, o ministro da Educação, Aloizio Mercadante (PT), disse que o eleitor vai "cobrar caro" de deputados e senadores se a reforma política não ocorrer após a rejeição do plebiscito.

"Acho que vai haver uma renovação forte no Congresso se ele não ouvir esse sentimento que está na rua."

Para o ministro, a queda brusca na popularidade de Dilma após a onda de protestos pelo país foi um "problema político-psicológico circunstancial", que não terá "impacto duradouro".

"Ela não só vai se recuperar como nós vamos vencer a eleição", disse o petista, em entrevista a Fernando Rodrigues e Valdo Cruz.

Cotado para assumir a Casa Civil em uma reforma ministerial, Mercadante endossa críticas da base aliada e diz que a articulação política do governo com o Legislativo precisa de mudanças.

"Os ministros precisam ter mais presença no Congresso, Dialogar mais com os parlamentares. Receber os parlamentares." Poder A4

Briga em sindicato de motoristas de ônibus fere 8

Uma briga no Sindicato dos Motoristas de Ônibus de São Paulo deixou oito feridos, incluindo três baleados. O confronto ocorreu após ato que paralisou 16 terminais e afetou cerca de 750 mil usuários. Cotidiano C1

Centrais prometem parar rodovias e travar São Paulo

Protestos organizados para hoje por centrais sindicais ameaçam bloquear rodovias, paralisar ônibus e suspender aulas no país. Em São Paulo, as manifestações programadas devem travar ao menos nove rodovias.

Na capital, estão previstos atos nas marginais e nas avenidas Paulista, do Estado e Radial Leste. Os terminais de ônibus devem parar, mas o metrô, não. Cotidiano C6

PAULA CESARINO COSTA É hora de saber qual é o tipo de onda das ruas. Opinião A2

Motoristas e cobradores batem bola no terminal D. Pedro 2º, durante paralisação de ontem

Juros sobem pela 3ª vez seguida, para 8,5% ao ano

O Banco Central elevou ontem a taxa básica de juros da economia, a Selic, em 0,50 ponto percentual, para 8,5% ao ano. É a terceira alta consecutiva da taxa na tentativa de frear a inflação.

O comunicado indica que o BC deve manter a intensidade de elevação dos juros no próximo encontro, em agosto. A maioria dos analistas projeta mais duas altas da Selic neste ano. Mercado B1

Não digo nada de importante via web, afirma Amorim

O ministro Celso Amorim (Defesa) admitiu que as redes e sistemas no Brasil são vulneráveis. "O que eu tenho de importante a dizer eu não faço pela internet."

Em audiência no Senado sobre espionagem, Amorim disse que só produtos nacionais garantem a segurança dos brasileiros. Mundo A12

Alan Marques/Folhapress

Prefeitos gritam para a presidente Dilma Rousseff no momento em que ela discursava no encontro de municípios em Brasília

Dilma é vaiada por prefeitos durante anúncio de repasse

A presidente Dilma foi vaiada por prefeitos ao anunciar pacotes de bondades aos municípios. Eles esperavam ouvir o anúncio do repasse do Fundo de Participação dos Municípios, mas Dilma falou sobre investimentos em educação e saúde. Para o governo, houve falha na comunicação. Poder A8

Senado volta atrás e aprova projeto que extingue suplente

Diante da repercussão negativa, o Senado voltou atrás e aprovou proposta que proíbe a eleição de parentes para o cargo de primeiro suplente de senador e extingue o segundo suplente. O projeto agora vai para a Câmara.

Uma medida semelhante havia sido rejeitada pelos senadores anteontem. Poder A9

Congresso aprova mudança na gestão de direitos autorais

O Senado aprovou projeto de lei que muda a forma de gerir os direitos autorais musicais. A proposta estabelece que o Ministério da Cultura fiscalizará o Ecad – entidade privada responsável por arrecadar e distribuir direitos autorais de obras sonoras. O texto vai para sanção presidencial. Cotidiano C10

EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Privilégio ambíguo", sobre prerrogativa de foro, e "Rede de insegurança", acerca de ação americana de espionar comunicações no Brasil.

ESPORTE

Paulo Autuori é confirmado como o novo técnico do São Paulo D1

ILUSTRADA

Para especialistas, meia-entrada com limite não garante ingresso barato E1

OUTRO CANAL

Com nova lei, conteúdo nacional na TV paga dobra em 2012 Ilustrada E8

RODÍZIO Cotidiano C2

Não devem circular carros com placas cujo final seja: 7 e 8

ATMOSFERA Cotidiano C2

Sol com temperatura agradável em SP

Mínima 13ºC Máxima 23ºC

FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editorias e o ombudsman falecom.folha.com.br

312.261 exemplares

impressos + digitais

Felipe Dana/Associated Press

» HERÓI Jogadores do Atlético-MG festejam com o goleiro Victor, que defendeu a cobrança decisiva na disputa por pênaltis contra o Newell's Old Boys, da Argentina, e classificou a equipe para a final da Taça Libertadores; o adversário será o Olimpia, do Paraguai Esporte B3

Figura 11 - 1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 11 de julho de 2013

Nesse caso, mais uma vez, a composição que ilustra Vitor ocupa a posição inferior da página do jornal e concorre com outras duas chamadas com fotos, além da manchete de destaque "Eleitor vai cobrar caro do congresso, diz Mercadante". Como na ocorrência anterior, mesmo em posição menos privilegiada, essa composição apresenta-se como tendo certa relevância graças ao destaque que ganha pela fotografia.

A (re)categorização mútua ocorre, nesse caso, entre a fotografia que ilustra Vitor e o termo "herói", presente na legenda ">> HERÓI Jogadores do Atlético-MG festejam

com o goleiro Vitor, que defendeu a cobrança decisiva na disputa por pênaltis contra o Newell's Old Boys, da Argentina, e classificou a equipe para a final da Taça Libertadores; o adversário será o Olímpia, do Paraguai Esporte D3".

O que temos na representação visual é a figura do goleiro ocupando uma posição central, o que lhe confere um valor informacional mais relevante, que, por sua vez, é intensificado em sua relação com os companheiros, dirigindo-se até ele para uma comemoração. Como vimos no capítulo II, Vitor configura, nessa fotografia, um participante *meta*, no qual deve ser concentrada a atenção do leitor, dirigida pela movimentação dos companheiros até ele. Além disso, o número da camisa do goleiro aciona no leitor o conhecimento de que, em nossa cultura, o primeiro ou o número um pode ser considerado o melhor.

O enquadramento em plano médio e o fundo desfocado também colocam em evidência a movimentação dos participantes em direção a Vitor. Vemos vetores representados pelas mãos dos jogadores, que dão destaque ao número e, consequentemente, à figura desse referente: a mão de um jogador apontando para a cabeça do goleiro, as mãos dirigidas ao número da camisa, sendo uma delas posicionada como se o segurasse e, ainda, a mão de Ronaldinho Gaúcho que aponta em direção a Vitor e, nesse "congelamento", acena como o número 1.

Não se pode ignorar que a figura de Ronaldinho na foto, acenando dessa maneira, aciona um conjunto de conhecimentos sobre sua representatividade no futebol que reforçam a credibilidade e notabilidade que o goleiro adquire nessa fotografia. Todos esses elementos compõem uma representação visual que autoriza a (re)categorização verbal "herói", que, por sua vez, se ancora no modo como o referente aparece na fotografia, homologando a categorização visual. Também nesse exemplo consideramos a importância das predicações para a apreensão da (re)categorização mútua. Veremos no

tópico destinado à discussão do papel das predicações que, nesse caso, elas apresentam as informações relativas ao pênalti que o goleiro defendeu, ou seja, a seu "ato heroico", auxiliando o leitor na compreensão desse processo e na construção referencial.

Nos três exemplos que acabamos de analisar, vimos como se dá a elaboração do objeto-de-discurso na relação de ancoragem entre verbal e não verbal, levando em conta, principalmente, a articulação entre fotografia e uma expressão nominal em destaque na primeira página do jornal. Nesses três casos as *composições* são formadas por fotografia e uma legenda. No entanto, percebemos também em nosso *corpus* casos que nos parecem mais complexos, devido a uma variação na diagramação da composição, como no exemplo seguinte coletado da capa do jornal do dia 18 de março de 2013. Focalizamos a elaboração do objeto-de-discurso papa Francisco, na ocasião de seu primeiro Ângelus, após ser eleito como papa em 13 de março de 2013:



FOLHA DE S.PAULO

Desde 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 93 ★ SEGUNDA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 2013 ★ Nº 30.665 EDIÇÃO SP/DF ★ CONCLUÍDA ÀS 23H59 ★ R$ 3,00

ENTREVISTA DA 2ª
ROBERTO ROMANO

Por ser jesuíta, papa Francisco pode dialogar com a ciência

Por ser oriundo da Companhia de Jesus, o papa Francisco tem capacidade para dialogar com o mundo científico, tecnológico e político e lidar com os desafios da modernidade, afirma Roberto Romano, professor de ética e filosofia na Unicamp. "É uma ordem que cultiva a ciência e a técnica", disse.
Mas, para arejar a igreja, o pontífice terá de enfrentar a Cúria. Entrevista da 2ª A15

VALDO CRUZ

Economia fez Dilma ceder aos pedidos políticos

Algo saiu dos trilhos no governo Dilma Rousseff. Estivesse tudo como planejado, a presidente não teria de sucumbir tão cedo ao apetite de seus aliados, mais de um ano antes da eleição.
A resposta está nos resultados decepcionantes da economia. Há quem preveja riscos em 2014. Opinião A2

O jornalista VALDO CRUZ passa a escrever às segundas-feiras a coluna "Brasília".

Fundos reduzem aplicação para atrair iniciantes

Com a queda dos juros ao seu nível mais baixo, fundos de renda fixa e DI já competem pelo pequeno investidor, que busca alternativa à caderneta de poupança.
Para atraí-lo, reduzem o valor inicial da aplicação — em alguns casos, de R$ 5.000 para R$ 50. Em 2012, quintuplicou o número de fundos com redução. Folhainvest B1

Europa teme que corrida a bancos no Chipre se espalhe para outros países

Mundo A14

EDITORIAIS Opinião A2

Leia **"Enchente de preJuízos"**, acerca de inação diante das chuvas em São Paulo, e **"Ensinar direito"**, sobre qualidade dos cursos jurídicos no país.

Osservatore Romano/Efe/EPA

» PAPA STAR Entre seguranças, Francisco saúda fiéis, que chegaram a beijar seu rosto, após missa no Vaticano; no 1º Ângelus, ele tratou do perdão Mundo A9

Croqui de look da Colci

ILUSTRADA
SP Fashion Week, que começa hoje, aposta em clima de Hollywood E1

ESPORTE
São Paulo vence e se mantém líder; Palmeiras empata com lanterna D1 e D2

TEC
Com doença rara, ilustrador de games desenha com os olhos F1

Promessas de Haddad já somam R$ 13,9 bilhões

Das 13 medidas do prefeito de SP, 5 são de difícil execução em um só mandato

As 13 medidas anunciadas pelo prefeito Fernando Haddad (PT) em 77 dias de gestão custarão pelo menos R$ 13,9 bilhões para ser colocadas em prática — o valor equivale a um terço do Orçamento da capital paulista.

Os planos incluem construir hospitais, dar apoio financeiro a empresários que fizerem creches e renovar semáforos. No "promessômetro" de Haddad, 5 dos 13 projetos são de difícil conclusão em um só mandato.

Para custear todas essas iniciativas, a prefeitura paulistana pretende usar, além de recursos do seu próprio caixa, verbas dos governos estadual, federal e de empresas, por meio de parcerias público-privadas.

Há pouca folga nas finanças municipais. Em janeiro, Haddad congelou R$ 5,2 bilhões do Orçamento deste ano. Há três semanas, mandou seus secretários cortarem 20% das despesas, revendo contratos. Cotidiano C4

Ricardo Faustino/Prefeitura de São Sebastião

» POR ÁGUA ABAIXO Resgate em rua alagada de Camburi (São Sebastião); chuva no litoral norte derrubou barreiras e causou enchentes que afetaram mais de 600 pessoas Cotidiano C1

COC vendeu R$ 14 milhões a secretaria na gestão Chalita

O grupo educacional COC vendeu R$ 14 milhões em softwares à Fundação para o Desenvolvimento da Educação quando o deputado Gabriel Chalita (PMDB-SP) era secretário estadual da área (2002-06). Após 2006, o grupo não vendeu mais à FDE.
Chalita diz que a FDE é independente da secretaria e que os contratos foram aprovados pelo Tribunal de Contas. O COC também nega irregularidades. Poder A4

FALE COM A FOLHA
Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editorias e a ombudsman fale.folha.com.br

ATMOSFERA Cotidiano C2
Chove na capital paulista
Mínima 19ºC Máxima 29ºC

315.933 exemplares
impressos + digitais

RODÍZIO Cotidiano C2
Não devem circular carros com placas cujo final seja: 1 ou 2

Faça Pós-Graduação na UNIP – a maior Universidade do Brasil, segundo o censo oficial do MEC.
• Excelência no ensino
• Conceito positivo no ENADE – MEC
• Parcerias universitárias em todos os continentes do mundo
A UNIP é top no mercado de trabalho, de acordo com o Ranking Universitário Folha 2012.
UNIP UNIVERSIDADE PAULISTA
ESPECIALIZAÇÃO • MBA • CAPACITAÇÃO | PRESENCIAIS • SEMIPRESENCIAIS • A DISTÂNCIA | www.unip.br

1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* - edição do dia 18 de março de 2013

Nessa primeira página do jornal, é possível perceber o destaque que a notícia recebe, principalmente, pela ocupação da fotografia, que toma quase a metade do espaço da página destinado às chamadas. E, nesse caso, além de fotografia e legenda, o texto posicionado ao lado esquerdo da foto também faz parte da composição que ilustra o papa Francisco. Tem-se, portanto, duas chamadas fazendo parte dessa composição, que ocupa o espaço de maior prestígio da página.

Nota-se que a diagramação dessas chamadas torna mais complexo o processo de (re)categorização mútua. Vemos que, além da relação entre a fotografia e a expressão nominal "papa star" em caixa alta e azul, o título em negrito ao lado esquerdo e, mais especificamente, a predicação "Por ser jesuíta", operam uma (re)categorização do referente acionado na fotografia. Esses elementos vão constituindo uma imagem do referente, a partir da atribuição de propriedades relativas à popularidade.

É evidente que, nesse caso, o leitor pode tomar diferentes movimentos de leitura, e relacionar, primeiramente, a predicação à foto para só depois ler a legenda e seu título, ou o contrário. Esses diferentes movimentos de leitura mostram como o processo de referenciação no jornal impresso é dinâmico, tornando as relações de ancoragem múltiplas e tentaculares.

Já explicamos que consideramos (re)categorização mútua a relação entre a fotografia e a expressão nominal em destaque, por isso partimos, em nossas análises, dessa relação para depois explicarmos outros processos. No entanto, deixamos claro que não consideramos que essa seja a única possiblidade de leitura. Assim, no caso dessa composição, o processo de (re)categorização mútua se dá entre a fotografia e a expressão nominal "papa star", destacada em caixa alta e em cor azul no início da legenda, mas não descartamos o material verbal posicionado do lado esquerdo da foto, pelo contrário, consideramos que as informações em destaque presentes nesse material homologam a (re)categorização mútua, tornando esse processo ainda mais rico e dinâmico.

Nessa foto, o enquadramento em plano aberto coloca em evidência, além do papa, o cenário em que ele se insere. A seleção do ângulo de tomada é vertical, ou seja, a fotografia foi tirada de cima para baixo, a partir de um ângulo elevado, o que diminui o tamanho do objeto ilustrado. O enquadramento em plano aberto, que dá espaço ao cenário composto por fiéis, e o ângulo vertical elevado destacam o assédio que o papa sofre nesse

contexto. E, embora sua imagem seja diminuída, isso não a torna uma figura acessória. Na verdade, pela cor de sua vestimenta, por ser uma personalidade pública e ocupar o primeiro plano da foto, o papa é apresentado como mais saliente, em comparação ao público "comum", o que garante sua posição de destaque. Além disso, há vetores que ligam os olhares dos fiéis ao papa, o que corrobora a leitura de que ele é o centro das atenções.

Abaixo da fotografia temos a seguinte legenda ">>PAPA STAR Entre seguranças, Francisco saúda fieis, que chegaram a beijar seu rosto, após missa no Vaticano; no 1º Ângelus, ele tratou do perdão Mundo A9". A escolha lexical "papa star", destacada em caixa alta e em azul, recategoriza esse referente e é introduzida, sustentada pelo modo como ele é representado na fotografia. O visual, descrito pelo termo "papa star", funciona como uma âncora que autoriza essa atribuição, ao mesmo tempo em que é recategorizado por ela.

De modo análogo ao caso da expressão *drag king*, o nome "papa star" é um neologismo criado a partir do termo *pop star*, cujo significado se associa a celebridades tidas como figuras populares. Isso aciona um conjunto de conhecimentos na memória discursiva do leitor, que ratificam as estratégias em uso na fotografia e colocam em destaque o atributo de "popularidade" na construção do referente papa. E, embora o papa apareça, na foto, protegido por seguranças, podemos dizer que esse termo confere aspectos relativos à facilidade de aproximação e à abertura associados culturalmente à figura desse referente e construídos no/pelo discurso.

Essas atribuições também são acionadas, ainda na primeira página, por meio de algumas construções presentes no texto posicionado à esquerda da foto. Como já dissemos, trata-se de outra chamada que faz parte da composição que ilustra esse referente. Chamamos a atenção para o fato de que alguns aspectos relativos à

popularidade, à abertura do papa, acionados pelo termo "papa star", aparecerem em algumas porções cotextuais da chamada:

Por ser jesuíta, papa Francisco pode dialogar com a ciência

Por ser oriundo da Companhia de Jesus, o papa Francisco tem capacidade para dialogar com o mundo científico, tecnológico e político e lidar com os desafios da modernidade, afirma Roberto Romano, professor de ética e filosofia na Unicamp. "É uma ordem que cultiva a ciência e a técnica", disse. Mas, para arejar a igreja, o pontífice terá de enfrentar a Cúria. **Entrevista de 2ª A15**

É possível notar que a noção de um papa mais aberto é instituída, nessa chamada, pelas predicações "ser jesuíta", presente no título e retomada posteriormente por "ser oriundo da Companhia de Jesus", e "pode dialogar com a ciência", também retomada por "tem capacidade para dialogar com o mundo científico, tecnológico e político e lidar com os desafios da modernidade". Essas predicações atribuem ao referente a qualidade de tornar possível o diálogo entre a igreja e questões mais modernas, já que ele é um jesuíta, caracterizado, portanto, pela humildade e pela capacidade de possibilitar a convergência entre a igreja e a ciência.

Essas atribuições são, ainda, homologadas por outra construção que se refere ao objeto-de-discurso "a Companhia de Jesus". A predicação, que aparece como uma definição sobre esse objeto, "É uma ordem que cultiva a ciência e a técnica", opera sobre ele uma recategorização que interfere na construção do referente papa, já que também age sobre as predicações "ser jesuíta" e "ser oriundo da Companhia de Jesus" referentes a ele. Dessa maneira, não só as propriedades diretamente ligadas ao referente papa atuam em sua (re)construção, mas também as propriedades de outros referentes que se associam a ele.

A ratificação das noções de abertura e acessibilidade, atribuídas ao objeto-de-discurso em questão, ganha ainda um peso argumentativo que deve ser notado e que está associado à estratégia de apropriação do discurso citado no texto jornalístico. As predicações destacadas no quadro são parte do discurso relatado de um especialista, cuja

principal função é assegurar a autenticidade do que é dito no texto e marcar o distanciamento do locutor, imprimindo uma aparente objetividade ao discurso. Essa função recai sobre o modo como essas construções atuam na construção da referência, e a representação de um papa mais próximo do povo e disposto ao diálogo torna-se reforçada.

Percebemos que essas estratégias reforçam as ideias acionadas pela (re)categorização mútua. Veremos mais detalhadamente essas questões nos tópicos que seguem a esta seção, quando falarmos sobre cada um dos outros processos que atuam na construção referencial e que estão diretamente ligados ao processo de (re)categorização mútua, tais como as predicações, o discurso citado e algumas informações em destaque no corpo da matéria. Por esse exemplo que acabamos de analisar, já podemos perceber a dinâmica característica do processo de referenciação no jornal impresso quando se leva em conta a articulação de todos os aspectos que estamos considerando, como o verbal, o não verbal, a diagramação, a tipografia e, ainda, o modo como esses elementos guiam a atenção do leitor.

A relação entre esses aspectos torna-se ainda mais complexa no tratamento do material verbal e não verbal na página interna do jornal, onde as matérias ganham uma página reservada, na maioria das vezes, apenas para elas. Analisamos, a seguir, um caso de (re)categorização mútua numa composição presente em uma página interna do jornal.



FOLHA DE S.PAULO
SEGUNDA-FEIRA, 22 DE JULHO DE 2013 E1

ilustrada

ARQUITETURA
Crítico americano Paul Goldberger relata com fotos sua visita ao Brasil
Pág. E4 ▶

LITERATURA
Biografia de Jack London mostra aventuras vividas pelo escritor
Pág. E10 ▶

Fotos Aarone Prado/Folhapress

CACHORRA DOMESTICADA

Anitta canta em show na boate Royal Club, no bairro Itaim Bibi, em São Paulo

PRESENÇA DE ANITTA
Os números em torno da funkeira

há 10 semanas
o "Show das Poderosas" se mantém como single brasileiro mais vendido no iTunes

3 semanas
é o tempo que o disco "Anitta" está no topo da lista do iTunes

52 milhões
é a soma de visualizações de seus clipes no YouTube

38 milhões
do total de visualizações são do "Show das Poderosas", que ficou oito semanas como videoclipe brasileiro mais visto no YouTube

25 shows
é a média que ela faz por mês; a cantora tem agenda cheia até dezembro

100 pessoas
entre músicos, produtores e bailarinos, estão envolvidas no seu show

RODRIGO LEVINO
EDITOR-ASSISTENTE DA "ILUSTRADA"

Para **Anitta**, 20, dona do sucesso "Show das Poderosas", as UPPs deixaram o **funk** mais **"light"**

No último final de semana, o álbum de estreia da cantora carioca Larissa de Macedo Machado, 20, lançado no dia 6 de julho, ganhou um "disco de ouro" por alcançar 30 mil cópias vendidas.

Larissa é o nome verdadeiro de Anitta, funkeira que se tornou fenômeno da música pop brasileira e é dona de um dos maiores hits do ano —"Show das Poderosas". O codinome é inspirado na personagem homônima da série de TV "Presença de Anita" (2001), de Manoel Carlos.

Lançado no "Fantástico" e publicado no YouTube em 19 de abril, o clipe da música que fala de autoafirmação e competição entre mulheres deve ultrapassar nesta semana 40 milhões de visualizações.

Para efeito de comparação, o clipe oficial de "Suit & Tie", parceria dos cantores americanos Justin Timberlake e Jay-Z, listado entre os grandes lançamentos recentes, tem 43 milhões de visualizações em cinco meses.

A trajetória de Anitta é meteórica. Descoberta há três anos por um DJ de funk depois de publicar um vídeo em que cantava simulando o microfone com um frasco de perfume, a então estudante de curso técnico de administração começou a viver um conto de fadas do funk melody, subgênero mais palatável do pancadão carioca.

"Eu Vou Ficar", a tal música (composição dela), ganhou um trato no estúdio e serviu de chamariz para a Furacão 2000, maior produtora de funk do país. A estreia nos palcos veio em seguida.

"Foi num show em Nilópolis [RJ], num palquinho minúsculo, precário", contou Anitta à **Folha**, antes de se apresentar numa balada paulistana na semana passada, com ingressos a R$ 250, para um público de classe média alta. Seu cachê pode chegar a R$ 120 mil, a depender do formato do show, que completo tem 20 bailarinos e banda no palco.

O valor do ingresso daquela noite corresponde à metade do que ela ganhava como estagiária até 2010, quando se decidiu pela carreira artística, a despeito dos olhares desconfiados de alguns colegas. "Hoje eu malho numa academia vizinha ao escritório", diz ela com um tantinho de revanche.

A carreira, de início espontânea, foi turbinada no último ano. No começo do mês, Anitta e a Furacão 2000 deram por encerrado um processo trabalhista em que a cantora tentava se livrar do contrato inicial para seguir com uma nova produtora.

Até o acordo entre as partes, ela teve de pagar R$ 5 mil por show realizado sem a produção da Furacão. A liberdade lhe custou R$ 260 mil de multa rescisória.

No alto, Anitta chega ao clube em que cantou na última terça (16); acima, tira foto com fã; ao lado, abraça um dos seus bailarinos no camarim

TURBINADA

Kamilla Fialho, sua nova empresária, tratou do banho de loja. Anitta pôs silicone nos seios, fez plástica no nariz, se tornou a queridinha de famosos como Sabrina Sato, tem música ("Meiga e Abusada") incluída em novela da Globo ("Amor à Vida") e bate ponto em tudo quanto é programa de TV —de auditório à culinária.

A estratégia para os shows é a mesma. Ela vai da balada de playboy à casa de show de classe C, transitando entre o público adolescente e o universitário. A internet ainda é a sua grande plataforma de comunicação com os fãs —tem 300 mil seguidores no Twitter e 780 mil no Instagram.

No ano passado, a cantora deixou Honório Gurgel, bairro da zona norte do Rio onde morava com a mãe, e hoje vive em um apartamento alugado na Barra da Tijuca, paraíso de jogadores de futebol, periguetes e celebridades. Faz terapia, tem aulas de canto e teatro, personal stylist e acompanhamento de uma fonoaudióloga.

Na superfície, Anitta e a Furacão dizem que passado o imbróglio judicial a relação segue numa boa. Nos bastidores, a conversa é outra. Artistas ligados à produtora alegam que Anitta foi ingrata com quem a descobriu e investiu em sua carreira.

Ela conta não ter ficado rica ainda ("As pessoas esquecem que uma carreira não é só dinheiro chegando, é investimento também. É pesado"), mas ganhou dinheiro suficiente para comprar uma casa e trazer a mãe para perto. Só falta tempo para escolher o imóvel.

DOMESTICADA

A chave para entender o sucesso da cantora passa pelo que se pode chamar de domesticação do funk. No lugar das letras de apologia ao crime e de sexo explícito, uma garota de classe média fluente em inglês, composições em que apelo sexual e ingenuidade adolescente se entrelaçam, e coreografias muito coladas às músicas.

"O artista de funk canta o que ele vive e, para fazer sucesso na favela, precisava falar de drogas, crimes, sacanagem. Com a chegada das UPPs [Unidade de Polícia Pacificadora] e o fim dos bailes, para que cantar sobre isso? O MC já pode fazer sucesso no asfalto com letras mais lights", justifica ela, sobre a linha mais "família" (se comparada a nomes como Valeska Popozuda e Tati Quebra-Barraco) de suas músicas.

O tom de autoafirmação e uma espécie de feminismo intuitivo pontuam quase todas as 14 músicas do disco de Anitta, a maioria de sua lavra. Para a psicanalista Regina Navarro Lins, versos como "não tô a fim de historinha, conversa fiada/ eu tô querendo homem, cachorro eu tenho em casa" e "faz o que quiser comigo na imaginação/ homem do teu tipo eu uso, mas se chega lá eu digo não" são o retrato de novos tempos.

"O homem já não tem a primazia do flerte, da conquista e muito menos do desejo", diz a especialista, apontando Anitta como um fruto dessa nova era e uma resposta a "5.000 anos de patriarcado".

"Anitta é competente. Nos tempos de hoje, da coisa maquinizada, nasce uma cantora que sabe cantar ao vivo", disse Ivete Sangalo. No final de semana retrasado, a baiana levou a carioca até Salvador para cantar "Show das Poderosas" em um festival. Na plateia, 90 mil pessoas.

É possível que ela demore ou nem sequer chegue ao patamar de Ivete. Mas para quem até pouco tempo a imitava, dançando e cantando na frente do espelho, Anitta já foi bem longe.

CRÍTICA CD

Sem imagens, álbum expõe produção equivocada para quem nasceu no funk

THALES DE MENEZES
EDITOR-ASSISTENTE DA "ILUSTRADA"

A piada é machista, quase cafajeste, mas inevitável: o problema do álbum de Anitta é que ele não é um DVD.

É evidente que a música da cantora só serve para justificar a exibição corporal diante de fãs com hormônios fervendo, de ambos os sexos.

Sem as pernas à mostra, o que a moça canta é desprezível? Na verdade, não. É um produto musical inserido no atual pop nacional, como tantos. Apenas não faz a diferença, sob qualquer aspecto.

Sua voz tem um registro quase infantil, mas isso nunca chegou a ser grande problema para Britney Spears ou Christina Aguilera.

As letras são pobres, às vezes de mau gosto, mas outros "astros" brasileiros vendem milhões de discos com versos ainda mais rasteiros.

O imperdoável no caso de Anitta é que a música que produz não está colada à cena funk que a projetou.

"Anitta" é um álbum que tomou banho de estúdio. A moldura sonora exibe uma mistura sem sal de pop e dance, uma massa genérica que embala muitas cantoras por aí, de divas como Katy Perry e Claudia Leitte a esforçadas como Demi Lovato e Wanessa.

Faz as pessoas dançarem, claro. No caso de Anitta, faz também a própria dançar e remexer as curvas colossais.

Se Anitta tivesse mergulhado numa batida funk mais pesada, talvez suas músicas ganhassem alguma ousadia e deixassem de ser uma trilha sonora anódina para coreografias sensuais.

ANITTA
ARTISTA Anitta
GRAVADORA Warner
QUANTO R$ 25 (em média)
AVALIAÇÃO ruim

Figura 12 – Composição presente no caderno Ilustrada, página E1, do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 22 de julho de 2013

Nesse caso, mais uma vez, percebe-se que o referente é ativado na conjugação da fotografia com a expressão nominal tipograficamente destacada e em sobreposição. Interessante notar que essa sobreposição do verbal ao não verbal é um recurso que parece potencializar a referência e a imagem que se cria do referente em pauta, visto que verbal e não verbal aparecem de maneira simultânea no processo de construção do objeto-de-discurso.

Essa sobreposição é uma estratégia de diagramação que faz com que a expressão nominal "cachorra domesticada" seja assimilada à referente Anitta, em foco na fotografia, de maneira mais imediata. A posição em que se coloca a expressão não é aleatória. O foco de luz que ilumina Anitta e faz refletir seu brilho funciona como um vetor que liga a atribuição verbal à representação visual do referente. Toda essa iluminação, além da vestimenta da cantora e do tipo de espetáculo com bailarinas e banda são responsáveis por começar a ancorar a atribuição metafórica realizada por essa expressão.

O tratamento tipográfico também é algo que isca a atenção do leitor para a perspectiva que se pretende criar acerca desse referente. As cores que emolduram as palavras "cachorra", em branco, e "domesticada", em roxo, recuperam o cenário em que ela se encontra na fotografia e reforçam a conjugação entre verbal e não verbal. Anitta é representada nessa fotografia como uma diva, fazendo emergir uma imagem associada a uma cantora *pop*, menos próxima, então, da imagem que se tem de uma funkeira.

O enquadramento em plano aberto potencializa a oposição de Anitta em relação às dançarinas que são congeladas em uma mesma posição e aparecem vestidas da mesma forma. Já Anitta, com vestimentas claras e luxuosas, brilha em posição frontal, parecendo caminhar em direção ao leitor.

Em grande parte, essa representação visual ancora a atribuição verbal "cachorra domesticada", que, por meio do núcleo da expressão, (re)ativa o domínio do funk, em que

as mulheres são chamadas de cachorras e associa a ele, por meio do modificador "domesticada", o tom menos pesado do funk cantado por Anitta.

Como nos outros exemplos, a expressão nominal contribui para a interpretação da fotografia, (re)categorizando-a, bem como a fotografia ativa a referência à cantora Anitta, contribuindo para a apreensão da expressão nominal "cachorra domesticada". Temos, assim, a ocorrência da (re)categorização mútua.

Como se nota, essa composição, até mesmo pelo espaço que ganha na página interna, distribui de maneira mais dinâmica o material verbal e não verbal. E, embora possamos afirmar que a referência seja instaurada pela articulação entre a fotografia e a expressão nominal, há informações, no material verbal, que são de grande relevância para o processo de referenciação e para assegurar uma apreensão mais clara da (re)categorização mútua. Como vimos na composição sobre o papa, e veremos em outras composições, a recorrência a outras porções textuais e, nesse caso, por exemplo, a outras fotografias enriquece as relações de ancoragem e as atribuições de propriedades ao referente.

As outras fotos menores que fazem parte dessa composição reforçam a imagem de Anitta mais como uma cantora *pop* do que propriamente como uma funkeira típica dos bailes de periferia, homologando a atribuição "domesticada". Também no subtítulo da matéria vão sendo elaboradas referências relativas à moderação ocorrida nas letras de *funk,* depois da chegada das UPPs, como: "Para Anitta, 20, dona do sucesso 'show das poderosas', as UPPs deixaram funk mais 'light'" ou, ainda, no corpo da matéria, "A chave para entender o sucesso da cantora passa pelo que se pode chamar de domesticação do funk", além do intertítulo "domesticação" atribuído à parte do texto que explica sobre a mudança no teor das letras de funk. Trechos como esses ajudam a esclarecer o uso do modificador "domesticada".

O título destacado da coluna posicionada do lado direito da foto "Presença de Anitta" joga com uma intertextualidade e recupera a referência à personagem do livro e minissérie *Presença de Anita,* cuja protagonista ficou marcada por ser uma personagem provocadora, sedutora e sensual. Essa leitura é comprovada no corpo do texto da matéria que explica que o codinome da cantora "foi inspirado na personagem homônima da série de TV 'Presença de Anita' (2001), de Manoel Carlos." Essa relação intertextual atribui ao referente em foco características associadas à sensualidade, à provocação e à sedução e reforçam as atribuições ativadas pela escolha lexical "cachorra".

Vemos, então, que a elaboração do referente vai tomando forma durante a leitura e nas relações tentaculares estabelecidas, primeiramente, entre os elementos destacados e distribuídos na diagramação da página. De maneira dinâmica, vão sendo acrescidas novas informações por meio de processos presentes em outras porções textuais. Esses processos operam, de maneira mais geral, na construção referencial, mas vamos focalizar, em nossas análises, a função que eles cumprem ao auxiliar o processo de (re)categorização mútua.

Como vimos, principalmente, nas análises das composições sobre o papa e sobre a cantora Anitta, as predicações, o discurso citado e outras informações em destaque no corpo da matéria são trechos do material verbal que auxiliam a relação de ancoragem entre verbal e não verbal, na medida em que as atribuições e modificações operadas por essas porções de texto ajudam a esclarecer e reforçam a (re)categorização mútua.

Caracterizada a (re)categorização mútua, damos sequência a esta exposição tratando, portanto, desses outros processos que acabamos de mencionar.

4.2.2 Outros processos atuantes na construção referencial e que auxiliam a apreensão da (re)categorização mútua

No tópico anterior, caracterizamos o processo de (re)categorização mútua, resultante da articulação multimodal na construção de objetos-de-discurso. Explicamos que esse processo envolve a ancoragem mútua estabelecida entre a fotografia e uma expressão nominal em destaque na página de jornal. Vimos, no entanto, que no processo de leitura da composição outras porções textuais trazem informações que operam no processo referencial e auxiliam a ancoragem entre verbal e não verbal estabelecida por meio da (re)categorização mútua.

Dessa maneira, neste tópico, tratamos das funções desempenhadas por essas porções textuais, ou seja, as predicações, o discurso citado e algumas informações em destaque no corpo da matéria. Sabemos que se trata de porções de naturezas diferentes e que se distribuem no texto de maneira dinâmica, a ponto de observarmos predicações modificando referentes no discurso citado, que, por sua vez, aparece em destaque na página, o que mostra que todos esses processos funcionam de maneira integrada e conjunta no processo de construção referencial. A divisão que trazemos nos tópicos que seguem é, pois, uma estratégia metodológica com fim de elucidar como as informações presentes nessas porções textuais operam.

4.2.2.1 A (re)categorização do referente por meio de predicações

Outros trabalhos, como o de Basseto (2008) e Custódio Filho (2011), já apontaram que a predicação tem papel atuante na construção referencial. Buscamos as considerações de Neves (2006) acerca da relação entre predicação e referenciação para discutir essa atuação em nosso trabalho. No texto “Construir o texto com a gramática. Ou: O inter-

relacionamento dos processos de constituição do enunciado", a autora reconhece quatro processos básicos acionados na atividade linguística: a predicação, a referenciação, a modalização e a polarização.

Para o que nos interessa, ou seja, a relação entre predicação e referenciação, a autora vai explicar que a predicação é o processo central de constituição de enunciados, em que termos são associados a um predicado. Esse processo está ligado ao processo de referenciação, por meio do qual tais termos guiam o destinatário para as entidades envolvidas na predicação. Assim, Neves reconhece que é na inter-relação da predicação e da referenciação que se dá a construção e a manutenção de objetos-de-discurso no texto:

> Predicação e referenciação governam, em inter-relação, a construção de objetos-de-discurso e sua manutenção no texto, bem como a natureza referencial desses constructos, que constituem os termos que formam as predicações, e, portanto, os argumentos que ficam disponíveis no discurso – com um determinado estatuto referencial – para o rastreamento coesivo no fazer do texto. (NEVES, 2006, p. 286)

Com base nesse tipo de concepção, admitimos que a predicação como um todo possa operar modificações nos referentes, atuando no processo referencial. Assim como na atribuição de propriedades por meio da nomeação e renomeação, a predicação pode atuar na manutenção referencial, adicionando, homologando, suprimindo características a um referente.

As propriedades e acréscimos de informações realizadas pela predicação, em grande parte dos exemplos que analisamos, se vinculam ao modo de elaboração do referente no processo de (re)categorização mútua. Como veremos, a predicação, muitas vezes, atua claramente na atualização da expressão nominal em destaque na página do jornal, contribuindo significativamente para efetivar a (re)categorização que essa expressão opera com relação ao referente acionado na fotografia. Para exemplificar, retomamos aqui as duas composições que ilustram o goleiro Vitor.



Composição presente na 1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 31 de maio de 2013

Nesse caso, explicamos que a (re)categorização mútua ocorre entre a fotografia e a expressão "pé salvador". Concluímos que, embora a fotografia e a expressão coloquem em foco o modo como o goleiro defende o gol, temos, por uma associação metonímica, o referente figura pública sendo apresentado como "herói" e "salvador". A perspectiva construída acerca desse referente se dá na articulação entre verbal e não verbal e a (re)categorização mútua vai ser reforçada, nesse caso, pelas predicações. Abaixo apresentamos a legenda que acompanha a foto:

Legenda: >> PÉ SALVADOR Herói da noite, Victor defende pênalti aos 48 minutos do 2º tempo, evita derrota para o Tijuana, do México e leva o Atlético – MG à semifinal da Libertadores Esporte D3.

Como é possível notar, as predicações "defende pênalti aos 48 minutos do 2º tempo", "evita derrota para o Tijuana, do México" e "leva o Atlético – MG à semifinal da Libertadores" corroboram as referências a Victor como "salvador" e "herói da noite". Na verdade, as predicações atualizam essas referências de modo a esclarecer as atribuições feitas a esse objeto-de-discurso, ou seja, são as ações relativas a esse objeto-de-discurso que o notabilizam, alçando-o, na composição, à condição de herói. Assim, as

ações apresentadas pelas predicações no transcorrer da leitura auxiliam o leitor a efetivar a relação entre a fotografia e a expressão nominal em destaque.

Notamos que a mesma coisa ocorre nesta outra composição:



Figura 13 – Composição presente na 1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 11 de julho de 2013

Legenda: >> HERÓI Jogadores do Atlético festejam com o goleiro Vitor, que defendeu a cobrança decisiva na disputa por pênaltis contra o Newell'sOldBoys, da Argentina, e classificou a equipe para a final da Taça Libertadores; o adversário será o Olímpia, do Paraguai Esporte D3

Vimos que a relação entre a fotografia e a expressão nominal em destaque nessa composição é uma amostra de (re)categorização mútua. Mostramos que a configuração fotográfica assegura a atribuição "herói" que, por sua vez, (re)categoriza o modo como o referente vem representado visualmente. No entanto, as predicações "defendeu a cobrança decisiva na disputa por pênaltis contra o Newell'sOldBoys, da Argentina" e "classificou a equipe para a final da Taça Libertadores", presentes na legenda e associadas ao referente por meio de uma construção relativa, ajudam decisivamente a efetivar o processo de (re)categorização mútua. Em outras palavras, toda essa parte da predicação atribui ao referente a responsabilidade pela conquista do time, o que homologa a (re)categorização "herói" e ajuda a explicar a própria fotografia.

Ressaltamos que a referência se constrói num movimento dinâmico de leitura, que engloba, no caso do nosso material de análise, a observação da imagem, da expressão nominal, que recebe um tratamento tipográfico especial, e de outras porções de texto, que não apenas expressões nominais, mas predicações inteiras ou partes de predicações. O referente emerge e se mantém no texto por meio da associação de todos esses elementos e não necessariamente da relação linear entre um termo anafórico e sua âncora.

No caso dos exemplos do goleiro Vitor, as imagens operam uma categorização do referente, atualizadas pelas expressões nominais em destaque, que serão realimentadas pelas informações advindas das predicações. É, pois, só após a leitura e a convergência de todos esses "elementos" que somos capazes de construir a referência proposta nessas páginas de jornal.

Outra amostra que ilustra a atuação das predicações na construção referencial, auxiliando o processo de (re)categorização mútua, é a composição da primeira página do dia 17 de janeiro de 2013, que destaca uma notícia em que figuram Lula e Haddad, recém-empossado prefeito de São Paulo, em reunião.

Como é possível perceber (ver p. 117), a chamada para essa notícia concorre com outras duas, também ilustradas por fotografias[21]. A fotografia em que figuram Lula e Haddad, no entanto, ocupa uma posição privilegiada na página do jornal e, ainda, a chamada, da qual faz parte, ganha mais relevância por apresentar seu título com mais peso. Pela fotografia e por esse título, é realizado um caminho de leitura em que se instaura uma possibilidade de vínculo referencial, pelo qual os nomes próprios "Lula" e "Haddad" e a expressão "equipe de Haddad" se ancoram na configuração visual, mais especificamente, nos participantes presentes na fotografia:

[21] Ressaltamos que não faz parte do nosso *corpus* a composição que ilustra a figura de Barack Obama. Embora trate-se de uma figura pública, não há nas composições da primeira página ou da página interna uma expressão nominal em destaque, requisito para nossa seleção.



FOLHA DE S.PAULO

Desde 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 92 • QUINTA-FEIRA, 17 DE JANEIRO DE 2013 • Nº 30.605 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 23H02 • R$ 3,00

» SIGA O MESTRE Ao lado de Fernando Haddad, Lula participa de reunião na prefeitura com 11 secretários e afirma que o objetivo da equipe deve ser 'sair maior do que entrou' Poder A6

Pane faz Vivo ter 'apagão' de cinco horas em quatro Estados

Uma pane num equipamento da rede móvel de dados da Vivo deixou milhões de clientes sem serviço em São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. As falhas ocorreram das 12h15 às 17h. A empresa disse que ressarcirá os clientes pela interrupção do serviço.
As operadoras de celular lideraram as queixas nos Procons em 2012. Mercado B1

Terroristas sequestram 41 estrangeiros na Argélia

Militantes islâmicos atacaram um campo de exploração de gás na Argélia e sequestraram 41 estrangeiros. Três pessoas morreram.
O grupo Signatários por Sangue, que se diz ligado à rede Al Qaeda, afirmou que a ação foi uma retaliação à Argélia. O país tem permitido que a França use seu espaço aéreo na intervenção militar no Mali. Mundo A18

Após incidente, EUA suspendem uso do Boeing-787

Os EUA suspenderam as operações do Boeing-787 após um avião de uma empresa japonesa fazer um pouso de emergência devido a problemas na parte elétrica. Em dez dias, este foi o sexto incidente com o modelo, que tem 800 encomendas no mundo e custa US$ 200 milhões. Mercado B8

COB quer vetar uso de 'olimpíada' em disputas científicas

O COB (Comitê Olímpico Brasileiro) tem notificado universidades e associações de pesquisa para impedi-las de usar a palavra "olimpíada" em competições educacionais. Em carta aberta, entidades científicas afirmaram que a ação do comitê é despropositada. Ciência C10

cotidiano C4
Menino de sete anos invade e furta casa em São Paulo

RODÍZIO Cotidiano C2
Não devem circular carros com placas cujo final seja: 7 ou 8

» ENCHENTE SUSPENSA Carro enfrenta trecho inundado no Minhocão, em São Paulo; o entupimento dos bueiros alagou a via elevada, mesmo com a chuva moderada Cotidiano C1

Lula se reúne com equipe de Haddad e dá diretrizes

Ao lado do prefeito, ex-presidente enumera prioridades para a gestão

O ex-presidente Lula protagonizou reunião no gabinete do prefeito de São Paulo e expôs a Fernando Haddad e a 11 secretários municipais o que espera da gestão do petista que escolheu para administrar a cidade.
"Ele me ligou e pediu para nos encontrarmos. Eu o convidei para vir à prefeitura, e ele se colocou à disposição", disse Haddad, que resumiu o encontro como uma "visita de cortesia".
Durante a reunião, Lula enumerou diretrizes para a gestão municipal, como políticas sociais que ajudem a diminuir as chacinas e o combate a enchentes.
No fim da campanha eleitoral, ao comentar a influência do padrinho, Haddad disse ironicamente ser um "poste" de Lula. Poder A4

ROGÉRIO GENTILE Nova caravana da cidadania de Lula é indicativo de que nem mesmo Dilma está garantida para 2014. Opinião A2

» BATE AQUI O presidente Barack Obama se cerca de crianças para anunciar um pacote de medidas para restringir a venda de armas nos EUA; as propostas mais importantes ainda terão de ser aprovadas pelo Congresso norte-americano Mundo A16

Demitido há um ano, ex-ministro Lupi continua a receber jetom

Demitido por Dilma Rousseff em 2011 após ser alvo de denúncias de irregularidades, o ex-ministro do Trabalho Carlos Roberto Lupi mantém cargo de conselheiro do BNDES em vaga destinada ao ministério, informa **Venceslau Borlina Filho**.
Lupi, que ganha salário mensal de R$ 6.000, afirma não saber por que continua na função. "Enquanto não me tirar, estou lá." Poder A8

JANIO DE FREITAS
Trio peemedebista é armadilha para o fim da gestão Dilma
Poder A8

Caixa faz cartilha de boas maneiras a brasileiro nos EUA

Roupas limpas e arrumadas, boas maneiras à mesa e manter distância de 33 centímetros ao falar com um americano. Essas são algumas das instruções que estão em manual no site da Caixa Econômica para quem procura dados de como remeter dinheiro do exterior. Cotidiano C8

Scarlett em cena da peça

ILUSTRADA Scarlett Johansson estrela peça na Broadway e busca papéis adultos E1

ESPORTE Após ano sabático, Pep Guardiola vai treinar o Bayern de Munique D1

TURISMO Camboja abriga o maior templo religioso do mundo, do século 12 F1

FALE COM A FOLHA
Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, os editores e a ombudsman. falefolha.com.br

ATMOSFERA Cotidiano C2
Chove à tarde na Grande SP
Mínima 19ºC Máxima 26ºC

316.909 exemplares
impressos + digitais

EDITORIAIS Opinião A2
Leia **"Presságios"**, sobre os escândalos que cercam a eleição dos presidentes da Câmara e do Senado, e **"Ídolo caído"**, acerca de doping de esportistas.

Figura 14 - 1ª página do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 17 de janeiro de 2013

Focalizemos, contudo, como algumas predicações atuam, auxiliando o processo de (re)categorização mútua entre a fotografia e a expressão nominal, que está presente no título da legenda, em caixa alta e em azul. Reproduzimos no quadro o conteúdo escrito:

Legenda: SIGA O MESTRE Ao lado de Fernando Haddad, Lula participa de reunião na prefeitura com 11 secretários e afirma que o objetivo da equipe deve ser 'sair maior do que entrou' Poder A4
Título: Lula se reúne com equipe de Haddad e dá diretrizes
Subtítulo: Ao lado do prefeito, ex-presidente enumera prioridades para a gestão
Corpo do resumo da notícia: O ex-presidente Lula protagonizou reunião no gabinete do prefeito de São Paulo e expôs a Fernando Haddad e a 11 secretários municipais o que espera da gestão do petista que escolheu para administrar a cidade.
"Ele me ligou e pediu para nos encontrarmos. Eu o convidei para vir à prefeitura, e ele se colocou à disposição", disse Haddad, que resumiu o encontro como uma "visita de cortesia".
Durante a reunião, Lula enumerou diretrizes para a gestão municipal, como políticas sociais que ajudem a diminuir as chacinas e o combate a enchentes.
No fim da campanha eleitoral, ao comentar a influência do padrinho, Haddad disse ironicamente ser um "poste" de Lula. Poder A4

Na fotografia, Haddad e Lula são representados em interação, encerrada pelos vetores que ligam seus olhares. Há uma representação aparentemente equilibrada entre os dois. Se consideramos o centro da fotografia, vemos três participantes de cada lado e Lula e Haddad ocupando posições centrais. No entanto, essa disposição pareada é quebrada quando observamos as posições das taças sobre a mesa. São cinco taças, estando a de Lula em posição central, o que guia o olhar para sua figura. Além disso, sua imagem ocupa o centro do painel de madeira que faz fundo à mesa.

Essa disposição fotográfica é, ainda, muito sugestiva e, quando associada às informações da legenda, pode suscitar o acionamento do conhecimento de mundo do leitor acerca do quadro *A Última Ceia*, de Leonardo da Vinci. Com a legenda e o corpo do texto dessa composição, temos repetidas duas vezes o número de secretários presentes na reunião com Lula e Haddad. Teríamos uma inferência aos 12 apóstolos, 11 secretários mais Haddad, acompanhando o grande mestre na Santa Ceia.

Essa leitura pode ser ratificada, por exemplo, na expressão nominal presente no título da legenda, que, na relação com a fotografia, assegura o processo de (re)categorização mútua. Por meio de "o mestre", ativam-se representações referentes a Lula, estabelecendo-se uma ancoragem que destaca sua figura na fotografia. Além disso, outras expressões nominais, presentes no material verbal da composição, reforçam esse

destaque, como, por exemplo, “o ex-presidente” e “o padrinho”, que confere ao referente Lula atribuições relativas à experiência e à competência necessárias para guiar Haddad.

Associados a essas atribuições, realizadas, como vimos, por meio de expressões nominais, as predicações “dá diretrizes”, “enumera diretrizes”, “enumera prioridades para a gestão”, colocados em relação ao referente Lula, conferem-lhe ações que corroboram as ideias de experiência e competência. Esses trechos auxiliam o processo de ancoragem de que tratamos anteriormente na medida em que vão, juntamente com as expressões nominais, realimentando a representação ativada pela relação entre a figura de Lula na fotografia e a expressão “o mestre” em destaque.

Outro trecho que cumpre essa função é “protagonizou reunião no gabinete do prefeito de São Paulo”, que coloca o referente “O ex-presidente Lula” na condição de protagonista do acontecimento relatado. Como os outros, esse predicado parece conferir uma posição de destaque ao referente Lula, o que vai homologando as representações cognitivas que são acionadas quando vemos sua figura em relação a outros participantes na fotografia.

Mais uma vez, vemos que as atribuições realizadas pelas predicações auxiliam a relação de ancoragem entre a fotografia e a expressão nominal em destaque, efetivando o processo de (re)categorização mútua.

Como dissemos anteriormente, as representações acerca de um referente vão sendo elaboradas no/pelo discurso, não só pela foto e pelas expressões nominais, mas por outras porções textuais. Nesta seção, buscamos demonstrar como as predicações (ou trechos de predicações) estão associadas às referências (re)construídas por meio das expressões nominais, funcionando como suporte para o processo de (re)categorização mútua. Com esse mesmo fim, mostraremos, na próxima seção, como o discurso citado também atua, auxiliando esse processo.

4.2.2.2 A (re)categorização do referente por meio do discurso citado

A (re)categorização do referente por meio do discurso citado é uma característica que também vem somar ao processo de (re)categorização mútua. Maingueneau (2013, p. 163) explica que "quando um locutor fala, ele não se contenta em expressar suas próprias opiniões; ao contrário, ele faz ouvir diversas vozes, mais ou menos claramente identificadas, em relação às quais ele se situa." Segundo o autor, o locutor de um texto encena outras vozes, além da sua, e pode assumir em relação a elas diferentes posições, distanciando-se dos pontos de vista apresentados ou aderindo a eles.

Isso demonstra, como defende Authier-Revuz (1999), o princípio da heterogeneidade constitutiva, ou seja, da natureza dialógica que constitui os discursos. E a autora explica que, embora essa seja uma característica intrínseca, muitas vezes, o locutor quer dar a conhecer claramente a presença do outro em seu discurso e lança mão, para isso, de estratégias que marcam essa presença. São os casos descritos pela autora como heterogeneidade mostrada, tais como as citações em discurso direto ou indireto; as ilhas textuais; e, ainda, casos em que a presença do outro aparece mascarada na frase, mas pode ser depreendida no campo do implícito, como o discurso indireto livre, a ironia, a paráfrase e a paródia.

Observamos, em nosso *corpus*, que, não raramente, algumas (re)categorizações estão presentes na citação em discurso direto ou indireto e essas (re)categorizações estão relacionadas à ancoragem entre a fotografia e a expressão nominal em destaque. Notamos também que a perspectiva acerca do referente, apresentada por essas (re)categorizações, está diretamente ligada às funções que essas citações cumprem no texto jornalístico.

Benites (2002, p. 96) explica que a citação pode ter a função de autoridade, servindo para imprimir credibilidade ao argumento do locutor na medida em que se

ancora a citação na autoridade de um especialista. Vimos, na composição que ilustra o papa (ver p. 103), que o texto posicionado ao lado esquerdo da foto traz citações em discurso direto e indireto que incorporam à voz do locutor a opinião de um especialista que fala sobre o papa e sobre a Companhia de Jesus:

Por ser jesuíta, papa Francisco pode dialogar com a ciência

Por ser oriundo da Companhia de Jesus, o papa Francisco tem capacidade para dialogar com o mundo científico, tecnológico e político e lidar com os desafios da modernidade, afirma Roberto Romano, professor de ética e filosofia na Unicamp. "É uma ordem que cultiva a ciência e a técnica", disse.
Mas, para arejar a igreja, o pontífice terá de enfrentar a Cúria. **Entrevista de 2ª A15**

As predicações advindas do discurso citado ratificam, como demonstramos com esse exemplo, o processo de (re)categorização mútua que ocorre entre a fotografia e a expressão nominal "papa star". As noções de abertura e popularidade levantadas pelas (re)categorização mútua ganham credibilidade ao serem homologadas na voz de um especialista.

Temos, aqui, um caso em que o locutor citante ancora seu ponto de vista na voz de um locutor citado, como uma "prova" daquilo que se apresenta. Benites (2002) explica que o locutor citado, por ser responsabilizado pela afirmação, legitima o argumento defendido pelo locutor citante, de modo que, nesse caso, os pontos de vista são convergentes e o discurso citado é usado como uma estratégia argumentativa. No entanto, além dessa função, o discurso citado pode ser empregado para marcar o distanciamento do locutor citante, que, por meio da citação, se exime da responsabilidade pelo que é dito, atribuindo-a ao locutor citado (BENITES, 2002, p.96).

Queremos focalizar, neste tópico, o modo como essas citações auxiliam o processo de (re)categorização mútua. Não discutimos, portanto, todos os usos de citações, mas apenas aquelas que estão relacionadas a esse processo. Dessa maneira, mostramos que, associada às funções próprias da constituição do texto jornalístico, a citação em

discurso direto ou indireto cumpre a função de auxiliar o processo de (re)categorização mútua por meio da apresentação de perspectivas acerca do referente em foco.

Veremos, no exemplo seguinte, como o uso do discurso direto pode marcar a isenção ou a aproximação do locutor em relação ao que é dito sobre um referente, mostrando como esses pontos de vista homologam o processo de (re)categorização mútua:



Figura 15 – Composição presente no caderno Cotidiano, página C4, do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 24 de novembro de 2013

Essa composição foi publicada na *Folha de S. Paulo*, no dia 24 de novembro de 2013. Ela trata do envolvimento do fiscal Luís Alexandre de Magalhães no escândalo do ISS e do modo como sua ex (à esquerda) e sua então mulher (à direita) constroem sua imagem a partir de suas respostas a uma entrevista realizada pela *Folha de S. Paulo*. Focalizamos, para este tópico, como a referência ao fiscal Luís Alexandre de Magalhães é construída na contraposição dos pontos de vista dessas mulheres, apresentados nas citações em discurso direto, presentes nas colunas da esquerda e da direita. Verificamos também como essa contraposição contribui para o processo de (re)categorização mútua.

No tocante às fotografias, observamos que os ângulos são os mesmos, ou seja, elas foram tomadas de maneira frontal e ao nível dos olhos, o que imprime, em relação ao leitor, certa neutralidade. A fotografia que ilustra Luís Alexandre vem emoldurada e em tamanho bem reduzido quando comparado às duas imagens das mulheres, que são apresentadas com mais saliência. Esse recurso somado ao enquadramento em plano fechado apresenta o fiscal como em um retrato, focalizando o que é essencial na identificação de um indivíduo: sua face. Isso também está relacionado ao modo como a matéria é diagramada. Essa imagem é acompanhada pela coluna central, com as perguntas feitas pela *Folha de S. Paulo*, e por uma caixa, posicionada acima da fotografia, com uma breve descrição sobre o envolvimento do fiscal no caso do ISS, ou seja, ele é o alvo das perguntas realizadas e apresentadas nessa coluna.

Já o enquadramento das fotografias que ilustram as mulheres é aberto, mas o cenário é cortado, o que coloca em destaque suas figuras. Diferentemente, portanto, da foto do fiscal, não apenas a identificação desses indivíduos interessa, mas as vestimentas e o modo como elas se portam e se mostram são significativos. Por conta desse enquadramento, essas fotografias tornam-se mais simbólicas, pois colocam-se em

destaque essas características, o que vai atribuir às respostas dadas por elas certo peso argumentativo.

Nas colunas que seguem a essas duas fotografias, têm-se as respostas dadas pelas mulheres às perguntas realizadas pela *Folha de S. Paulo*. Por meio dessas respostas, a referência a Luís Alexandre de Magalhães vai sendo construída. Como dissemos, tais perguntas ocupam a coluna central e essas repostas são colocadas em duas colunas opostas, que correspondem às "duas versões" de um mesmo referente, homologando a expressão nominal em destaque "um homem duas versões".

Discutimos anteriormente que o processo de (re)categorização mútua pode se tornar mais dinâmico quando levamos em conta a complexidade composicional de nossos exemplos. Nesse caso, a (re)categorização mútua se dá, não apenas entre fotografias e expressão nominal, mas entre a expressão "um homem duas versões" e a forma como a própria composição é diagramada.

Num primeiro momento, essa expressão faz referência aos três objetos-de-discurso ativados visualmente. Luís Alexandre e as mulheres são (re)categorizados como "um homem duas versões", o que já instaura, por meio dos numerais, um contraponto de visões no modo como a referência ao fiscal será elaborada. Verifica-se, no entanto, após uma leitura mais atenta, que, além desses objetos, "um homem duas versões" faz remissão às informações apresentadas nas colunas que acompanham as imagens desses referentes.

Toda a diagramação é organizada de maneira equilibrada e simétrica, distribuindo as informações de acordo com a posição que cada referente assume na página – esquerda, as informações referentes à ex; central, as informações referentes ao fiscal; ou direita, as informações referentes à então mulher - o que autoriza a (re)categorização realizada pela expressão nominal em destaque. Da mesma maneira a expressão nominal está ancorada, não só nos referentes instaurados visualmente, mas na organização da composição.

Passamos, agora, à observação de como as citações em discurso direto homologam esse processo. Primeiramente, reproduzimos, nos quadros, as informações que acompanham as imagens:

Caixa com a descrição do fiscal: Luís Alexandre de Magalhães, 41: Um dos quatro fiscais presos, ele revelou à Controladoria-Geral do Município e ao Ministério Público Estadual como o grupo operava. Aceitou o benefício da delação premiada (colaborar visando redução de sua pena). Acuado, começou a gravar as conversas com outros acusados do esquema.
Texto que acompanha a figura de Vanessa: Vanessa se encontrou com a reportagem em Campinas, cidade vizinha à sua terra natal, Valinhos, onde ela voltou a morar após o escândalo.
Texto que acompanha a figura de Nagila: Nagila inicia ou termina uma frase com a palavra "fio", com forte sotaque interiorano; ela conversou com a *Folha* no apartamento de 200m², onde vive com Luís na zona leste.

Abaixo segue uma tabela com algumas das perguntas e respostas:

Resposta de Vanessa	**Pergunta**	**Resposta de Nagila**
É uma pessoa desequilibrada, com oscilações de comportamento. Inconsequente e ao mesmo tempo manipulador e envolvente.	E como o define?	É um homem maravilhoso, superpai, supermarido. O oposto do que estão achando.
Várias vezes. Por ciúme, por embriaguez e agressões mútuas também. Eu partia para cima dele. Com dois meses de gravidez, ele me bateu para que eu abortasse.	Já foi agressivo com você?	Nunca, jamais.
Começa com "50 Tons de Cinza" [best-seller erótico], sem o sadomasoquismo, e vai para a "Arte da Guerra", de Sun Tzu.	Se ele fosse um filme ou livro, qual seria?	"50 Tons de Cinza", porque, assim como o livro, ele é muito caliente.
Nunca foi. A decoração da minha casa ficou em R$110 mil. Ele pagou tudo em cheques de propina. "Compra o que você quiser", ele disse.	Ele era contido nos gastos?	Ele é um cavalheiro, mas não esbanjava nem gastava quantias exorbitantes como R$10 mil numa noite. Também nunca foi mão de vaca.

Como vemos nas respostas, na perspectiva da ex, Luís Alexandre é categorizado como uma pessoa "desequilibrada", "inconsequente", "manipuladora" e "envolvente", além de ser "um homem agressivo", "ciumento". Já na perspectiva da então namorada, ele não é agressivo, é "maravilhoso, superpai, supermarido. O oposto do que estão

achando", é um homem "muito caliente", "um cavalheiro". Note-se que as informações principais acerca do referente advêm das vozes das entrevistadas. É, pois, por meio do contraste entre essas vozes que se tem um suporte à (re)categorização mútua.

Constrói-se, assim, uma imagem positiva do referente na voz de Nagila Coelho e uma imagem negativa, na voz de Vanessa Alcântara. As figuras dessas mulheres ganham, como dissemos anteriormente, um peso simbólico, dado o corte dos fundos que compunham essas fotografias, o que coloca em evidência seus atributos. As duas fotos que acompanham as colunas aparecem em conformidade com suas versões, de modo que, num jogo de contraste entre o sóbrio e o exagero, Vanessa, a ex-mulher do fiscal, aparece de branco e longo, posando para a foto de maneira determinada e olhar fixo, enquanto Nagila, a então namorada, de vermelho e um vestido curto, aparece em posição desarranjada e seu olhar parece estar perdido.

É interessante notar que elas são referidas de maneira invertida, no texto que acompanha a expressão nominal, como "o céu" e "o inferno" do fiscal, associando a versão negativa à ideia de inferno e a versão positiva à ideia de céu. Haja vista essa inversão, é a versão negativa que se associa à imagem de Vanessa, que aparece de maneira mais sóbria na fotografia.

Essa representação, relacionada à reprodução das respostas e à forma como são descritas nos textos posicionados ao lado de suas imagens e acima de seus nomes, pode sugerir uma maior credibilidade ao discurso de Vanessa, sendo, portanto, privilegiada a versão negativa construída acerca do referente Luís Alexandre de Magalhães. E, ainda pelo contraste, a credibilidade ao discurso de Vanessa é reforçada na referência ao modo vicioso como Nagila fala, o que sugere que o que ela diz não merece crédito, como vemos no texto posicionado ao lado de sua imagem: "Nagila inicia ou termina uma frase com a palavra 'fio', com forte sotaque interiorano". É, pois, em meio a esses contrastes visuais

e de vozes que a referência a Luiz Alexandre Magalhães vai sendo elaborada. Percebe-se, assim, como a referência pode se constituir por meio do uso do discurso direto, auxiliando o processo de (re)categorização mútua.

No entanto, observamos também casos em que a referência se processa por meio do discurso indireto e, ainda, imbricado com as chamadas ilhas textuais. Maingueneau (2013, p. 193) explica que as ilhas textuais são fragmentos de um discurso citado isolado num discurso citante por meio de aspas ou itálico. Trata-se de uma forma híbrida, pela qual o enunciador emprega uma parte do texto citado, sem se responsabilizar por ela. Esse procedimento é comum nos textos que coletamos, no entanto, como suporte à (re)categorização mútua encontramos poucos casos.

Para abordar o discurso indireto, recuperamos a composição que analisamos no tópico anterior, cujas figuras principais eram Lula e Haddad. Por meio da fotografia, das expressões nominais e das predicações, vimos como se dá a elaboração da referência à figura de Lula. Reforçamos aqui essa análise, observando que algumas das predicações que analisamos anteriormente fazem parte da citação indireta do discurso de Lula. Trazemos, novamente, no quadro, a reprodução do material verbal que acompanha a fotografia:

Legenda da foto: SIGA O MESTRE Ao lado de Fernando Haddad, Lula participa de reunião na prefeitura com 11 secretários e afirma que o objetivo da equipe deve ser 'sair maior do que entrou' Poder A4
Título: Lula se reúne com equipe de Haddad e dá diretrizes
Subtítulo: Ao lado do prefeito, ex-presidente enumera prioridades para a gestão
Corpo do resumo da notícia: O ex-presidente Lula protagonizou reunião no gabinete do prefeito de São Paulo e expôs a Fernando Haddad e a 11 secretários municipais o que espera da gestão do petista que escolheu para administrar a cidade.
"Ele me ligou e pediu para nos encontrarmos. Eu o convidei para vir à prefeitura, e ele se colocou à disposição", disse Haddad, que resumiu o encontro como uma "visita de cortesia".
Durante a reunião, Lula enumerou diretrizes para a gestão municipal, como políticas sociais que ajudem a diminuir as chacinas e o combate a enchentes.
No fim da campanha eleitoral, ao comentar a influência do padrinho, Haddad disse ironicamente ser um "poste" de Lula. Poder A4

Na análise das predicações, dissemos que essas estruturas auxiliam na atribuição de propriedades à referência a Lula, relativas à competência e à experiência necessárias para guiar Haddad. Como dissemos, algumas dessas predicações fazem parte da citação indireta do discurso de Lula na reunião, que reforça a (re)categorização mútua. Nesse caso, essa apresentação está associada à escolha de alguns verbos delocutivos, cuja função é a de destacar a hierarquia entre as figuras de Lula e Haddad nessa composição.

Segundo Benites (2002, p. 112), os verbos delocutivos são "verbos que fazem referência à atividade delocutiva focalizada no discurso relatado." Ainda, segundo a autora, o emprego de verbos delocutivos revela "o posicionamento do jornalista perante a matéria relatada, *o seu filtro analítico em relação aos locutores reportados* e à natureza das manifestações verbais dos enunciados-fonte, que servem de base às citações." (BENITES, 2002, p. 123 – grifo nosso).

Na composição em análise, as escolhas de "afirmar", "expor" e "enumerar", em "afirma que o objetivo da equipe deve ser 'sair maior do que entrou'", "expôs a Fernando Haddad e a 11 secretários municipais o que espera da gestão do petista que escolheu para administrar a cidade.", "enumerou diretrizes para a gestão municipal, como políticas sociais que ajudem a diminuir as chacinas e o combate a enchentes.", referentes à apresentação do discurso de Lula, são alguns exemplos de emprego de verbos delocutivos que revelam o filtro analítico do locutor em relação à posição que Lula assume nessa matéria, ou seja, é a ele que compete as afirmações, exposições e enumerações sobre o que deve ser feito por Haddad. Em outras palavras, Lula é colocado como o detentor do conhecimento necessário para que Haddad possa realizar uma boa administração, o que, mais uma vez, reforça a (re)categorização mútua, realizada entre fotografia e a expressão "o mestre".

No entanto, o reforço à (re)categorização mútua constituída emerge também de atribuições conferidas a Haddad e que o colocam numa posição subordinada em relação à figura de Lula. Além de seu nome próprio, a construção da referência a Haddad, no material verbal, provém do uso de expressões nominais definidas relativas ao cargo político que ocupa, tais como "o prefeito", retomado por "o prefeito de São Paulo", seguida de uma nova atribuição referente ao partido ao qual é filiado, no fragmento "O ex-presidente Lula [...] expôs a Fernando Haddad e a 11 secretários municipais o que espera da gestão do petista que escolheu para administrar a cidade." Tal atribuição vem acompanhada da construção relativa "que escolheu para administrar a cidade", o que ressalta a relação de subordinação entre os dois referentes, já que Haddad teria sido escolhido por Lula, seu "mestre" e "padrinho".

Essa construção da figura de Haddad é, ainda, ratificada em seu próprio discurso, reconstruído pelo produtor do texto, que recorre ao uso de uma ilha textual. No último parágrafo, temos um fragmento de discurso indireto, que contém o termo "poste" entre aspas, atribuída ao enunciador citado: "Haddad disse ironicamente ser um 'poste' de Lula". No domínio político, o termo "poste" tem uma acepção negativa e faz referência a um candidato inexperiente e sem popularidade. Mesmo Haddad colocando isso ironicamente, o uso de aspas distancia o enunciador citante dessa autoatribuição e não o compromete, embora esse uso reforce a (re)categorização mútua "o mestre" e a relação de subordinação na representação que emerge entre Lula e Haddad, nessa composição.

Vê-se, portanto, que características da constituição do texto jornalístico, como a recorrência ao discurso citado, podem incidir no processo referencial. Isso porque a presença do discurso direto ou indireto traz para o texto a variedade de perspectivas acerca de uma realidade, revelando, no processo de referenciação, as versões que se pode elaborar sobre um referente. Dado o interesse de esclarecer o processo de

(re)categorização mútua entre verbal e não verbal, mostramos como, em nosso *corpus*, o discurso citado opera na (re)categorização do referente, auxiliando esse processo, na medida em que os diferentes pontos de vista "realimentam" a relação de ancoragem entre a fotografia e a expressão nominal em destaque.

No próximo tópico, tratamos de algumas informações que aparecem em destaque na matéria, e demonstramos, do mesmo modo que fizemos neste tópico e no anterior, como esse trecho do texto atua no processo referencial e, consequentemente, na (re)categorização mútua.

4.2.2.3 A (re)categorização do referente por meio de informações em destaque no corpo da matéria

Na primeira página ou na página interna, a matéria pode dar destaque a certas informações utilizadas para expandir o conteúdo do título, aguçar a curiosidade do leitor e, ainda, arejar a leitura. São informações consideradas como ponto relevante do texto, chamadas, no jargão jornalístico, de "olho", "linha-fina" ou "sutiã" (o subtítulo), e intertítulo. O olho de uma matéria é usado para destacar trechos de textos mais longos, geralmente, aparece em quebra de colunas e é mais comum em entrevistas. O subtítulo, também chamado de linha-fina e sutiã, é uma informação que acompanha o título da matéria, servindo para completar e expandir suas informações. Os intertítulos são pequenos títulos utilizados para quebrar textos longos e deixar a leitura mais arejada.

Esses elementos recebem um tratamento tipográfico especial e ganham um posicionamento dinâmico na página. Por essa razão, juntamente com a fotografia e a expressão nominal, que operam a (re)categorização mútua, eles dirigem a atenção do leitor para novas informações acerca do referente. Para exemplificar, circulamos a linha-fina ou subtítulo da composição a seguir:



MARCEL MERGUIZO
DE SÃO PAULO

Maracujá, acerola e "guáiba" (goiaba) estão entre as frutas favoritas. Água de coco, ela prefere a de Fortaleza porque é "muito docinha". Ao experimentar purê de mandioquinha, "ficou louca" e lamentou: "Não tem nos Estados Unidos, é muito triste!"

Aos 17 anos, Isadora Williams está conhecendo melhor o país que representará na Olimpíada de Inverno, em Sochi, de 7 a 23 de fevereiro.

Nascida em Atlanta (EUA), filha de uma mineira com um americano, hoje a patinadora é a única atleta do Brasil confirmada nos Jogos russos.

Antes da conversa em que disse por que se considera mais brasileira do que americana, a mãe de Isadora, Alexa, logo avisou: "Ela quer dar a entrevista em português."

A patinadora falou com a **Folha** no único dia que passou por São Paulo para receber o Prêmio Brasil Olímpico, há uma semana, como a melhor atleta de esportes no gelo do país. Foi a segunda visita dela à capital paulista, depois da passagem para abrir conta na Caixa Econômica Federal, banco no qual recebe o Bolsa Atleta.

Ela também conhece [illegible] de Janeiro – onde um dia [illegible] morar –, Fortaleza [illegible] foi para um evento do [illegible] co patrocinador (a empresa de tecnologia de informação CPQD –, além de Belo Horizonte e região metropolitana, onde vivem os tios e primos.

"Eu pratico muito português quando visito a família. Eu não falava nada um ano [illegible] uma vez por semana nos EUA. [illegible] de sotaque e pedindo ajuda à "mamãe" quando não sabia [illegible] ou entendia alguma palavra.

Ela faz aulas de português [illegible] pouquinho mais brasileira. Adoro a cultura daqui. A comida é muito boa. A música é vibrante. Quero morar aqui um pouquinho", diz, muitas [illegible] usando o diminutivo.

[illegible] músicas, em boa parte, [illegible] influência da mãe. Ela [illegible] de Marina Monte, já foi [illegible] show de Jorge Ben e também descobriu recentemente o grupo Raça Negra.

Quando está no Brasil, sente falta do namorado (Chase, 17), da irmã (Sofia, 12), do pai (Charles) e do cachorro, um shitzu chamado Sachi. "É uma coincidência com Sochi. Na verdade o nome significa felicidade em japonês, e ele é muito bonitinho", explica.

Nos EUA, ela deseja cursar nutrição na universidade. Está no último ano do equivalente ao ensino médio.

Lá também quer continuar sendo orientada pelo exigente técnico russo Andrey Kryukov, que não queria deixá-la faltar aos treinos para receber o prêmio em São Paulo.

A meta de Isadora é ficar entre as 24 melhores da patinação artística na Olimpíada. Em Sochi, das 30 atletas seis são eliminadas após a primeira apresentação (mais curta).

"Desde os 12 anos eu falava com minha mãe que queria representar o Brasil em uma Olimpíada", lembra Isadora, em uma manhã quente, na beira da piscina de um hotel paulistano, sem fugir do sol, que diz gostar mais do que o frio do subúrbio de Washington, onde ainda mora.

A patinadora Isadora Williams, que vai representar o Brasil nos Jogos de Sochi, na Rússia

BRASILEIRINHA COM
sotaque

Nascida nos EUA, Isadora Williams é a **única** brasileira **garantida** na Olimpíada de **Inverno** na Rússia

Brasil pode ter recorde de atletas em Sochi-2014

DE SÃO PAULO

Em setembro, na Alemanha, Isadora Williams ficou em 12º lugar na repescagem mundial e conseguiu a sexta e última vaga para os Jogos Olímpicos de Sochi, na Rússia. Feito inédito para a patinação artística do país. É, hoje, é o único nome brasileiro, de fato, garantido nos Jogos.

O Brasil já tem quatro outras vagas na Olimpíada de Inverno: duas no esqui alpino e duas no esqui cross-country. Falta definir quem serão os atletas que irão representar o país na competição, de 7 a 23 de fevereiro.

Jaqueline Mourão, Leandro Ribela, Jhonatan Longhi, Chiara Marriano e Maya Harrison têm índice e disputam as vagas. Os nomes serão confirmados até 19 de janeiro.

O recorde brasileiro de participantes em uma Olimpíada de Inverno é de dez atletas, alcançado em Salt Lake City, nos EUA, em 2002.

O Comitê Olímpico Brasileiro (COB) acredita que pode igualar ou ultrapassar esse número em Sochi. Ainda há expectativa em modalidades como biatlo, bobsled, luge e esqui aéreo.

A melhor colocação do país nos Jogos de Inverno foi a de Isabel Clark. Em Turim, na Itália, em 2006, ela terminou na nona posição. Quatro anos depois, em Vancouver, no Canadá, foi a 19ª. Ela ainda tem chance de ir a Sochi. (MM)

Figura 16 – Composição presente no caderno Esporte, página B7, do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 25 de dezembro de 2013

Como é possível observar, a parte circulada por nós expande as informações da expressão nominal em destaque "brasileirinha com sotaque", que, nesse caso, é o título dessa matéria. Tal expressão nominal (re)categoriza o referente em foco na composição visual, constituindo o processo de (re)categorização mútua. Vê-se que o material não verbal dessa reportagem é composto de duas fotografias sobrepostas uma a outra. Na fotografia maior, Isadora aparece posando para a foto e sorrindo. Seu olhar se liga ao do leitor por vetores, que têm a função de estabelecer interação entre a participante representada e os leitores do jornal. Essa fotografia assegura o que Kress e Van Leeuwen (2006, p.118-119) chamam de *contato social*, reforçado pelo sorriso da menina, que gera certa empatia com relação à sua figura.

Na fotografia menor, Isadora aparece, provavelmente, em alguma competição de patinação, esporte pelo qual ela representara o Brasil nas Olimpíadas de Inverno. Tal informação só é sabida por meio da leitura da legenda, também sobreposta à foto maior,

e na leitura do subtítulo, que, pelo tratamento tipográfico, pode ser a próxima informação a ser vista, depois das fotografias e da expressão nominal em destaque.

Vemos, então, que fotografias e expressão nominal reportam a um mesmo referente. A empatia registrada na fotografia maior ancora o núcleo da expressão nominal, "brasileirinha", que, pelo diminutivo, atribui certa afetividade ao referente, além de realçar sua juventude. Já o modificador "com sotaque", embora possa ser associado à fotografia menor que ilustra a patinadora praticando um esporte pouco comum no Brasil, o que ativa, portanto, a ideia de estrangeiro, é melhor apreendido conforme é dada sequência à leitura da reportagem, com as informações contidas na legenda, como seu sobrenome "Williams", e, principalmente, com as informações contidas no subtítulo "Nascida nos EUA, Isadora Willians é a única brasileira garantida na Olimpíada de Inverno na Rússia".

Assim, é quando lemos esse subtítulo em destaque que passamos a confirmar hipóteses sobre a dupla nacionalidade da menina, que será ratificada na matéria, mais especificamente, no terceiro parágrafo, por meio da expressão "filha de uma mineira com um americano". Temos as fotografias operando categorizações visuais relativas à empatia e ao esporte praticado pela menina e, (re)categorizando essas propriedades, temos a expressão nominal. Assim como nos exemplos anteriores, a fotografia ancora a atribuição efetivada pela expressão nominal, ao mesmo tempo em que é recategorizada por ela. E, dessa vez, esse processo de (re)categorização mútua será reforçado por trechos destacados na matéria.

A expressão nominal "Nascida nos EUA" esclarece o modificador "com sotaque", trazendo a informação referente à origem da menina; já pelo núcleo da expressão "a única brasileira garantida na Olimpíada de Inverno na Rússia", mantém-se o reconhecimento de Isadora como brasileira, conforme ela é apresentada na expressão nominal em

destaque, cujo núcleo é, como mencionamos, “brasileirinha”. Dessa maneira, essas construções homologam a expressão nominal, cuja apreensão vai se tornando mais clara conforme é dada sequência à leitura.

Queremos chamar atenção para a relevância desses elementos mais salientes na diagramação da composição. Se o leitor detiver sua atenção apenas na fotografia, na expressão nominal em destaque e nas informações presentes no subtítulo, ele é capaz de construir uma referência já bastante específica, ou seja, a referência à “jovem patinadora americana representante do Brasil nas Olímpiadas de Inverno", por exemplo.

Essa possibilidade de construção referencial é resultante da articulação desses elementos na página do jornal. Mais do que a construção linear em cadeias, o processamento referencial, nas composições que analisamos, é “tentacular” e as relações entre a fotografia, a expressão nominal e trechos em destaque, por exemplo, são múltiplas e dinâmicas.

Para aprofundar um pouco mais essa questão, trazemos mais um exemplo de como o subtítulo da matéria pode operar (re)categorizações, que, associadas à fotografia e à expressão nominal em destaque, constroem relações referenciais mais dinâmicas. Observemos a página C8 do caderno Cotidiano, publicada na *Folha de S. Paulo* no dia 17 de setembro de 2013 (ver p. 134).

Nessa página, tem-se uma reportagem sobre um show realizado pelo grupo Racionais, na Vila Olímpia, bairro nobre de São Paulo. Racionais é um grupo brasileiro de rap, reconhecido por difundir a voz da periferia por meio de suas músicas, que têm como temáticas principais a denúncia à violência ao jovem negro, ao preconceito, ao crime, à miséria e ao sistema capitalista. Com base nessa representação, de ordem cultural, a composição que segue é construída de modo a apresentar uma imagem do público e do grupo musical, que realizou show em bairro nobre de São Paulo:



C8 cotidiano ★ ★ ★ TERÇA-FEIRA, 17 DE SETEMBRO DE 2013 FOLHA DE S.PAULO

Fotos Zanone Fraissat/Folhapress

Rodrigo Queiróz, 22, jogador de futebol

Allana Zuniga, no clube Royal

Gabriela Burbos, 20, promoter

Lucas Fabbre, 18, estudante de engenharia civil

racionais DE BUTIQUE

Voz da **periferia**, grupo de rap faz show expresso para **'mauricinhos'** em **balada** na Vila Olímpia

Rapper Mano Brown durante show no clube Royal, em SP

LEANDRO MACHADO
DE SÃO PAULO

Uma fila de Porshes, Mercedes, Ferraris e Range Rovers se formou na rua Quatá, na Vila Olímpia. Os mais modestos chegavam de i30 ou Fiat 500. O estacionamento, a R$ 30, ficou lotado. "Doors open at 10:00 PM", dizia o flyer da Royal Club, balada de "mauricinhos" na zona sul de São Paulo.

Era show dos Racionais MC's, o maior expoente do rap brasileiro e voz autoproclamada da periferia.

Duas horas antes do show, anteontem, os carrões paravam e o público fazia a "social" na porta da casa. Os VIPs entravam correndo.

Andrés Sanches, ex-presidente do Corinthians, entrou rápido e logo foi para o camarote —R$ 3.500 o mais caro, para dez pessoas. Denilson, ex-jogador e comentarista da Band, também não fez hora.

"Você quer que eu fale da banda? Não conheço muito, mas pode anotar aí que eu gosto", disse a promoter Gabriela Burbos, 20, salto altíssimo, shortinho e boné ao estilo "rapper" virado de lado.

Na fila, ela encontra o amigo Rodrigo Queiróz, 22, jogador de futebol sem clube no Brasil, mas "com transferência certa para a Hungria".

Eles dizem ser habitué da Royal e, nesse domingo, tiveram a oportunidade de assistir a um dos grupos mais famosos do Brasil em um local, digamos, mais exclusivo.

Os Racionais, até o fim dos anos 90, tocavam apenas em casas dedicadas ao rap. Mano Brown dizia (e cantava) não gostar de playboys.

A presença do grupo num lugar como a Royal seria impensável há dez anos. Em 2010, a banda se apresentou lá, mas sem sua clássica formação, com Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay.

Na porta, Lucas Fabbre, 18, estudante de engenharia civil pelo Mackenzie e morador do Tatuapé (zona leste), diz não conhecer muito bem as letras dos Racionais.

"Não sou fã, conheço as mais famosas. Vim porque aqui é mais seguro do que em locais abertos, como na Virada Cultural."

Já a estudante Beatriz Felix, 18, veio de Guarulhos, na Grande SP. É fã de rap e frequenta até uma batalha de MC's na zona sul da capital.

"São um dos poucos que conseguem fazer música com letra boa", diz ela, impecavelmente maquiada.

Os Racionais mostram, segundo ela, a realidade dos bairros periféricos das grandes cidades. Realidade, diz, que não vive, mas que é um "um ponto de vista".

"Você vai ver como vou cantar todas as músicas", diz Beatriz, apressada para entrar na Royal.

E cantou mesmo. No fim do show, saiu rouca e ensopada.

A Royal, que tem capacidade para 600 pessoas, estava lotada – o ingresso custava R$ 100 para homens e R$ 60 para mulheres. O bar, cheio, cobrava a R$ 16 uma cerveja e R$ 35 a dose de tequila.

Nos camarotes, baldes com garrafas de champanhe eram servidos com velas de aniversário presas ao gargalo. Cada garrafa custava R$ 430.

Por volta das 2h, começou uma batida e tudo escureceu. Uma fumaça branca e gelada foi lançada de um canhão no teto. Quando a névoa se dissipou, lá estavam os Racionais no palco.

A primeira música, a recente "Mente de vilão", tocou o público mais por ser a primeira do que pela letra, que poucos na casa sabiam cantar.

Depois veio o clássico "Diário de um detento" e aí o público explodiu.

Nas músicas seguintes, menos conhecidas do habitué da Royal, como "Selva de pedra" (do disco solo de Edi Rock), o público se dispersou, foi fumar, beber, conversar.

Voltou depois, já no final, quando Mano Brown cantou as mais famosas "Negro Drama" e "Vida Loka". Mas os Racionais pareciam ter pressa e o show durou só uma hora.

Se não empolgou, não foi só por culpa da banda. O público parecia mais interessado em registrar a ocasião com smartphones do que em ouvir a música.

Mano Brown só cantou. Não fez nenhum de seus famosos discursos. "Obrigado, São Paulo, segunda é dia de trampo", encerrou.

Figura 17 – Composição presente no caderno Cotidiano, página C8, do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 17 de setembro de 2013

Na parte superior dessa composição, vemos quatro fotografias de jovens, representantes do público que compareceu ao show dos Racionais. Com relação à elaboração dessas fotografias, podemos dizer que o ângulo de tomada e o enquadramento das quatro são os mesmos. Trata-se de um ângulo frontal e ao nível dos olhos, com

enquadramento em plano médio, que retrata os participantes dos joelhos para cima. A escolha desse ângulo e do enquadramento, além do fundo ofuscado, confere saliência à figura dos jovens e a seus atributos, colocando em destaque a classe social que eles representam. Não se pode deixar de notar que as fotografias são colocadas lado a lado e emolduradas uma a uma, como uma composição de coluna social, o que acaba estabelecendo um paralelo entre essas figuras ilustradas e reforça o propósito de representar a classe social a que elas pertencem.

Como podemos perceber, são jovens de classe média-alta, vestidos com roupas requintadas e portando acessórios, como pulseiras, relógios, boné de marca, celulares. São, pois, figuras que se diferenciam do público de periferia comum nos shows do grupo de rap. Sobreposta a cada fotografia, vem uma legenda com o nome e sobrenome dos jovens, além de referências à ocupação de três deles, a saber, "jogador de futebol", "promoter" e "estudante de engenharia civil". Em síntese, o enquadramento e o fundo ofuscado, juntamente com o modo como as fotografias são emolduradas, além das informações contidas nessas legendas, constroem a representação do público que compareceu ao show.

A fotografia que ilustra o vocalista do grupo Racionais, Mano Brown, registra apenas seu rosto e o braço com o qual ele segura o microfone; esse enquadramento em plano fechado focaliza-o em sua atividade. A iluminação do show e o ângulo vertical baixo, colocando o referente em posição superior ao espectador, confere-lhe certa elevação, o que, em comparação à representação do público, coloca Mano Brown numa posição superior. Sobreposta à imagem, lemos a legenda "Rapper Mano Brown durante show no clube Royal, em SP", que também traz informação referente a sua ocupação.

Como elementos de destaque, além das fotografias, aparecem a expressão nominal "racionais de butique" e o subtítulo da matéria "Voz da periferia, grupo de rap faz show

expresso para ‘mauricinhos’ em balada na Vila Olímpia”. Na articulação entre a expressão nominal e a fotografia que ilustra Mano Brown, pode-se estabelecer uma primeira relação de ancoragem, ou seja, a expressão (re)categoriza a representação visual de Mano Brown ao mesmo tempo em que sua figura, como principal representante da banda, autoriza a referência ao grupo por meio do núcleo “racionais”. A relação entre essa expressão e a fotografia será retomada, ainda, nas expressões “voz da periferia” e “grupo de rap”, presentes no subtítulo dessa matéria, que ativam propriedades culturalmente atribuídas a esse referente.

No entanto, já dissemos que esse processo depende também do modo como os elementos são organizados na composição. A expressão nominal em destaque leva o leitor a (re)categorizar a fotografia de Mano Brown por conta do termo “racionais”, mas, ela incide também, e no transcorrer da leitura será visto que principalmente, nas figuras que representam o público do show. Em outras palavras, num primeiro momento, parece haver uma manifestação avaliativa da banda revelada pelo modificador “de butique”, no entanto, é importante notar que, “racionais” vem escrito em letra minúscula e, embora o termo faça referência direta à banda, a expressão também está articulada às figuras dos jovens, na medida em que se ancora em suas representações visuais, principalmente, se levamos em conta o modificador, que, pejorativamente, retoma as ideias de requinte e de distinção que emergem das fotografias dos jovens.

A relação de ancoragem entre a fotografia de Mano Brown e a expressão nominal é revista pelas informações presentes no subtítulo, que apresentam uma “versão” crítica em relação ao público desse show na escolha da expressão “mauricinhos”[22], conforme são verbalmente (re)categorizados os jovens presentes nas fotografias. Essa escolha

[22]Gostaríamos de chamar a atenção para o emprego da aspa em “mauricinhos”, cuja função parece ser a de tentar eximir o produtor da responsabilidade pela forma estereotipada com que categoriza o público desse show.

lexical atribui, assim como o modificador "de butique", características com cargas depreciativas, já que, no contexto, (re)ativa as ideias de *status* social, de requinte, de consumismo, contrárias ao tipo de público para o qual o show da banda comumente se destina.

Vemos que, dos elementos em destaque, as informações contidas no subtítulo dessa composição contribuem com o processo de (re)categorização mútua, auxiliando a sua apreensão e, ainda, orientando as relações de ancoragem, que, nesse caso, apresentam, num primeiro momento, uma dupla possibilidade. Assim, é por meio do subtítulo que se consolida a referência "racionais de butique" ao público do show e não exatamente à banda.

Ao dar sequência à leitura, no corpo do texto, as referências ao público vão homologando a (re)categorização mútua, como é possível perceber, por exemplo, logo no primeiro parágrafo: "Uma fila de Porshes, Mercedes, Ferraris e Range Rovers se formou na rua Quatá, na Vila Olímpia. Os mais modestos chegaram de i30 ou Fiat 500. O estacionamento, a R$30, ficou lotado. "Doors open at 10:00 PM", dizia o flyer da Royal Club, balada de 'mauricinhos' na zona sul de São Paulo."

A apresentação da expressão "Uma fila de Porshes, Mercedes, Ferraris e Range Rover" (re)ativa a referência ao público e a seu *status* a partir das marcas dos carros com os quais se chega ao evento. As predicações "Os mais modestos chegaram de i30 ou Fiat 500", "O estacionamento, a R$30, ficou lotado", além dos dizeres em inglês e a retomada de "mauricinhos", reforçam a construção referencial que emerge dos elementos em destaque nessa composição, realimentando a (re)categorização mútua.

Como é possível notar, nas composições que analisamos, os materiais verbal e não verbal são solidários, formando uma unidade coesa, em que todos os elementos aparecem interligados de maneira dinâmica. Em nossas análises, acabamos tendo de assumir um

caminho de leitura para a abordagem dessas informações verbais e não-verbais, escolhendo uma possibilidade de observar as relações referenciais que emergem delas. No entanto, essas relações se estendem em diferentes direções e outros caminhos poderiam ser propostos.

Trazemos um último exemplo para demonstrar, mais uma vez, como as informações em destaque auxiliam o processo de (re)categorização mútua, estabelecendo entre os dados relações referenciais dinâmicas:



FOLHA DE S.PAULO
SEGUNDA-FEIRA, 21 DE JANEIRO DE 2013 E1

inclui folhateen

ilustrada

DANÇA
Diretor de balé russo Bolshoi se recupera bem de ataque com ácido
Pág. E3

uma SENHORA atriz

A atriz Marília Pêra no teatro Oi Casa Grande, onde está em cartaz com o músical "Alô, Dolly"

Cecília Acioli/Folhapress

À beira de completar **70 anos**, **Marília Pêra** faz um balanço de sua **carreira** e fala sobre seus papéis recentes no teatro e na TV

GUSTAVO FIORATTI
DE SÃO PAULO

Marília Pêra completa 70 anos amanhã às gargalhadas, colocando os cabelos tingidos de loiro para reluzir nos dois papéis cômicos que desempenha atualmente.

Na TV, faz a maquiadora de defuntos Darlene, da série "Pé na Cova", que estreia na quinta na Globo. No teatro, é Dolly, casamenteira de salões de alta classe, protagonista do musical "Alô, Dolly!". O espetáculo, em cartaz no Rio, chega a São Paulo em março.

A unir os dois trabalhos está o deboche de Miguel Falabella. O ator, que atua em ambas as produções, assina o roteiro do seriado e a direção-geral do musical.

Marília chega aos 70 enérgica, portanto, e interessada em manter um diálogo com plateias vastas, escondendo sob as cortinas do entretenimento puro um passado entrelaçado a peças políticas e ao interesse permanente de estudar com disciplina canto, dança e interpretação.

Em entrevista à **Folha**, ela lembra que descende de família de artistas e foi criada em coxias. "Durante a infância, tive a oportunidade de assistir a Dulcina [de Moraes] e [Henriette] Morineau, minhas mestras; Dulcina mais na comédia, e Morineau, em dramas e tragédias."

Ainda no início de sua carreira, em "My Fair Lady" (1961), contracenou com Bibi Ferreira e Paulo Autran. Eram os primeiros passos para uma trajetória diversificada, com passagens brilhantes pelo cinema —caso de "Pixote", de Hector Babenco— e pela televisão —como em "Brega & Chique", novela da Globo.

Nos anos 60, foi presa três vezes, conta. Tornou-se notório o episódio em que, por seu trabalho em "Roda Viva", foi obrigada a atravessar nua um corredor polonês, no teatro paulistano em que era encenada a peça de Chico Buarque dirigida por José Celso.

"Não tinha ideia de que corria riscos naqueles níveis", analisa. "Foi a primeira vez que o jogo político me deu um tapa na cara".

OUTROS TEMPOS

Marília disse que pensava em comemorar seus 70 anos em uma gafieira, mas desistiu da ideia para poder decorar falas de "Pé na Cova".

Se sobrar tempo, pretende jantar com seu marido, o economista Bruno Faria, sua mãe e amigos, entre eles seu advogado, Roberto Halbouti, o coreógrafo Paulo Argueles e a escritora Nélida Piñon.

"Bem lentamente", conta ainda, ela começa a escrever suas memórias. "Sem prazo, contando um pouco de tudo, principalmente sobre bastidores da televisão e do teatro, universos riquíssimos".

Ao dizer a palavra "riquíssimos", ela sorri, tomando o cuidado de tornar claro que conhece histórias secretas. "Queria fazer um 'stand-up' em que contasse tudo, mas não sei se terei coragem".

Se Marília enfrentar as reservas, talvez o público passe a conhecer melhor um ou outro atrito com colegas. Questionada sobre sua relação com Marco Nanini, por exemplo, ela observa o repórter em silêncio e desfere: "Isso é uma pegadinha".

Ela se esquiva de comentar o desentendimento com Nanini, que dirigiu em "O Mistério de Irma Vap". A peça, que tinha ainda Ney Latorraca, foi um dos maiores sucessos do teatro nacional, ficando 12 anos em cartaz. Do mesmo modo, corta a tentativa da reportagem de ouvi-la sobre Marcelo Médici, que dirigiu no remake do espetáculo.

Jorge Takla, que a dirigiu em quatro peças, entre elas "Mademoiselle Chanel" diz que Marília tem personalidade "complexa" e se joga em seus trabalhos "sem rede de proteção". "Quando acerta, é com genialidade, quando erra, faz de maneira grandiosa." Ele a considera uma das "maiores atrizes do mundo".

Babenco compartilha com a atriz a projeção internacional que alcançou com "Pixote". "O filme não seria o que é se não fosse ela no papel."

Para Marília, fazer 70 anos traz vantagens e desvantagens: "O bom é que você já tem consciência da morte, e ela não vai te pegar desprevenido; o ruim é que, consciente dela, passa-se a tratar a vida com muita cerimônia."

Alguns traços, no entanto, não mudam com a idade. "Sou desarmada, mais ouço do que falo, o que faz de mim uma vítima auditiva."

Com alguma nostalgia, diz ter saudade de quando a TV era "menos cinema e mais teatro". "Eu me divertia mais", diz, lembrando "Brega & Chique". "Foi um período em que se podia sentir mais os trabalhos dos atores de teatro na TV. Tudo está agora nas mãos de quem dirige e edita."

> **Nunca me levei muito à sério. Mudo de opinião, não desisti de tentar ser justa, sou desarmada, mais ouço do que falo, o que facilmente faz de mim uma vítima auditiva**
> MARÍLIA PÊRA
> atriz

> **Não tenho dúvida de que ela é uma das maiores atrizes do mundo. Tem uma personalidade complexa e se joga em seus trabalhos sem qualquer rede de proteção**
> JORGE TAKLA
> diretor

MARÍLIA EM RETROSPECTIVA
Destaques na carreira da atriz

1968
Atua em "Roda Viva", peça de Chico Buarque com direção de José Celso Martinez Correa, trabalho que a levou a ser agredida durante o regime militar

1973
Em "Apareceu a Margarida", um dos maiores sucessos de sua carreira no teatro, com texto de Roberto Athayde e direção de Aderbal Freire-Filho, faz uma professora manipuladora. Pelo trabalho, recebeu o Prêmio Molière de melhor atriz

1980
Em "Pixote, a Lei do Mais Fraco", filme de Hector Babenco com projeção internacional, faz a prostituta Suelí e ganha o Prêmio Air France de melhor atriz

1987
Um de seus principais papéis na TV foi Rafaela, protagonista da novela das sete "Brega & Chique"; mulher que, ao perder o marido milionário, passa a viver na pobreza

1988
Na série da Globo "O Primo Basílio", baseada na obra de Eça de Queiroz, fez a empregada Juliana, que chantageia a patroa adúltera

1998
Ao lado de Fernanda Montenegro, atua no filme "Central do Brasil", dirigido por Walter Salles

2001
Em "Vitor ou Vitória", musical com direção de Jorge Takla, interpreta uma cantora lírica que, para ter sucesso profissional, finge ser homem

2004
Retoma a parceria com o diretor Jorge Takla para representar, em "Mademoiselle Chanel", a cultuada estilista francesa Coco Chanel (1883-1971). Por sua atuação, recebe o Prêmio Shell

ALÔ, DOLLY!
QUANDO qui. e sex., às 21h ; sáb., às 18h e 21h30; dom, às 19h; até 24/2
ONDE teatro Oi Casa Grande (r. Afrânio de Melo Franco, 290, Leblon; tel. 0/xx/21/2511-0800)
QUANTO de R$ 50 a R$ 190
CLASSIFICAÇÃO 10 anos

NA TV
Pé na Cova
Estreia da série
QUANDO quinta, às 23h, na Globo
CLASSIFICAÇÃO não informada

Caio Guatelli/Folhapress

Caio Guatelli/Folhapress

Composição presente no caderno Ilustrada, página E1, do jornal *Folha de S. Paulo* – edição do dia 21 de janeiro de 2013

Falamos anteriormente sobre as estratégias de diagramação dessa composição e vimos como os elementos distribuídos nessa página estão interligados de maneira coesa.

Destacamos a sobreposição entre o título dessa matéria, no caso, a expressão nominal em destaque “uma senhora atriz”, e a fotografia, que ocupam espaço privilegiado na página. Assim como no caso da cantora Anitta, a sobreposição assegura uma relação de ancoragem mais imediata, estabelecendo instantaneamente a atribuição verbal ao referente em foco na fotografia.

Vemos Marília Pêra posando para a foto vestida de maneira sóbria e fina, sentada numa cadeira clássica, sofisticada e portando-se elegantemente. O olhar da atriz bem como seu sorriso estabelecem com o leitor uma relação de empatia e proximidade, ativando uma imagem positiva acerca do referente. Captar esses dados só é possível por conta do enquadramento em plano aberto que garante ilustrá-lo de corpo inteiro e focalizar suas características. Esse enquadramento também garante a visão do palco, que mesmo em segundo plano, chama atenção na imagem, principalmente quando se associa à figura da atriz Marília Pêra, já que a captação desse cenário aciona um conjunto de representações na memória do leitor que vai ser homologado pela expressão sobreposta “uma senhora atriz”.

De maneira análoga à expressão nominal atribuída à cantora Anitta, a expressão dessa composição aparece tipograficamente destacada tanto pelo tamanho das letras quanto pela cor branca que destoa do fundo acinzentado da fotografia. Também como no caso da cantora Anitta, o modificador da expressão nominal é ressaltado por uma moldura de mesma cor de outros elementos presentes na página. E esse destaque mais uma vez não é aleatório.

A anteposição do modificador dessa expressão com relação ao núcleo e o destaque que ele ganha, associados ao subtítulo dessa matéria, colocam em evidência uma ambiguidade na atribuição que é feita ao referente em foco na fotografia. A representação visual de Marília Pêra, ilustrada de maneira elegante e sofisticada juntamente com o

palco, lugar onde exerce sua profissão e pela qual ela é reconhecida, autoriza a atribuição verbal “uma senhora atriz” que predica ao referente características relativas a sua distinção, influência e representatividade nessa profissão. Essa atribuição assegura o processo de (re)categorização mútua, que por sua vez, será (re)atualizado pelo subtítulo em destaque “À beira de completar 70 anos, Marília Pêra faz um balanço de sua carreira e fala sobre seus papéis recentes no teatro e na TV”.

A expressão “à beira de completar 70 anos” remete a “senhora”, que passa a realizar uma atribuição ambígua ao referente, ou seja, “senhora” predica características relativas à competência de Marília Pêra como atriz, como já dissemos, mas também aciona características relativas a sua idade. É interessante notar que as expressões em negrito no subtítulo recuperam exatamente essa dupla possibilidade de atribuição ao referente: vemos, além do nome próprio “Marília Pêra”, a expressão “70 anos”, relativa à idade, e o termo “carreira”, que remete às propriedades referentes à profissão. Mais uma vez o subtítulo da matéria realimenta o processo de (re)categorização mútua e aciona outras propriedades do referente.

Embora seja uma estratégia própria dessa composição, o modo como vem organizada a retrospectiva da carreira da atriz também soma ao processo de (re)categorização mútua, pois mostra os principais papéis que a atriz viveu em ordem cronológica, além de as fotografias ressaltarem diferentes personagens vividas pela atriz em diferentes fases da sua vida. Também como um recurso de diagramação do texto jornalístico, os olhos presentes nessa matéria, posicionados na parte inferior esquerda e direita, ratificam o processo. A aspa saliente em destaque azul mostra que as informações desses trechos estão presentes em citações diretas destacadas do texto: à esquerda, retirada de uma fala da própria atriz; e à direita, do diretor Jorge Takla. São informações que, mesmo com letras menores, aparecem em saliência e iscam a atenção do leitor, podendo

ser parte dos elementos que vão compor uma leitura inicial da matéria, que recorra àquilo que aparece com maior destaque.

No olho posicionado ao lado esquerdo, lê-se da voz da atriz a citação direta: "Nunca me levei muito a sério. Mudo de opinião, não desisti de tentar ser justa, sou desarmada, mais ouço do que falo, o que facilmente faz de mim uma vítima auditiva". Vemos que a citação é composta por predicações que juntas somam à (re)categorização mútua propriedades relativas ao desprendimento, à justiça e a um comportamento mais passivo; autoatribuições positivas, mas que, ao mesmo tempo, conservam um tom de modéstia, que será homologado na caracterização presente na fala do diretor.

No olho posicionado do lado direito, lê-se: "Não tenho dúvida de que ela é uma das maiores atrizes do mundo. Tem uma personalidade complexa e se joga em seus trabalhos sem qualquer rede de proteção." Contrário ao tom de modéstia da fala da atriz, nesse olho ganham relevância as predicações referentes à competência profissional de Marília Pêra, "uma das melhores atrizes do mundo", segundo o diretor, à sua "personalidade complexa" e ao comprometimento com o trabalho, diferentemente do desprendimento que ela mostra em seu discurso.

Essa oposição, no entanto, longe de ser contraditória, é, na verdade, complementar. Na medida em que a imagem da atriz é valorizada pelas atribuições presentes na voz do diretor, o tom de modéstia nas autoatribuições de Marília Pêra é reforçado, já que, embora ela seja reconhecida como uma das melhores atrizes do mundo pela sua dedicação, ela própria não se reconhece assim e resguarda a sua imagem como uma profissional pouco pretensiosa.

Como dissemos anteriormente, esse exemplo mostra como os processos que estamos abordando estão integrados e operam de maneira conjunta na construção da referência. Essas citações colocam em evidência predicações que atribuem propriedades

ao referente, de modo a homologar a (re)categorização mútua e, ainda, aparecem em destaque no olho da matéria. A separação que apresentamos aqui é, portanto, uma estratégia metodológica que nos ajuda a organizar este capítulo de análise e observar mais detalhadamente cada um desses processos.

Na leitura inicial, de caráter mais exploratório, o leitor vai "pinçar" essas informações que saltam aos olhos e, na conjunção desses elementos, construir uma representação acerca de um objeto-de-discurso. Articulados pela diagramação, fotografia(s), expressão nominal em destaque e outros elementos em saliência constroem uma trajetória de leitura dinâmica que reflete no modo como se dá a construção referencial. Longe de o referente se constituir numa relação sequencial que se inicia por uma categorização e segue sofrendo sucessivas (re)categorizações unicamente por meio de uma cadeia referencial, mostramos que as atribuições de propriedades se estendem em várias direções e o objeto-de-discurso emerge de diferentes relações resultantes do próprio movimento de leitura do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa foi desenvolvida no sentido de colaborar para novas perspectivas acerca do funcionamento de processos que constituem o texto. Focalizamos o fenômeno da referenciação sobre o qual ainda há muito a se dizer, principalmente, quando visto sob um prisma ampliado, como o que tentamos mostrar motivados pela segunda agenda nos estudos sobre o assunto e por trabalhos como o de Custódio Filho (2011).

Abordamos a construção referencial levando em conta o fenômeno da multimodalidade, o que nos levou a adotar diferentes quadros teóricos para dispensar um tratamento mais adequado às nossas análises. Admitindo uma relação de articulação entre verbal e não verbal, mostramos a construção de objetos-de-discurso referentes a *figuras públicas* no jornal impresso *Folha de S. Paulo*.

A importância de se considerar o não verbal no processo de referenciação já vinha sendo discutida em trabalhos como o de Mondada (2005), Bentes e Rio (2005) e Custódio Filho (2011), por exemplo. Mas, ao focalizar a relação entre verbal e não verbal no jornal impresso, buscamos destacar um suporte que a nosso ver potencializa a multimodalidade, dadas as estratégias de diagramação necessárias em sua organização.

Tais estratégias destacam a necessidade que o jornal impresso tem de se atualizar frente ao espaço digital, por exemplo, que vem ganhando cada vez mais a adesão dos leitores. Dessa maneira, a diagramação e a articulação do material verbal e não verbal cumprem a função de chamar a atenção do leitor, tornando a página mais atraente e a leitura mais dinâmica.

No tocante ao estudo da referenciação nesse suporte, nossos resultados mostram que a construção do referente se manifesta numa articulação mútua entre esses materiais. E, dada a complexidade que caracteriza a diagramação, a elaboração do objeto-de-

discurso emerge de relações tentaculares e dinâmicas resultantes de diferentes movimentos de leitura, o que vai além de uma visão linear e sequencial tradicionalmente atribuída à construção referencial.

Focalizamos, aqui, o caso particular do processo que chamamos de *(re)categorização mútua*, resultante, mais especificamente, da articulação entre uma fotografia e uma expressão nominal em destaque na página do jornal. Conforme explicamos, esse processo é caracterizado por uma ancoragem de "mão-dupla" entre esses dois elementos, ou seja, a expressão nominal se explica baseada no modo como o referente aparece na fotografia ao mesmo tempo em que incide sobre essa representação. Em outras palavras, a representação visual do referente esclarece a atribuição verbal realizada pela expressão nominal, assim como a expressão nominal ancora a representação visual.

O processo de construção referencial, nas composições de nosso *corpus*, se dá, principalmente, a partir dessa relação entre fotografia e expressão nominal em destaque, que vai sendo realimentada por outros processos presentes em outras porções textuais. Tratamos da predicação, do discurso citado e de informações em destaque na composição, como o olho e o subtítulo da matéria. Nessas porções textuais, ocorrem recategorizações que vão homologando a (re)categorização mútua. É importante salientar que a divisão que fizemos para demonstrar as recategorizações nessas porções textuais foi uma estratégia metodológica e uma maneira mais didática para abordagem desses processos. Lembramos que essas porções de texto muitas vezes se sobrepõem e que esses processos atuam de maneira integrada, revelando a coesividade que caracteriza nossas composições.

Considerar o não verbal, as predicações, o discurso citado, trechos inteiros de texto em destaque, além da diagramação como elementos que constituem o processo referencial, só é possível graças às ampliações propostas pela segunda tendência nos

estudos sobre referenciação, cuja concepção se desvincula da noção de correferencialidade e de progressão referencial, estabelecidas por relações anafóricas entre sintagmas nominais e pronomes.

Vimos que, no processo de leitura, os elementos em destaque abordados, quando hierarquizados na composição, vão guiando o leitor para aquilo que é mais saliente sobre o objeto-de-discurso. Como mostramos, essa orientação é variada e pode se realizar em diferentes direções, tornando a construção referencial mais dinâmica. Isso confirma as postulações sobre as relações tentaculares que caracterizam o processo referencial, que, longe de se constituir em cadeias, depende dos movimentos que o texto leva o leitor a realizar.

Com nossos exemplos, demonstramos essa dinâmica, considerando, na análise do processo referencial, a disposição do material verbal e não verbal na página do jornal. Todos esses elementos são reveladores do modo como se elaboram as versões de mundo, o que ratifica a perspectiva sociocognitivo-interacional de que os referentes são constructos que emergem de uma atividade de linguagem em que estão envolvidos fatores de ordem cultural, interacional, experiencial.

No processo de referenciação, esses fatores convergem, como lembram Koch e Cunha-Lima (2007, p. 255), na realização de "ações verbais" que resultam de uma vida psicológica individual e de ações públicas e históricas. Este trabalho vem somar a essas ações verbais o não verbal, contemplando a natureza multimodal do jornal impresso. Esperamos, com nossas interpretações, possibilitar novos questionamentos que busquem ampliá-las ou, ainda, contrariá-las. Entendemos que o propósito final é o de sempre oferecer melhores explicações sobre os fenômenos da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. Construction de la référence et strategies de designation**.** Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (Org.). *Du sintagme nominal aux objects-de-discours*. SN complexes, nominalisation, anaphors. Neuchâtsh: Université de Neuchâtsh, 1995, p. 227-271.

AUTHIER-REVUZ, J. Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro. In: *Letras de Hoje.* Porto Alegre, v. 34, nº 2, p. 7-30, junho de 1999.

BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso*. Tradução Isabel Pascoal. Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. *A câmara clara*: nota sobre a fotografia. Rio de janeiro: Nova fronteira, 1984.

BASSETO, L. M. T. *O processo de construção referencial nas crônicas de temas políticos escritas por Carlos Heitor Cony*. 158 f. Dissertação (mestrado em Linguística). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2008.

BEAUGRAND, R. de. *New foundations for science of text and discourse*: cognition, communication and freedon of acess to knowledge and society. Norwood, N.J.: Ablex Publising Corporation, 1997.

BENITES, S. A. L. *Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico.* São Paulo: Arte & Ciência; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 2002.

BENTES, A. C.; RAMOS, P.; ALVES FILHO, F. Enfrentando desafios no campo de estudos do texto. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). *Linguística de texto e análise da conversação:* panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 389-428.

BENTES, A. C.; RIO, V. C. A construção conjunta da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 265-291.

BENVENISTE, É. Natureza do signo linguístico. In: ____. *Problemas de linguística geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4. ed. Campinas-SP: Pontes, 1995[1996]. p. 53-59.

_____. Semiologia da Língua. In: ___. *Problemas de linguística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas-SP: Pontes, 1989. p. 43-67.

_____. O aparelho formal da enunciação. In: ___. *Problemas de linguística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas-SP: Pontes, 1989. p. 81-90

BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

BOUDIEU, P. *Un art moyen*. Paris: Minuit, 1995. p.108-109.

CAGNIN, A. L. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

CARDOSO, S. H. B. *A questão da referência*: das teorias clássicas à dispersão de discursos. Campinas: Autores Associados, 2003.

CARVALHO, F. F. A primeira página de jornais portugueses à luz da análise multimodal. *Anglo saxônica*, ser. II, n. 26, p. 223-243, 2008.

_____. Semiótica social e gramática visual: o sistema de significados interativos. *Anglo saxônica*, ser. III, n. 1, p.264-281, 2010.

CAVALCANTE, M. M. *Referenciação*– sobre coisas ditas e não-ditas. Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. *Revista do Gelne*, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Tradução Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CHOMSKY, N. Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas. Tradução Lúcia Lobato; revisão Mark Ridd. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 331 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CUSTÓDIO FILHO, V.; SILVA, F. O. O caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALVANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Orgs.) *Referenciação*: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013, p. 59-85.

DONDIS, A. D. *Sintaxe da linguagem visual*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DUBOIS, P. Da verossimilitude ao índice: pequena retrospectiva histórica sobre a questão do realismo na fotografia. In:___. *O acto fotográfico*. Tradução Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja, 1992. p. 17-50.

HERNANDES, N. *A mídia e seus truques*: o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

JUBRAN, C. C. A. S. O discurso como objeto de discurso em expressões nominais anafóricas. *Caderno de estudos linguísticos*. Campinas, n. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003.

JULLIER, L.; MARIE, M. *Lendo as imagens do cinema.* Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

KOCH, I. V. A construção sociocognitiva da referência. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (orgs.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005, p. 95-107.

_____. *Introdução à linguística textual*: trajetórias e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Linguística*. v. 3: fundamentos epistemológicos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 251-300.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *DELTA:* Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 14, p. 169-190 (número especial), 1998.

_____. Referenciação. In: JUBRAN. C. C. A. S.; KOCH, I. V. (Orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006, p. 381-399.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-52.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: the Grammar of visual design*. London: Routledge, 2006 [1996].

LEITE, Ricardo L. *Metaforização textual***:** a construção discursiva do sentido metafórico no texto. 212p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007a.

_____. Da recategorização metafórica à metaforização textual. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.) *Texto e discurso sob múltiplos olhares*. v. 2: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b, p. 104-122.

MACHADO, A. *A ilusão especular*: introdução à fotografia. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação.* Tradução Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCUSCHI, L. A. Discurso, cognição e gramática nos processos de textualização. In: Encontro de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal: discurso e gramática, 6, 2002, Brasília. *Anais*...Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MONDADA, L. Gestion du topic et organisation de la conversation. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 41, IEL/UNICAMP, p. 7-36. 2001.

_____. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-31.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

ROMERO, R. *Estudo do novo projeto gráfico do jornal Folha de S. Paulo – maio de 2010*. 98 f. Dissertação (mestrado em Comunicação). Universidade Paulista. São Paulo, 2012. Disponível em: http://www1.unip.br/ensino/pos_graduacao/strictosensu/comunicacao/download/comunic_rafaelromero.swf. Acesso em: 20 abr. 2015.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

VAN LEEUWEN, T. *Introducing Social Semiotics*. London & New York: Routledge, 2005.

_____. Towards a semiotics of typography. In: *Information Design Journal*. 14(2), p. 139-155, 2006.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 04 de setembro de 2015

NATALIA SANTOS CICERI DE OLIVEIRA